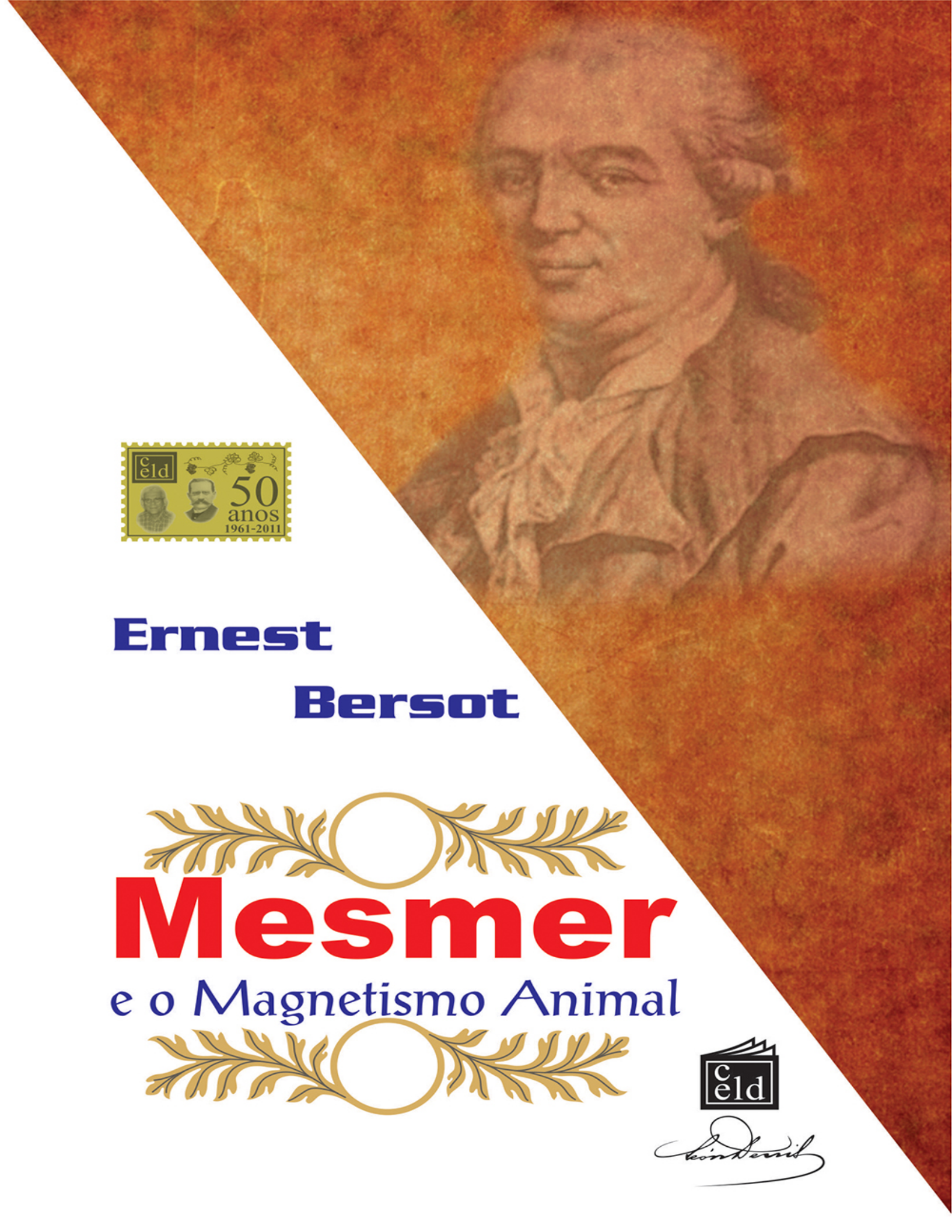

Ernest

Bersot

Mesmer

e o Magnetismo Animal

Mesmer

e o Magnetismo Animal

CIP - BRASIL - CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

154.72
B454m

Bersot, Ernest.

Mesmer e o Magnetismo Animal/Ernest Bersot; tradução de José Jorge. — 1. ed. Rio de Janeiro: CELD, 2016.

184 p.; 14 x 21 cm
eISBN: 978-85-7297-588-9

1. Magnetismo Animal.

I. Jorge, José

II. Título.

W. Gualberto
CRB/7-1288

ODC: 154.72

Ernest Bersot

Mesmer
e o Magnetismo Animal

1ª Edição

Tradução de José Jorge

CELD
Rio de Janeiro — 2016

MESMER E O MAGNETISMO ANIMAL
Ernest Bersot
Do original francês:
Mesmer et le Magnétisme Animal

1ª Edição: setembroo de 2016;
1ª tiragem, do 1º ao 3º milheiro.

Tradução:
José Jorge

Capa e diagramação:
Luiz de Almeida Júnior

Revisão:
Barbara Santos e Teresa Cunha

Arte-final:
Roberto Ratti

Produção de ebook:
S2 Books

Para pedidos de livros, dirija-se ao
Centro Espírita Léon Denis
(Distribuidora)
Rua João Vicente, 1.445, Bento Ribeiro,
Rio de Janeiro, RJ. CEP 21610-210
Telefax (21) 2452-7700
Site: www.edicoesleondenis.com.br
E-mail: editora@leondenis.com.br

Centro Espírita Léon Denis
(Livraria João de Deus)
Rua Abílio dos Santos, 137, Bento Ribeiro,
Rio de Janeiro, RJ. CEP 21331-290
CNPJ 27.921.931/0001-89
IE 82.209.980
Tel. (21) 2452-1846
Site: www.celd.org.br
E-mail: livraria@leondenis.com.br

Remessa via Correios e transportadora.

Todo produto desta edição é destinado à manutenção das obras sociais do Centro Espírita Léon Denis.

CÓPIA NÃO AUTORIZADA É CRIME
ABDR
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE DIREITOS REPROGRÁFICOS
RESPEITE O DIREITO AUTORAL

SUMÁRIO

Capa

Ficha catalográfica

Folha de rosto

Créditos

Primeira Parte - História

- Capítulo 1. Mesmer. Seu início na Alemanha
- Capítulo 2. Mesmer em Paris
- Capítulo 3. Primeiras relações com os sábios
- Capítulo 4. Deslon pede uma sindicância à Faculdade
- Capítulo 5. O governo nomeia comissões para examinar o magnetismo (1784)
- Capítulo 6. Derrota do mesmerismo em Paris
- Capítulo 7. O magnetismo nas províncias
- Capítulo 8. Última aparição de Mesmer
- Capítulo 9. Ressurreição do magnetismo
- Capítulo 10. Primeira comissão nomeada pela Academia de Medicina
- Capítulo 11. Nova pesquisa pedida pelo Dr. Berna à Academia de Medicina
- Capítulo 12. Prêmio proposto pelo Dr. Burdin

Segunda Parte - Questões e Dúvidas sobre o Magnetismo Animal

- Capítulo 1. Histórias semelhantes às Histórias do Magnetismo
- Capítulo 2. Histórias semelhantes às Histórias do Magnetismo (continuação): Tremedores das Cévennes
- Capítulo 3. Histórias semelhantes às Histórias do Magnetismo (continuação): Convulsionários de Saint-Médard

Capítulo 4. Histórias semelhantes às Histórias do Magnetismo (continuação): Exorcismos de Gassner

Capítulo 5. Diversos julgamentos desses fatos

Capítulo 6. Condições para acreditar nos fatos

Capítulo 7. Explicação dos fatos

Capítulo 8. Poder das causas naturais

Capítulo 9. Estados extraordinários do corpo

Capítulo 10. Estados extraordinários da alma; exaltação das faculdades intelectuais

Capítulo 11. Resumo

Capítulo 12. Conclusão

Franz A. Mesmer
(1734 - 1815)

Primeira Parte
HISTÓRIA

Capítulo 1

Mesmer. Seu início na Alemanha. Tese sobre a influência dos planetas. Encontro com o padre Hell e com Gassner

Mesmer nasceu em 1734, na Alemanha; dizem uns, em Viena, outros, em Weiller e, ainda outros, em Mersebourg.

Em 1766, doutorou-se em Medicina na Faculdade de Viena. O tema de sua tese era: *Da Influência dos Planetas sobre o Corpo Humano*.

Como os planetas influenciavam uns aos outros e como o Sol e a Lua influem em nossa atmosfera e nossos mares, ele concluiu que esses grandes corpos também influem nos corpos animados, particularmente sobre o sistema nervoso, por meio de um fluido muito sutil, que em tudo penetra.

E, da mesma forma, como, sob essa influência, se operam no mar um fluxo e um refluxo, também há, nos corpos animados, uma tensão e uma retração, como nas marés.

Esse fluido sutil, agente geral de todas essas mudanças, assemelha-se, por suas propriedades, a um ímã e, em consequência, se chamará *magnetismo animal*.

Em 1774, Mesmer foi ao encontro do padre Hell, jesuíta, professor de Astronomia, que, estabelecido em Viena, curava enfermidades por meio de ferros imantados. Ele havia curado, especialmente, uma senhora de uma doença cardíaca crônica e ele próprio se curou de um reumatismo agudo.

Vinte anos antes, Lenoble se notabilizara na construção desses ímãs e havia dois séculos que Paracelso recomendara esse remédio contra as dores de dentes.

Mesmer, impressionado com as experiências que presenciava, e achando

nesses efeitos a confirmação de suas teorias astronômicas, fundou uma casa de saúde na qual se propunha a tratar as doenças, gratuitamente, pelos mesmos processos.

Magnetizando e eletrizando, ele mandou construir lâminas e anéis imantados que remeteu a seus colegas, em diversas partes da Alemanha, e publicou, nos jornais de Viena, as curas que realizava.

Inúmeras pessoas atestaram que haviam sido curadas de várias enfermidades, entre elas o conselheiro Ostervald, diretor da Academia de Ciências de Munich, atacado de paralisia.

Pouco a pouco, Mesmer se emancipou e quis dispensar os aparelhos do padre Hell. Sustentou a existência do magnetismo animal, essencialmente distinto do ímã, assim como da eletricidade, e renunciou, completamente, em 1773, ao emprego desses dois últimos agentes.

Durante esse tempo, havia tentado curas; debatia-se contra os sábios de seu país, refutando-os numa carta explicativa enviada à maior parte das academias e dos sábios da Europa. Apenas a Academia de Berlim respondeu dizendo que, segundo seu parecer, ele estava sob uma ilusão.

Cansado pelas lutas, viaja à Alemanha e à Suíça. Neste último país ele encontra mais um homem prodigioso que curava as doenças do corpo por um processo extraordinário, diferente do ímã.

Gassner, padre suíço, para curar os males, exorcizava os doentes com bons resultados.

Não se procurava saber se os males eram naturais ou diabólicos. Gassner, por três interpelações e três sinais da cruz, ordenava a Satã que se manifestasse; se não houvesse qualquer resposta, a doença era natural e, então, era tratada com os remédios convencionais. Caso houvesse conclusões, era sinal da presença do diabo e Gassner, com palavras sacramentais e toques de objetos religiosos, o expulsava.

Quando acontecia uma recaída, ele acusava os doentes de, nesse espaço de tempo, terem pecado ou perdido a fé. Segundo essas ideias, ele escreveu, em 1774, um livro: *Maneira Piedosa de Viver*.

Afastado pelo bispo de Mersebourg, chamado pelo bispo de Ratisbonne, conseguiu prodígios.

O famoso Lavater [1] punha nele inteira confiança; mais tarde divulgou o magnetismo na Alemanha. Mesmer viu Gassner operar, reconheceu as curas

e as atribuiu ao magnetismo animal.

Voltando a Viena, Mesmer tratou de uma jovem de 18 anos, cega desde a idade de 4 anos, e afirmou ter-lhe restituído a visão. Como então, após o fato ter sido publicado, por escrito, o pai se apresentou, furioso, a Mesmer, para recuperar sua filha?

Como isto seria possível se essa infeliz foi jogada, de cabeça, contra a parede "por sua bárbara mãe"?

Isto não ficou muito claro e a imperatriz ordenou a Mesmer "acabar com aquela trapaça".

Capítulo 2

Mesmer em Paris. Memória sobre a descoberta do magnetismo. **Le baquet** [2] *de Mesmer.* **La Harpe** *na selha. Mesmer na casa de Holbach. O tempo favorável ao magnetismo*

Mesmer vai para Paris (fevereiro de 1778), onde publica *Memória sobre a Descoberta do Magnetismo* (1779), livro meio astronômico e meio médico que anuncia a descoberta da panaceia universal.

Contanto que conheça e saiba dirigir o fluido magnético, o médico "julgará, seguramente, a origem, a natureza e o progresso das doenças, mesmo das mais complicadas, impedindo seu avanço e providenciando sua cura, sem qualquer perigo. Ele curará, diretamente, as doenças dos nervos e, indiretamente, todas as demais. *A arte de curar chegará, assim, à sua última perfeição. A Natureza oferece um meio universal de curar e de preservar os homens"*.

Ele encontrou um discípulo bem disposto em Deslon, médico-regente da Faculdade e primeiro médico do Conde de Artois, e o iniciou em sua doutrina; vamos vê-los na tarefa.

No meio de uma grande sala está uma caixa circular, em madeira de carvalho, de um pé ou um pé e meio de altura, e que se chama selha.

Esta selha contém apenas água e nela diversos objetos, como vidro moído, limalha, etc., ou ainda, os mesmos objetos a seco, sem que sejam eletrizados ou imantados.

A tampa está perfurada com certo número de furos, de onde saem pedaços de ferro encurvados e soltos.

Num canto da sala está um piano e nele tocam diferentes músicas com variados movimentos, principalmente no fim das sessões. Às vezes, há canto. As portas e as janelas da sala são rigorosamente fechadas e as cortinas deixam penetrar apenas uma luz agradável e fraca.

Os doentes, em silêncio, formam várias filas em torno da selha e cada um tem seu pedaço de ferro que, por meio de uma dobradura, pode ser aplicado sobre a parte doente. Uma corda, passada em volta de seus corpos, os une, uns aos outros.

Algumas vezes forma-se uma segunda cadeia com os doentes comunicando-se pelas mãos, isto é, cada um colocando o seu polegar entre o polegar e o indicador do seu vizinho que, então, aperta o polegar que está segurando; a impressão recebida à esquerda se transmite pela direita e circula pela roda.

Todos aqueles que magnetizam têm na mão uma varinha de ferro comprida, com 10 ou 12 polegadas. Aos que pedem para beber, dão água onde se dissolve o creme de tártaro.

Os doentes são magnetizados, ao mesmo tempo, pelos pedaços de ferro, pela corda, pela união dos polegares, pelo som do piano ou pela voz que canta. Além disso, o magnetizador, fixando os olhos sobre eles, passeia diante de seus corpos ou sobre eles sua varinha ou sua mão, desce dos ombros às extremidades dos braços, toca o lugar doente, os hipocôndrios e as regiões do baixo ventre, algumas vezes durante várias horas. "Então, lembra Bailly, os doentes oferecem um quadro bem variado. Alguns são calmos e nada apresentam; outros tossem, cospem, sentem alguma ligeira dor, um calor local ou um calor geral e têm suores; outros são agitados e atormentados por convulsões. Tais convulsões são extraordinárias por seu número, duração e força; algumas chegavam a durar mais de três horas.

Elas são caracterizadas pelos movimentos precipitados, involuntários de todos os membros e do corpo inteiro, pelo aperto na garganta, sobressaltos dos hipocôndrios e do epigastro, pelo tremor e alucinação dos olhos, gritos penetrantes, choros, soluços e risos descontrolados. São precedidas ou seguidas de um estado de torpor e de sonho, de uma espécie de abatimento e até de adormecimento.

O menor ruído imprevisto causa estremecimentos e notou-se que a mudança de tom e de medida, tocados no piano, influía nos doentes, de sorte que um movimento mais vivo os agitava muito e renovava a

vivacidade de suas convulsões.

Viam-se doentes que se buscavam com ansiedade e, precipitando-se uns sobre os outros, sorrirem, falarem-se com afeição e suavizarem mutuamente suas crises.

Todos estão submetidos àquele que magnetiza; eles têm bom aspecto num adormecimento aparente; sua voz, um olhar, um sinal os desperta.

Não se pode deixar de reconhecer, nesses efeitos constantes, um grande poder que agita os doentes, domina-os, e do qual, aquele que magnetiza, parece ser o depositário. Esse estado convulsivo é chamado crise.

Os membros da comissão observaram que, no número dos doentes em crise, há sempre muitas mulheres e poucos homens; que essas crises demoravam uma ou duas horas para surgirem e que, desde que uma surgisse, todas as outras começavam, sucessivamente e em pouco tempo."

O mestre dessa multidão, aqui, era Mesmer, vestido com uma roupa de seda lilás ou de qualquer outra cor agradável, passeando sua varinha com uma autoridade soberana; lá, Deslon, com seus ajudantes, que ele escolhia entre os jovens e os bonitos.

As salas onde essas cenas se passavam recebiam, na sociedade, o nome de *inferno de convulsões*.

Magnetizavam-se, além do homem, objetos inanimados, principalmente as árvores, amarrando-se ao tronco, aos galhos, cordas que os doentes aplicavam em seus males.

Quando era a água que se magnetizava, ela tomava um sabor e uma temperatura apropriados para o doente em crise.

Houve pequenos fracassos; não se conseguia ter bom êxito em todos os casos, e, se a testemunha desse insucesso era algum homem ilustre, um daqueles que influem na opinião, o magnetismo sofria com isso.

La Harpe foi à casa de Deslon oito dias consecutivos sem nada comprovar das mãos do magnetizador. Pediu limonada e achou-a um pouco ácida; era um medicamento: "Estou bem, não me sujeito a qualquer coisa. Não encontraram nada melhor e me deram um purgativo".

Afinal ele saiu e comunicou por toda parte a impressão que registrou em suas *cartas*: "Nada vi lá, conscientemente, que haja parecido ridículo e desagradável, exceto a harmônica que se toca de tempos em tempos na sala da selha".

O mestre já havia fracassado na casa de Holbach. Ele levava uma carta de

recomendação para o barão e, pouco após sua chegada a Paris, apresentou-a e foi convidado a jantar com todos os filósofos da sociedade.

"Seja por ele mesmo ou porque seus ouvintes estivessem mal preparados para os maravilhosos efeitos do magnetismo, ele não causou, disse Grimm, nenhuma impressão a ninguém e, desde esse desagradável contratempo, nunca mais apareceu na casa de Holbach."

Eis que, para humilhar Mesmer, no mesmo momento, o doutor Thouvenel, um sábio químico, havia composto um preparado de pó de ímã fortemente eletrizado, que ele achava ser suficiente esfregar nas mãos ou colocá-lo em saquinhos, em seu bolso, para produzir, mais ou menos, os mesmos efeitos que Mesmer produzia. Conseguiu demonstrar na casa de Holbach, para várias pessoas, o que Mesmer não conseguira fazer.

Em suma, Mesmer chegou e morou em Paris num tempo que lhe era favorável. Voltaire estava morrendo. Ele havia, durante 50 anos, vigiado a razão como tutor bastante severo, que não lhe perdoava a menor fantasia, o menor excesso: com Voltaire morto, ela ficava livre. Ao demais, vivia-se um momento de soberba confiança no poder do espírito humano: descobriu-se a inoculação, Franklin havia inventado o para-raios, os irmãos Montgolfier inventavam os aerostatos.

Se o homem já podia isso, o que mais não se poderia?

Condorcet, poucos anos depois, afiançou que não se morreria mais! Quando, aos filósofos, eram permitidos esses prognósticos, a multidão tinha o direito de esperar e de crer um pouco mais além do permitido. O próprio maravilhoso pareceu, então, muito natural.

Os jornais anunciam que um homem encontrou um meio de andar sobre as águas, sem submergir; faz-se uma subscrição bastante considerável para convidá-lo a fazer uma experiência no rio Sena. Imediatamente a subscrição se encheu e toda a corte contribuiu. Uma única pessoa se achou com o direito de duvidar: foi o rei. Lógico que o homem em questão não se apresentou e só existia nos jornais. Houve risos, transformou-se a subscrição numa ajuda caritativa e tudo terminou.

É, com efeito, a lógica de todos os tempos: se, em balão, viaja-se pelos ares, pode-se, portanto, andar sobre a água; comunica-se, num instante, entre grandes distâncias, por meio de fios elétricos, pode-se, portanto, comunicar, na hora, de um ponto a outro do mundo, por meio de bússolas

magnéticas ou de "*escargots* simpáticos". [3]

A demarcação entre o possível e o impossível é sempre flutuante, particularmente para certas épocas de progresso.

Já no tempo de Madame Pompadour, um célebre personagem, o Conde de Saint-Germain representava o mistério. Ele dizia ter vivido há séculos e falava de Carlos V, Francisco I e de Jesus Cristo, como de seus contemporâneos, tendo, nesse intervalo, recolhido admiráveis segredos. Depois dele, Cagliostro continuou sua tradição.

Grimm nos deixou o seguinte sobre ele: "A pedido do Cardeal de Rohan, Cagliostro veio de Strasbourg a Paris ver o Príncipe de Soubise, gravemente enfermo, e só apareceu na época de sua convalescença. Algumas pessoas da amizade do cardeal, que foram consultá-lo, conheceram suas fórmulas e nunca conseguiram fazer com que aceitasse qualquer reconhecimento.

Supôs-se, por muito tempo, que o Conde Cagliostro era um camareiro desse famoso Saint-Germain muito falado na época de Madame Pompadour. Acredita-se, hoje, que ele é o filho de um diretor das minas de Lima. O que há de certo é que ele possui sotaque espanhol (quatro anos após, achavam que ele tinha sotaque napolitano) e que parecia muito rico.

Um dia, na casa da Condessa de Brienne, quando o pressionavam a explicar a origem de uma surpreendente e tão misteriosa existência, respondeu, sorridente: "Tudo o que posso dizer é que nasci no meio do Mar Vermelho e que fui criado sob as ruínas de uma pirâmide do Egito e que lá fui abandonado por meus pais. Achei um bom ancião que tomou conta de mim e dele consegui tudo o que sei".

Mesmer achou, assim, um aliado natural no misticismo que mantinha discretamente.

Havia na França discípulos secretos de Swedenborg e de Saint-Martin, aos quais o magnetismo interessava, pois existia entre o místico e o magnetizador uma pretensão comum: a de estabelecer relações diretas de alma para alma, sem o intermédio do corpo.

Swedenborg viajou 24 anos no mundo dos espíritos e narrou o que viu. De início o magnetismo foi bem modesto, mas depois se emancipou.

Capítulo 3

Primeiras relações com os sábios: com a Academia das Ciências, a Sociedade Real de Medicina, a Faculdade de Medicina. Mesmer ameaça deixar a França. Ofertas que lhe faz o governo: recusadas. Ele se dirige a Spa

As relações de Mesmer e de Deslon com os sábios foram desagradáveis. Tiveram demandas, sucessivamente, com a Academia das Ciências, a Sociedade Real de Medicina, a Faculdade de Medicina, sem resultado prático.

Desde sua chegada a Paris, Mesmer fez tentativas junto ao senhor Le Roi, então presidente da Academia das Ciências, o qual havia presenciado suas experiências e dignou-se a fazer um relatório, em sua companhia, sobre as opiniões de Mesmer.

O senhor Le Roi preparava-se para isso quando Mesmer, julgando o auditório desatento naquele dia, e os espíritos maldispostos, insistiu para que ele adiasse o ato para um outro dia, o que, aliás, não aconteceu.

Retirado para Creteil com alguns doentes, ele escreveu à Academia dizendo que estava preparado para fazer experiências sobre esses doentes diante de deputados que ela escolheria. A Academia não julgou as condições satisfatórias e as recusou.

Dirigiu-se, então, à Sociedade Real de Medicina e ficou combinado que vários membros dessa Sociedade examinariam os métodos de Mesmer, mas, primeiro, constatariam o estado dos doentes.

Não houve consenso sobre o primeiro doente apresentado por Mesmer como epilético, não ficando, os médicos, convencidos. Em consequência,

ele não lhes enviou mais ninguém para exame.

De repente, Mesmer foi avisado que uma comissão chegava a Creteil. Ele protesta e não aceita, indo queixar-se aos membros da comissão por seu procedimento.

Estes afirmam que desejam atender a um pedido de Mesmer, que desaprova todas as propostas. Separam-se com amargura.

A uma carta da Sociedade, que lhe lembra a condição, combinada, do exame prévio dos doentes, Mesmer responde com um simples convite para marcar dia para um encontro em Creteil, substituindo o exame prévio pelos atestados médicos dos próprios membros da comissão, o que foi logo recusado pela Sociedade, a qual achou que, para estarem certos de que os doentes tinham sido curados, era necessário estarem certos de que os curados estavam doentes.

Afinal, o magnetismo teve problemas com a Faculdade de Medicina. Deslon, professor dessa Faculdade, recém-convertido e que acabara de publicar suas *Observações sobre o Magnetismo Animal*, pediu a seus colegas uma assembleia geral para prestar contas das observações que ele havia feito e das proposições de Mesmer. Eles a concedem, de acordo com o Estatuto.

Durante esse tempo, a irritação contra a trânsfuga crescia e um jovem professor, senhor Vauzèmes, dispôs-se a acusar Deslon de ter faltado à honra e aos regulamentos da Faculdade e a pedir sua eliminação da lista dos doutores regentes; fixou-se para suas interpelações o mesmo dia que se havia fixado para Deslon (setembro de 1780).

A sessão começou com um discurso violento de Vauzèmes. Deslon replicou com serenidade e apresentou as proposições de Mesmer. Uns 24 doentes deviam ser escolhidos pela Faculdade e pelo autor. Seriam 12 tratados pela Faculdade e 12 pelo autor. Os doentes seriam escolhidos por sorteio e seu estado de saúde seria constatado pela Faculdade, pelo autor e comissários do governo. Os juízes dos resultados seriam os comissários do governo, mas, a fim de evitar qualquer suspeita de parcialidade, eles não poderiam estar vinculados a nenhum grupo médico.

A Faculdade rejeitou as propostas de Mesmer, suspendeu Deslon por um ano, sem voto nas Assembleias Deliberativas da Faculdade, com o seu cancelamento do quadro dos médicos da Faculdade, ao cabo de um ano, se ele não se corrigisse.

Assim repelido, Mesmer dirigiu-se ao governo e, após as primeiras negociações, anunciou a intenção de deixar a França. A emoção foi grande entre os doentes que se abalaram, e a rainha, em consideração a Mesmer, mandou-o a um ministro, senhor de Breteuil, onde um primeiro acordo foi assinado.

Se Mesmer fizesse suas comprovações, o governo deveria: 1º – reconhecer que ele tinha feito uma descoberta útil; 2º – doar-lhe um castelo e terras, onde ele trataria seus doentes; 3º – dar-lhe uma pensão, vitalícia, de 20 mil libras. Dos comissários nomeados pelo governo, somente dois poderiam ser da Sociedade de Medicina.

Alguns dias depois, o mesmo ministro declarava a Mesmer que estava satisfeito quanto ao tratamento e o dispensava do exame com os cinco comissários e pedia, apenas, que ele admitisse, no número dos seus auditores, três sábios nomeados pelo governo, que prestariam contas do que vissem. Se o relatório fosse desfavorável não acarretaria a revogação de nenhuma das vantagens concedidas, se fosse favorável, ele lhe proporcionaria novas e soberbas vantagens.

O fato é estranho, mas Mesmer recusou tudo e partiu para Spa.

Capítulo 4

Deslon pede uma sindicância à Faculdade. Subscrição para chamar Mesmer. Ele retorna e dá um curso. Sociedade da Harmonia. Discussões de interesse com seus alunos. Irritação da Faculdade contra os membros mesmeristas: formulários, cancelamentos. Mesmerianos e deslonianos. Controvérsias nos livros

Entretanto, Deslon, ainda sob o golpe do cancelamento, com audácia, apresentou-se perante a Faculdade, propondo-se a operar sob seus olhos e concordando em ser julgado por ela.

Mesmer emudeceu, temendo ver seu segredo divulgado ou comprometido; e, dos discípulos que possuía, o advogado Bergasse e o banqueiro Kornmann abriram uma subscrição que devia contar com 100 pessoas, no mínimo, a 100 luíses cada, meio pelo qual o mestre os instruiria em sua descoberta.

Essa subscrição chegou logo a 340 mil libras. Mesmer, gratificado por essa oferta e inquieto por Deslon, retorna. Os auditores se apoderaram do segredo e formaram uma *Sociedade da Harmonia*, que teve filiais em diversas cidades, como Strasbourg, Lyon e Bordeaux.

Foi o tempo do sucesso e da luta.

Luta de Mesmer com seus alunos, que pretendiam ter comprado o direito de divulgar a descoberta do magnetismo animal e a divulgaram, com efeito, em cursos públicos. Mesmer pretendia explorá-la sozinho e divulgá-la nas diversas cidades, por meio das subscrições de 50 luíses por pessoa.

Luta de Mesmer e de Deslon, que se dividiram com participantes do magnetismo.

Luta da Faculdade contra seus membros, que seriam tentados em aceitar a nova doutrina, com a invenção de um formulário para assinar, sob pena de exclusão (D'Onglée e Varnier recusaram-se e foram expulsos).

Luta dos discípulos contra a opinião, em diversos manifestos, e da opinião contra eles em comédias, peças em versos e livros sérios ou satíricos.

O relatório dos comissários reais e o da Faculdade espalharam ou provocaram todo esse barulho.

Nosso tempo não conheceu um cisma que mais se destacasse. Houve mesmerianos e deslonianos, inimigos implacáveis.

Desde que os mestres foram confundidos, os discípulos se confundiram. Mesmer tinha para si sua autoridade de chefe da escola, sua idade e seus numerosos prodígios em diversas regiões. Deslon tinha para ele as graças da juventude e do espírito.

A reputação de Mesmer estava feita, grande sedução! A de Deslon estava por fazer, grande tentação!

Enfim, para as almas apaixonadas não é bastante uma religião, é preciso uma seita. Não basta amar alguma coisa, é preciso odiar alguém.

Mesmerianos e deslonianos se odiaram então, de todo o coração. Não choveu sangue, porém, malícias que fizeram um pouco de mal a todos.

Mesmer e Deslon, querendo parar essa guerra desagradável, se reconciliaram. Houve uma trégua entre os partidos, mas as hostilidades recomeçaram cedo, com cenas bem vivas, e terminaram em escândalo, o que forçou Mesmer e Deslon a se separarem novamente. Notem que os partidos eram numerosos e consideráveis: graças à popularidade e ao favor da rainha, o magnetismo interessava nada menos que à metade da corte.

Surgiram, prós e contras o magnetismo, inúmeras brochuras e livros, dos quais se pode ver o detalhe em Deleuze (*História Crítica do Magnetismo Animal*).

O padre Hervier, doutor na Sorbonne, se distinguia mesmo entre os entusiastas: ele louvava o retorno da idade de ouro, o triunfo do mesmerismo sobre a doença e a morte.

Entre os adversários estava Berthollet que, após ter acompanhado o curso de Mesmer durante um mês, retirou-se afirmando que nada havia visto nem entendido, de novo ou de sólido, nada além do que produz, entre todos os

animais, a tendência à imitação; e Thouret, futuro diretor da Escola de Medicina, nessa época em reorganização, para tirar do magnetismo o seu prestígio, quis lhe suprimir sua novidade.

Inicialmente, sobre essa força vital, universal, não há como escolher textos entre os sábios que precedem. Entretanto, sobre a semelhança dessa força com o ímã, há curiosa aproximação.

Paracelso olhava o homem como um ímã entre dois polos, estando o polo ártico na boca. Ele até acrescentava: "Se, acima de um barco na água, se suspendesse exatamente, por algum meio, um homem em equilíbrio, sua face se voltaria sempre, naturalmente, para o Norte".

Quanto à marcha do agente magnético e às suas virtudes, Pierre Borel escreveu antes de Mesmer: "As emanações se estendem a distâncias muito grandes, em todos os sentidos, pela reflexão dos raios da luz e da ação do vento". E Libanius pensa que se pode refleti-lo, como a luz, por um espelho, e dirigi-lo assim sobre um indivíduo. Concebe-se, acrescenta, que é assim que o basilisco [4] se mata e que mulheres, impregnadas de veneno, olhando muitas vezes no gelo, o refletem em seus olhos e seu rosto.

Doppet, um dos auditores de Deslon, dizia engenhosamente, precisamente, da confissão de Deleuze: "Os que conhecem o segredo, dele duvidam mais do que os que o ignoram".

Eram necessários mais rudes golpes para abater o magnetismo e eles não lhe foram poupados.

Capítulo 5

O governo nomeia comissões para examinar o magnetismo (1784): comissão da Sociedade Real, comissão da Faculdade e da Academia das Ciências. Relatório público da última comissão (Bailly). Relatório secreto. Relatório da Sociedade Real. Relatório particular de Laurent de Jussieu. Mesmer retorna à Alemanha

Tendo Deslon pedido uma pesquisa à Faculdade de Medicina, o governo resolveu terminar essa disputa. Pediu à Faculdade e à Sociedade Real de Medicina para fazerem um relatório sobre o magnetismo. Entre os membros que ele nomeou na Sociedade Real de Medicina estava Laurent de Jussieu. Escolheu, igualmente, vários médicos na Faculdade e, a seu pedido, juntou cinco membros da Academia das Ciências, entre outros, três homens ilustres: Franklin, Lavoisier e Bailly. Este último foi o relator.

O relatório coletivo da Faculdade e da Academia das Ciências foi contrário e terrível, pela autoridade dos que o assinaram.

Inicialmente, tratava-se de saber o que se devia constatar e por qual meio se poderia fazer a constatação.

Deslon anunciava o fluido descrito por Mesmer. Este fluido escapava a todos os sentidos, apesar de algumas ilusões contrárias, e não se pode reconhecê-lo senão por sua ação sobre os corpos animados.

Pode-se observar essa ação contínua durante muito tempo e sua virtude curativa, ou seus efeitos momentâneos e as mudanças súbitas que ela produz nos corpos.

Deslon queria que se seguisse o primeiro método, que se desse ao fluido o tempo para agir e curar, mas os membros da comissão não o consentiram,

pois esse caminho lhes pareceu duvidoso.

Com efeito, como constatar, com certeza, que uma cura, aparecida após tratamento magnético, é obtida por esse tratamento e que não o é pela natureza, quando os médicos verificam, tão frequentemente, que ela age por si mesma, sem seus remédios, e que, mesmo após ter aplicado remédios provados, não se atrevem nunca a lhes atribuir infalivelmente a cura obtida?

Aliás, Mesmer havia rejeitado esse processo, quando lhe foi proposto por um dos membros da Academia das Ciências: "É", disse ele, "um erro crer que essa espécie de prova seja sem réplica; nada comprova, demonstrativamente, que o médico ou a Medicina curam os doentes".

Era preciso, portanto, cuidado com os efeitos momentâneos.

Os membros da comissão se submetem ao tratamento oito dias consecutivos e nada comprovam. Observando as experiências tentadas nos outros, notam a extrema diferença do tratamento privado e do tratamento público: de um lado, calam-na; do outro, a agitação desordenada. Em 14 doentes, 5 pareciam experimentar os efeitos e 9 nada apresentavam.

Antes de atribuir ao magnetismo efeitos observados, é preciso considerar a posição de uma pessoa ignorante, atacada por uma doença e desejando curar-se, conduzida com aparato diante de uma grande assembleia, composta, em parte, de médicos e onde lhe ministram um tratamento novo do qual ela se persuade, antecipadamente, de que vai conseguir prodígios. Acrescente-se que sua complacência está recompensada e que ela acredita nos satisfazer muito mais, dizendo que lhe sente os efeitos.

Os membros da comissão se dirigem para um outro médico, Jumelin, que exerce o magnetismo sem distinção de polos e segue, por consequência, outros processos.

Cerca de 10 pessoas são magnetizadas, sem nada sentirem. Uma mulher parece ser um paciente mais sensível: fecham-lhe os olhos, magnetizam-na e ela fica desnorteada. Descobrem-lhe os olhos e colocam as mãos sobre os hipocôndrios, ela se sente mal.

Novamente vendados os olhos, ela é persuadida de que está magnetizada e sente os mesmos efeitos. Magnetizada sem ser avisada, nada experimenta.

Diversos, como essa mulher, demonstram alguma coisa quando não se age, e nada demonstram quando se age.

Até uma mulher que com os olhos vendados nada sente, magnetizada, sem as vendas, em três quartos de minuto torna-se muda.

A variedade dos processos é, portanto, indiferente, e a imaginação contribui muito, principalmente se for observado que, fazendo as perguntas, o magnetizador determina os efeitos que devem ser comprovados e dita a resposta.

O doutor Sigault, incrédulo do magnetismo, fazendo crer a várias pessoas que tem o segredo de Mesmer, faz maravilhas como seu pretenso mestre. Mal o vidente estende sua mão e uma mulher está prestes a cair em convulsões.

Retornemos a Deslon; quando uma árvore é magnetizada, deve suceder, segundo a doutrina, que qualquer pessoa que ali se detenha experimente os efeitos.

Fez-se a experiência em Passy, na presença de Franklin. Deslon magnetiza uma árvore em um pomar. Leva-se um garoto de 12 anos, com os olhos vendados, paciente reconhecido por ser muito sensível. Na primeira, segunda e terceira árvores, a uma distância de 30 e alguns pés da árvore magnetizada, ele demonstra uma perturbação que vai crescendo. Na quarta árvore, aproximadamente a 28 pés da árvore magnetizada, cai em crise, perde a consciência, seus membros se inteiriçaram e Deslon se ocupa em despertá-lo.

O doutor, desconcertado, afirma então que todas as árvores são magnetizadas por si mesmas; daí os comissários concluem que um passeio num pomar seria, para muitas pessoas, um exercício bem perigoso.

O mesmo efeito que o ocorrido junto ao senhor Jumelin: mulheres as quais se persuade que Deslon as magnetize (após lhes haver vendado os olhos ou as ter separado do magnetizador por uma porta) e que sentem efeitos terríveis, ou que ficam perfeitamente calmas enquanto as magnetizam sem que o percebam.

Uma outra faz melhor: mandada a Lavoisier, onde encontra Deslon, cai em crise desde a antecâmara. Apresentam-lhe várias xícaras não magnetizadas; na quarta, ela cai de novo em crise: em compensação, bebe calmamente, numa xícara magnetizada pelo próprio Deslon, e não se apercebe quando a colocam atrás de sua cabeça.

Uma outra, novamente levada a Deslon, tendo reencontrado, ao sair de sua crise, os olhares de um de seus discípulos, que a magnetizava, fixou os olhos sobre ele durante três quartos de hora. Ela foi, por longo tempo, perseguida por esse olhar e durante três dias, na vigília ou no sono, ela o viu

diante de si, obstinadamente.

De todas essas observações os membros da comissão logo concluem em dar grande crédito à *imaginação*.

"A história da Medicina, dizem eles, encerra uma infinidade de exemplos do poder da imaginação e das faculdades da alma. O temor do fogo, um desejo violento, uma esperança firme e sustentada, um acesso de cólera devolvem o uso das pernas a um paralítico; uma alegria viva e inopinada dissipa uma febre quartã [5] de dois meses. Uma forte atenção para o soluço; mudos, por acidente, recuperam a voz após uma viva emoção da alma. Quando ela é aumentada, seus efeitos são prodigiosos e basta, em seguida, aumentá-la na mesma intensidade para que os mesmos efeitos se repitam."

Uma segunda causa dos fenômenos ditos magnéticos é, segundo os membros da comissão, o *toque*.

Apertando-se a cavidade do estômago, age-se sobre um intestino irritável, o cólon, que, por sua vez, irrita o diafragma, daí os suspiros, o riso, os choros, os soluços, etc.

Comprimindo-se a região inferior, encontra-se esse outro centro nervoso que corresponde a todo o resto do corpo e, uma vez em movimento, aí provoca movimentos, por simpatia. É uma velha experiência a de que as doenças da alma ali se refletem: o que permite comumente dizer que se tem um peso sobre o estômago e que se sente sufocação.

O magnetizador, tocando estas partes tão sensíveis do corpo, movimenta pelos meios comuns uma potência bem conhecida.

Acrescentem a essas duas causas uma última: a imitação, e tereis, segundo os comissários, o segredo do magnetismo.

Por toda a parte, o exemplo atua sobre a moral, a *imitação* movimenta o físico. Nos teatros, quando o público é numeroso, as impressões se comunicam e se fortalecem.

Nas batalhas, a coragem e os terrores pânicos se espalham,

semelhantemente. Em torno da varinha de Mesmer e de Deslon, quando um doente entra em convulsões, os outros acompanham.

Imaginação, toque, imitação, acima de tudo imaginação, eis a que se reduz, no laudo de Bailly, o fluido magnético.

Assim se observa o princípio fundamental da ciência física, que é de não admitir novas causas, sem uma absoluta necessidade.

Deslon, mantendo a ação de um fluido, confessava a força da imaginação; afirmava aos delegados que, assim dirigida ao socorro da Humanidade sofredora, realizaria um grande benefício na prática da Medicina.

Ele já havia escrito, em 1780: "Se Mesmer não tivesse outra intenção que a de fazer agir a imaginação, eficazmente, para a saúde, não seria sempre um bem maravilhoso. Se a medicina da imaginação era a melhor, por que não exerceríamos a medicina da imaginação"?

Ao mesmo tempo em que eles publicavam esse laudo, os delegados remetiam ao ministro um outro, secreto, onde manifestavam o perigo do mesmerismo relativamente aos costumes.

O relatório da Sociedade Real de Medicina seguiu logo. Eram as mesmas conclusões. Ele foi assinado por todos os delegados, exceto Laurent de Jussieu, que publicou um relatório à parte. No fundo, ele se aproximava em muitos pontos de seus colegas: "A teoria do magnetismo não pode ser admitida, enquanto não se desenvolver e se estabelecer em provas sólidas".

Jussieu, como seus colegas, negava a existência de um fluido particular e, como eles, explicava inúmeros efeitos pelas três causas que apresentamos, mas havia observado alguns fatos que não podia explicar e buscava uma causa na qual eles fossem racionalmente atribuídos.

"Um único fato positivo, dizia ele, que demonstrasse, evidentemente, a existência de um agente interior, destruiria todos os fatos negativos que constatassem somente sua inoperância."

Fiel aos escrúpulos da Ciência, ia buscar na Física conhecida esse agente. "A ação atribuída a um fluido universal não demonstrado pertence, por certo, ao *calor animal* existente nos corpos, que emana deles continuamente, espalha-se bastante longe e pode passar de um corpo a outro.

O calor animal é desenvolvido, aumentado ou diminuído por causas morais e por causas físicas. Julgado por seus efeitos, participa da propriedade dos remédios tônicos..."

Ele o denomina de fluido elétrico animalizado. "Tomado por uma força imperiosa, esse fluido se lança, com impetuosidade, pelos corpos privados de eletricidade e se escapa com o mesmo esforço daqueles nos quais está acumulado."

Deslon protestou contra o relatório de Bailly e anunciou que não tinha receio quanto à sorte do magnetismo, pois Mesmer havia feito 300

discípulos e ele, 160, entre os quais 21 que eram membros da Faculdade de Paris.

Capítulo 6

Derrota do mesmerismo em Paris. Comédias. Morte intempestiva de um defensor. Amigos desastrados. Epigramas

O que mais mal fez a Mesmer, mais do que os julgamentos dos sábios, foi uma farsa, representada na Comédia Italiana, intitulada "Os Doutores Modernos". O explodir de risos, relata uma testemunha, partia de cada camarote e da plateia, e os atores riam como os espectadores. O que prova somente que havia boas razões para o riso e, mais uma vez, que não há mau verso nem má prosa para os participantes.

Reconhece-se Mesmer nesta declaração pública do Dr. Cassandra:

> Enganar os sentidos, o espírito e o coração,
> Eis, meu amigo, o remédio encantador,
> Que pretendo colocar em moda.

Houve desgraças. Court de Gébelin, atacado por cruel enfermidade, recorreu ao magnetismo e se sentiu, de início, aliviado. Como reconhecimento atestou, num documento público, que estava curado por Mesmer e o testemunho desse ilustre cidadão, quando ele morreu, produziu o melhor efeito em favor do magnetismo.

Os partidários de Mesmer asseguram que ele prolongou, por um ano, a vida do doente. Contudo, uma dessas coisas chegou em mau momento: o certificado ou a morte do autor, e um jornal anunciou esse acontecimento da seguinte maneira: "O Sr. Court de Gébelin, autor de *Monde Primitif*, acaba de morrer, curado pelo magnetismo animal". Pode-se julgar o que tal brincadeira produziu.

Depois, foi um desastrado entusiasta, Durval d'Espréménil, conselheiro do Parlamento, que, desejando combater o ridículo em que lançavam o magnetismo, acrescenta o seu. Redigiu um panfleto onde compara Mesmer a Sócrates, perseguido pelo governo de Atenas e libertado por Aristófanes às gargalhadas do povo zombeteiro, e faz chegar ao Rei um memorial contra o chefe de polícia e o censor que permitiram a representação de "Os Doutores Modernos".

O Rei leu as duas primeiras páginas junto à rainha; começa rindo e acaba por dizer que o autor é um louco e que tudo isso o aborrece.

Então, d'Espréménil apela para o povo e, durante a representação da desagradável peça, lança para a plateia um suplemento de seu primeiro panfleto.

Ali, disse Grimm, ele denuncia a peça como um mau drama e os autores como covardes que ridicularizam, o abrigo da autoridade, um homem de gênio bem superior a Newton. Denuncia e considera, vivamente, todo os que riem em "Doutores Modernos" como audaciosos que pretendem alegrar-se antes de serem autorizados por ordem do Parlamento, antes que Mesmer se defenda contra os diferentes laudos feitos e publicados por ordem do governo.

Afinal, por cúmulo do infortúnio, um imbecil lacaio, tendo recebido um luís de uma senhora para perturbar a peça "Os Doutores Modernos", e querendo ganhar, honestamente, seu dinheiro, confunde uma parte com outra, perturba o quanto pode, é detido e confessa tudo.

Nenhum acontecimento que atraísse a atenção do público durante alguns minutos se passava sem deixar de fornecer pequenos versos.

Palissot tinha composto um belo epigrama num tom heroico para ser posto embaixo do retrato de Mesmer:

> Ei-lo, esse mortal de quem o século se honra,
> Para que sejam mergulhados na morada infernal
> Todos os flagelos vingadores que Pandora [6] soltou;
> Em sua arte benfazeja não encontra rival
> E a Grécia o tomou como o deus de Épidaure [7].

A França, que não tem bom gosto pelas apoteoses, divertiu-se com os seguintes versos, bons ou maus:

O magnetismo está aos latidos;
A Faculdade, a Academia,
O condenaram por uníssono
E o cobriram de ignomínia.
Após esse julgamento bem sábio e bem legal,
Se qualquer espírito original
Persistir ainda em seu delírio,
Será permitido dizer-lhe:
Crê no magnetismo... animal.

Watelet, a quem Mesmer havia predito que ele não passaria do outono, vingou-se alegremente dele e da Faculdade:

Doutor, tu me consideras morto, ignoro teu desejo;
Devo, porém, admirar tua profunda ciência:
Não predirias com mais segurança
Ainda que fosses meu médico.

Assim termina o primeiro período da história do magnetismo na França: tudo acaba em canção.

Capítulo 7

O magnetismo nas províncias. Descoberta do sonambulismo pelo Marquês de Puységur. Magnetismo espiritualista: o cavalheiro Barbarin, o abade Faria. Os catalépticos de Pététin. Transformação do mesmerismo. Progresso das Sociedades da Harmonia: Lyon, Bordeaux, Bayonne, Strasbourg, etc.

Expulso de Paris, o magnetismo se refugiou nas províncias, mas ali se transformou por uma estranha aventura.

Os senhores de Puységur tinham sido ouvintes de Mesmer e convencidos. Retirando-se para suas terras do Busancy, perto de Soissons, eles magnetizavam, imitando os efeitos do mestre quando, um dia, se produziu um fenômeno inteiramente inesperado.

Deixemos o Marquês de Puységur falar: "Era um camponês, homem de 23 anos, acamado fazia quatro dias, por efeito de uma pneumonia. Eu ia vê-lo. A febre acabava de diminuir. Após fazê-lo levantar, eu o magnetizei. Qual não foi a minha surpresa vê-lo, no fim de um quarto de hora, adormecer, calmamente, em meus braços, sem convulsões nem dores!

Ele falava e se ocupava bem de seus misteres. Quando eu supunha que suas ideias deviam afetá-lo de forma desagradável, eu as detinha e procurava inspirar-lhe outras mais agradáveis. Para isso eu não precisava de grandes esforços e, então, eu o via contente, imaginando tirar um prêmio, dançar numa festa, etc.

Eu alimentava nele essas ideias e, por aí, o forçava a fazer muitos movimentos em sua cadeira, como para dançar uma ária que, cantando mentalmente, eu o fazia repetir bem alto.

Resolvi magnetizar uma árvore e ali fiz vir meu primeiro doente. Logo que coloquei a corda em torno dele, olhou a árvore e disse, claramente, com um ar de espanto: 'Que é que eu vejo lá'? Em seguida, sua cabeça se abaixou e entrou em sonambulismo perfeito. Ao cabo de uma meia hora, eu o levei à sua casa, onde lhe restituí o uso de seus sentidos".

Numa outra carta, ele se refere a seu primeiro camponês:

"Quando ele está no estado magnético, não é mais um camponês tolo, sabendo apenas responder uma frase; é um ser que eu não sei nomear. Não tenho necessidade de lhe falar; penso diante dele e ele me entende, me responde.

Vindo alguém em meu quarto, ele o vê, se eu quiser. Ele lhe fala, diz-lhe as coisas que eu quero que ele lhe diga, nem sempre aquelas que eu lhe dito, mas as que a verdade exige.

Quando ele quer falar algo mais, que eu não acho prudente que ouçam, então interrompo suas ideias, suas frases, no meio de uma palavra, e mudo seu pensamento, totalmente...

Os doentes afluem em torno de minha árvore e havia, nessa manhã, mais de 130. É uma perpétua procissão na região e ali passo duas horas todas as manhãs.

Minha árvore é minha melhor selha possível e não há uma folha que não comunique saúde...

Meu homem, ou para melhor dizer, 'minha inteligência', me diz a conduta que devo ter. Segundo ele, não é necessário que eu toque todos os doentes: um olhar, um gesto, uma vontade é o bastante; e é um camponês, o mais limitado do país, que me ensina isso. Quando ele entra em crise, não conheço nada mais profundo, mais prudente e mais clarividente do que ele".

Isso se passava de março a maio de 1785. O Marquês deixou a reputação incontestável de um homem esclarecido e de um homem de bem.

Um curioso, Clocquet, cobrador de impostos em Soissons, atraído por esse espetáculo, no-lo contou.

Após ter descrito, como o merece, o olmo célebre de Busancy, árvore antiga, imensa, mas bem vigorosa, ainda, e verdejante, ao lado da qual corre uma fonte da mais límpida água, ele descreve a multidão dos doentes sentados em bancos circulares de pedra, enlaçando com a corda, que parte da árvore, as partes afetadas de seus corpos e formando a cadeia, ligando-se pelo polegar.

Dentre eles, o mestre escolhe alguns e, tocando-os com suas mãos, apresentando-lhes sua varinha de ferro, os faz cair em crise perfeita, que degenera em sono.

Os doentes, que nesse estado se denominam médicos, "têm um poder sobrenatural pelo qual, tocando um doente que lhes é apresentado, mesmo colocando a mão por cima de suas roupas, sentem qual é a víscera afetada, a parte doente. Eles o afirmam e indicam logo os remédios.

Como o mestre desencanta esses médicos?

Basta tocá-los nos olhos ou então dizer-lhes: 'Ide abraçar a árvore'. Então eles se levantam, sempre adormecidos, vão diretamente à árvore e, logo após, seus olhos se abrem. Interroguei vários deles, que me asseguraram não guardarem nenhuma lembrança do que se passava durante as três ou quatro horas de suas crises. Nem todos os doentes têm a faculdade de cair nesse estado".

Em Lyon, as mesmas maravilhas, por outros processos. O cavalheiro Barbarin se colocava em orações perto do leito do enfermo e, muito frequentemente, o sonambulismo se declarava com as mesmas propriedades que referimos.

"Tem-se, disse uma testemunha, apresentado, aos sonâmbulos, pessoas doentes que lhes eram desconhecidas e eles indicavam com a maior exatidão os males de que estavam afetados.

Eu os vi experimentar, vivamente, os males das pessoas que eles magnetizavam e manifestá-los, colocando a mão sobre si mesmos e nas mesmas partes."

Mais tarde, 30 anos, o abade Faria tinha ainda um outro método. Ele mandava sentar-se numa poltrona a pessoa a ser magnetizada e a induzia a fechar os olhos para concentrar-se. Depois, de repente, lhe dizia, com voz imperativa e forte: "Durma"! repetindo, se preciso, essa ordem, até quatro vezes. Ele se vangloriava de ter, desta forma, feito cair em sonambulismo mais de 5.000 pessoas.

Por uma estranha coincidência, aconteciam singulares narrativas da medicina antimagnética.

Um distinto médico de Lyon, o doutor Pététin, forte inimigo da nova doutrina, assegurava ter observado uma cataléptica que via, entendia e sentia pela boca do estômago e até pelos dedos e artelhos.

Ele o declarou, em 1787, e consignava ainda sete observações do mesmo

gênero, numa memória publicada após sua morte, onde ele atribuía esses fatos à eletricidade animal acumulada em certas partes do corpo. Em sua primeira relação, explicou os fatos como quis e os magnetizadores os explicaram pelo magnetismo.

Assim, o magnetismo se transformava. No lugar da selha de Mesmer, simples toques ou vontades. No lugar de crises violentas, um sono reparador. No lugar de tratamentos públicos e excitações da multidão em geral, tratamentos particulares, sob a impressão das maravilhas narradas.

Depois, nos pacientes magnetizados, novas virtudes: a obediência absoluta, durante todo o sono, ao magnetizador que dirigia, à vontade, seus pensamentos e seus sentimentos; a faculdade de adivinhar, sem qualquer comunicação exterior, os pensamentos do magnetizador; o conhecimento dos males das pessoas que lhes são apresentadas e até a sensação desses males em seus próprios corpos e, algumas vezes, a indicação dos remédios adequados.

Enfim, além das previsões das crises futuras, uma virtude que se desejaria possuir, mas que não é ainda suficientemente constatada: o dom de ver e ouvir sem olhos e sem ouvidos.

O sonambulismo não se desenvolve entre todos os magnetizados, mas, nessa época, sucedeu que um quinto dos doentes magnetizados caía em sonambulismo mais ou menos perfeito.

Tardy de Montravel (1785) celebrava as maravilhas do magnetismo nesses termos:

“A alma plana, como a águia, no alto das nuvens, durante o sono dos sentidos exteriores. Dominando, então, sobre as operações da matéria, ela abraça, com uma vasta amplitude, todas as possibilidades físicas, que ela não percorreu no estado de vigília, a não ser sucessivamente, mas sua visão está sempre limitada na esfera dos sentidos, de onde não se pôde separar inteiramente.

Se alguns motivos vêm determinar, mais particularmente, sua atenção para uma das porções do conjunto, ela então vê essa porção no maior detalhe, enquanto que o resto se torna vago e confuso”.

Levado pela primeira impulsão e pelo barulho dos novos prodígios, o magnetismo se propagou nas províncias.

Os tratamentos magnéticos de Lyon, Bordeaux, Strasbourg, Bayonne, onde o Conde Máxime de Puységur operou até 60 curas confirmadas,

tornaram-se, sobretudo, célebres.

Em Strasbourg, a Sociedade da Harmonia era composta de mais de 150 membros e aumentava todos os dias. Ela publicou anais. Havia mais de 40 dessas sociedades em diferentes cidades, que contavam, na França e no estrangeiro, mais de 4.000 associados.

Thouret faz notar, como um argumento contra o magnetismo, que nas regiões com universidades, onde o controle era mais fácil, não se conseguia sucesso, por exemplo, em Montpellier e em Rennes, enquanto vingava em Marselha e nas pequenas cidades da Bretanha.

Em Loudun, antiga cidade dos possessos, fracassou completamente.

Apesar dos fracassos, o magnetismo se desenvolveu, corajosamente, nas províncias.

Ouviu-se, em Paris, falar bem dessas maravilhas, mas em Paris ninguém se ocupa da mesma coisa duas vezes seguidas, depois, a revolução se aproximava com suas preocupações de outro gênero.

Beaumarchais e Mirabeau fizeram esquecer Mesmer. O magnetismo emigrou e por isso foi um pouco suspeito ao retornar e teve de reconquistar o lugar, o que é sempre mais difícil do que aparecer uma primeira vez.

Capítulo 8

Última aparição de Mesmer: julgamento e explicação do sonambulismo. Últimos escritos

A partir do relatório de Bailly, Mesmer havia desaparecido de cena. Voltando à Alemanha, ali conheceu maravilhas do novo sonambulismo. Sem dúvida, isso o emudeceu: viu, ao mesmo tempo com prazer e com inquietação, esse garoto aparecido em sua ausência, e, em 1799, publicou em Paris *Mémoire sur ses Découvertes*. Ali ele se queixa de que hajam confundido o magnetismo com o sonambulismo e se apodera do sonambulismo fornecendo-lhe a teoria.

Segundo ele, há um sentido interno, um centro nervoso formado pela reunião e o entrelaçamento dos nervos, cujas extremidades, que chamamos sentidos, são apenas prolongamentos.

O sentido interno está em relação com toda a natureza por meio de um fluido sutil, que age sobre ele como a luz sobre nossos olhos, mas em toda a sorte de direções. Ele pode, em certas circunstâncias, adquirir uma irritabilidade excessiva. Então ele preenche as funções de todos os outros sentidos que, por isso mesmo, parecem ter recebido uma extensão prodigiosa.

A maior parte das doenças nervosas, a loucura, a epilepsia e a catalepsia são, simplesmente, um sonambulismo imperfeito ou degenerado.

Em sua *Mémoire*, o mestre já se lamenta das exagerações, dos abusos e dos absurdos para os quais sua descoberta contribuiu.

Publicou ainda, para os alemães, seu *Mesmerismus* (Berlim, 1815), e morreu nesse mesmo ano.

Deleuze, de acordo com a lembrança dos antigos amigos de Mesmer, apresenta-o como um homem ávido de glória, mas, ao mesmo tempo, repleto de caridade pela Humanidade sofredora.

A opinião pública está muito pouco consciente sobre esse personagem e não sabe, com segurança, a parte que lhe cabe quanto ao entusiasmo e à habilidade.

Capítulo 9

Ressurreição do magnetismo: história crítica de Deleuze (1813). Processos para magnetizar. Caracteres do sonambulismo. Curso público do Dr. Bertrand. Experiências nos hospitais de Paris (Dupotet). Pesquisa pedida à Academia de Medicina pelo Dr. Foissac

Em 1813, apareceu a *Histoire Critique du Magnétisme*, de Deleuze. Era ótimo, para uma doutrina tão mal-afamada, encontrar um defensor honorável, sábio, judicioso, moderado em suas opiniões e na expressão dessas opiniões, um desses patronos que dão aos tímidos a coragem de confessar sua crença.

Ele dava conselhos para observação dos processos físicos, mas, ao mesmo tempo, enunciava como indispensáveis certas condições morais que conduzem à fé, à esperança e à caridade, transportadas no magnetismo:

- Vontade ativa pelo bem;
- Crença firme em seu poder;
- Confiança inteira em seu emprego.

Todos os preceitos se reduzem a este: *Tocar atentamente os doentes com vontade de lhes fazer o bem, e que essa vontade não seja desviada por nenhuma outra ideia*. As discussões sobre os meios de se convencer podem, igualmente, reduzir-se a esta máxima: *Queiram e acreditarão*.

Deleuze explica a ação do magnetismo por uma analogia: Quando quero levantar um corpo, envio a meu braço uma quantidade de força proporcional ao peso presumido desse corpo. Da mesma forma, “quando eu

magnetizo, envio, por minha vontade, o fluido à extremidade de minhas mãos, imprimo-lhe, por essa mesma vontade, uma direção, e esse fluido comunica seu movimento ao doente.

Nada me impede de lançá-lo, mas pode haver, no indivíduo sobre o qual eu ajo, um obstáculo aos efeitos que pretendo produzir: então experimento maior ou menor resistência. Essa resistência pode até mesmo ser invencível.

O fluido magnético se escapa continuamente de nós, forma em volta de nosso corpo uma atmosfera que, não tendo corrente determinada, não age sensivelmente sobre os indivíduos que nos cercam; mas, quando nossa vontade o alcança e o dirige, move-se com toda a força que lhe imprimimos; ele é movimentado como os raios luminosos enviados pelos corpos abrasados. O princípio que os põe em ação é, pois, nossa alma, como o que envia a força a nosso braço, e é da mesma natureza".

Ele publicou *Instrução Prática*, espécie de manual do magnetizador. Extraímos dele os processos principais.

"(...) Uma vez que estais assim de acordo e bem convencidos de tratar seriamente a coisa, deve-se afastar do doente todas as pessoas que poderiam perturbar; manter perto de vós as testemunhas necessárias (uma só, se possível), pedindo que não se preocupem com os processos que empregais e com os efeitos consequentes, mas que se unam convosco com a intenção de fazer o bem ao doente. Preparai-vos de modo a não sentir nem muito calor nem muito frio, e que nada perturbe a liberdade de vossos movimentos; tomai cuidado para não serdes interrompidos durante a sessão."

"Em seguida, mande seu doente sentar-se, o mais comodamente possível, e coloque-se à sua frente, num banco um pouco mais elevado, de maneira que os joelhos dele estejam entre os seus e que os pés dele estejam ao lado dos seus.

Peça-lhes, de início, que se entregue, não pense em nada, não se distraia para examinar os efeitos que experimentará, afaste qualquer receio, confie esperançoso, não se inquiete nem se desanime se a ação do magnetismo produzir-lhe dores momentâneas."

"Após se concentrar, coloque os polegares do doente entre seus dois dedos, de modo que o interior de seus dedos toque o interior dos dele, e fixe o olhar nele.

Fique nessa posição de dois a cinco minutos ou até que sinta que se estabeleceu um calor igual entre os polegares dele e os seus. Isto feito, retire suas mãos, afastando-as à direita e à esquerda, retornando de maneira que

sua face interior esteja para fora e as eleve até a altura da cabeça, passe-as, então, pelos ombros, deixe-as aí por cerca de um minuto e as conduza, ao longo dos braços, até a extremidade dos dedos, tocando-os levemente.

Recomece esse passe [8] cinco ou seis vezes, sempre desviando as mãos, distanciando-as do corpo para tornar a subir. Coloque, em seguida, suas mãos acima da cabeça. Pare um pouco aí e desça as mãos, passando-as diante do rosto, a distância de uma ou duas polegadas, até a boca do estômago: neste lugar pare cerca de dois minutos, colocando os polegares sobre o estômago e os outros dedos abaixo das costelas.

Depois, desça lentamente, ao longo do corpo, até aos joelhos, ou melhor, se você puder, sem se perturbar, até a ponta dos pés.

Repita os mesmos processos durante a maior parte da sessão.

Aproxime-se também, algumas vezes, do doente, de modo a colocar suas mãos atrás dos ombros dele, para descer lentamente, ao longo da espinha dorsal e, daí, sobre as ancas e ao longo das coxas, até os joelhos ou até os pés.

Após os primeiros passes, pode-se deixar de pôr as mãos sobre a cabeça e fazer os passes seguintes sobre os braços, pelos ombros e sobre o corpo, começando pelo estômago."

"Quando quiser terminar a sessão, tenha o cuidado de se dirigir à extremidade das mãos e dos pés, prolongando seus passes além dessas extremidades e sacudindo os dedos em cada vez. Enfim, faça diante do rosto, e mesmo diante do peito, alguns passes transversais, na distância de três ou quatro polegadas.

Esses passes são feitos apresentando-se as duas mãos aproximadas e afastando-as bruscamente, uma da outra, como para levantar o excesso de fluido de que o doente pudesse estar carregado.

Observe que é essencial sempre magnetizar descendo da cabeça às extremidades, e nunca das extremidades à cabeça. É por isso que se desviam as mãos quando as levamos dos pés à cabeça.

Os passes feitos, descendo, são magnéticos, isto é, são acompanhados da intenção de magnetizar. Os movimentos feitos, subindo, não o são.

Vários magnetizadores sacodem os dedos, ligeiramente, após cada passe. Esse processo, que nunca é prejudicial, é vantajoso em certos casos e, por essa razão, é bom adquirir esse hábito."

"Embora, pelo fim da sessão, se tenha o cuidado de estender o fluido sobre toda a superfície do corpo, é bom terminar fazendo passes sobre as

pernas, depois sobre os joelhos, até a ponta dos pés. Estes passes desobstruem a cabeça. Para fazê-los mais comodamente, fica-se de joelhos diante da pessoa que é magnetizada."

"Creio dever distinguir os passes que se fazem sem tocar daqueles que são feitos tocando-se o doente, não apenas com a ponta dos dedos, mas com toda a extensão da mão e empregando ligeira pressão. Dou a estes últimos o nome de *fricções magnéticas*. Eles são feitos, para melhor ação, sobre os braços, pernas e atrás das costas, ao longo da coluna vertebral."

"Essa maneira de magnetizar com passes longitudinais, dirigindo o fluido da cabeça às extremidades, sem se fixar em nenhuma parte de preferência às outras, chama-se *magnetizar com grandes correntes*. Ela convém a quase todos os casos e é preciso empregá-la nas primeiras sessões, quando não há motivo para se escolher um outro tipo de passe. O fluido é distribuído em todos os órgãos e se acumula, por si mesmo, naqueles onde haja maior necessidade.

Nos passes feitos à pequena distância também podemos concentrar fluidos antes de dá-los por terminados; isto é feito a uma distância de duas ou três polegadas. [9] Ordinariamente eles produzem calma, frescor e um sensível bem-estar."

"E, enfim, um processo pelo qual é bem vantajoso terminar a sessão: consiste em se ficar ao lado do doente, que se mantém de pé, a uma polegada de distância, e aplicar, com as duas mãos, ficando uma à frente e outra atrás do corpo, sete ou oito passes, começando acima da cabeça e descendo até o chão, ao longo do qual se afastam as mãos.

Esse processo alivia a cabeça, restabelece o equilíbrio e ministra forças."

"Quando o magnetizador age sobre o magnetizado, diz-se que *eles estão em relação*; compreende-se pela palavra *relação* uma disposição particular e adquirida, que faz com que o magnetizador exerça uma influência sobre o magnetizado, e que há entre eles uma comunicação do princípio vital."

"Essa relação se estabelece algumas vezes muito depressa e, outras vezes, após um tempo mais ou menos longo. Isto depende das disposições morais e físicas dos dois indivíduos.

É raro que isso não aconteça na primeira sessão. Os magnetizadores exercitados sentem, ordinariamente neles próprios, quando tal momento chegou."

"Uma vez estabelecida a relação, a ação se renova nas sessões seguintes,

no momento em que se começa a magnetizar; então, se o magnetizador deseja agir sobre o peito, o estômago ou o abdome, é desnecessário o toque, a menos que não se ache isso incômodo.

Geralmente o magnetismo age muito melhor no interior do corpo, a distância de uma ou duas polegadas, do que pelo toque. Limite-se, começando a sessão, em tocar, por um momento, os polegares.

Algumas vezes é necessário magnetizar a distância de várias polegadas. O magnetismo a distância é mais calmante e algumas pessoas nervosas não podem suportá-lo de outra forma."

"Para dar os passes, nunca é preciso empregar qualquer força muscular, a não ser a que é necessária para sustentar a mão e impedi-la de arriar.

Deve-se dar facilidade aos movimentos e não fazê-los muito rápido. Um passe, da cabeça aos pés, pode durar cerca de meio minuto. Os dedos da mão devem estar um pouco afastados uns dos outros e levemente curvados, de forma que a ponta dos dedos esteja dirigida para quem se magnetiza."

"É pela extremidade dos dedos e, principalmente, pelos polegares que o fluido escapa com mais atividade. É por isso que, de início, toca-se os polegares do doente e segura-se nos momentos de repouso. Basta isso para se estabelecer o relacionamento.

Eis um outro processo que empregareis com sucesso para fortalecer esse relacionamento: consiste em opor seus 10 dedos aos do doente, de maneira que o interior de vossas mãos esteja junto das dele e que a parte musculosa de vossos dedos toque a parte musculosa dos dele, ficando as unhas para fora.

Parece que sai muito menos fluido da superfície exterior das mãos do que da superfície interna e é uma das razões pelas quais se retorna as mãos, quando se sobe, sem as afastar muito do corpo."

Eis aqui, ainda segundo Deleuze, os efeitos característicos do sonambulismo magnético:

O sonâmbulo tem os olhos fechados e não vê pelos olhos, não ouve pelos ouvidos, mas vê e ouve melhor que um homem desperto. Ele só vê e ouve aqueles com quem está em relação.

Ele só vê o que olha e só olha ordinariamente as coisas para as quais dirige sua atenção. Está submetido à vontade de seu magnetizador para tudo quanto não o possa prejudicar e para tudo que não contrarie nele as ideias de justiça e de verdade.

Ele sente a vontade de seu magnetizador e percebe o fluido magnético.

Vê, ou melhor, sente o interior de seu corpo e o dos outros, só nota, comumente, as partes que não estão num estado natural e que perturbam a harmonia.

Acha em sua memória a lembrança das coisas que havia esquecido durante a vigília. Tem previsões e pressentimentos que podem estar errados em várias circunstâncias e que são limitados em sua extensão.

Expressa-se com facilidade surpreendente e não está isento de vaidade. Aperfeiçoa-se, após certo tempo, se for conduzido com inteligência, e se perde se for mal dirigido.

Quando retorna ao estado normal, perde, completamente, a lembrança de todas as sensações e ideias tidas no estado sonambúlico de tal maneira que esses dois estados são bem estranhos um ao outro, como se o sonâmbulo e o homem desperto fossem dois seres diferentes.

Esquecemos três recomendações do honesto Deleuze; ele quer: 1º – que um sonâmbulo seja sempre assistido por um médico; 2º – que nunca lhe digam que o consultam sobre doenças durante seu sono; 3º – que, em nenhum caso, o magnetizador permita que se dê ao sonâmbulo a mais leve demonstração de reconhecimento.

Um ano antes de Deleuze, em 1812, Montègre havia publicado uma brochura contra o magnetismo. Em 1819, Virey inseriu, no *Dictionnaire des Sciences Médicales*, seu notável artigo: "Magnetisme Animal". Nesse mesmo ano, Bertrand realizava, em favor da doutrina, um curso público.

Em 1820, foram iniciadas experiências nos diversos hospitais de Paris, dirigidas ao Hotel-Dieu por Dupotet.

O Conselho Geral dos Hospícios as interrompeu, sob o pretexto de que os doentes não estavam sujeitos a experimentações. Os resultados publicados nas atas, assinadas por 29 médicos, pareciam ser decisivos, contudo, restava ainda alguma inquietação e sentia-se a necessidade de uma comprovação suprema.

Capítulo 10

Primeira comissão nomeada pela Academia de Medicina. O laudo de Husson conclui pelo exame. Segunda Comissão de Exame (1826). Laudo de Husson (1831)

Enfim, em 1825, inaugurava-se uma época crítica para o sonambulismo. O Dr. Foissac pediu à Academia para se pronunciar. Ele lhe apresentava sonâmbulos maravilhosos para a indicação dos remédios.

"Meus sonâmbulos não se afastam jamais dos princípios pregados pela sã Medicina. Vou mais longe: suas inspirações lembram o gênio de Hipócrates."

A Academia nomeou uma comissão para saber se convinha entrar nesse exame. Georget declarou-se pelo magnetismo: "Ele cresceu entre os médicos... Se é verdade que o sonambulismo magnético tem sua analogia no sonambulismo natural, é surpreendente que se possa desenvolver o primeiro por certas práticas?... De início a dúvida, depois o exame, tal é a marcha que a razão indica".

O relator Husson conclui, afirmativamente. Segundo sua opinião na época, desenvolvida mais tarde, em 1837, mesmo que o magnetismo não tivesse variado depois de 1784, não se teria o direito de olhá-lo como julgado definitivamente pelo relatório de Bailly e da Sociedade Real de Medicina. Sempre se pode apelar dos julgamentos antigos para novos juízos.

Depois que a circulação do sangue foi considerada impossível, a inoculação da sífilis considerada como um crime, o vomitório proibido por ordem do Parlamento, por solicitação da Faculdade, e as antigas perucas

consideradas infinitamente mais salubres que a cabeleira natural, convém afirmar menos temerariamente.

Além disso, os procedimentos do magnetismo mudaram; um fato novo, desconhecido de seus antigos juízes, ocorreu com o sonambulismo. Os membros de outrora foram nomeados pelo governo, não pelas corporações a que pertenciam, e infirmaram, em parte, o valor de seu laudo, adiantando que temiam importunar os doentes escolhidos que seguiam o tratamento magnético, e não se submetendo às condições pedidas pelo magnetizador. O exame foi feito por Deslon e não por Mesmer, e o relatório foi adotado sem discussão prévia.

Enfim, houve, nesse caso, um protesto de um homem eminente: Jussieu.

Em Berlim, uma clínica magnética se estabeleceu e diversos médicos têm tratamentos desse gênero, com autorização do governo. Em Frankfurt, em Estocolmo, na Rússia, o magnetismo é seriamente examinado. Por que na França se ficaria atrás dos povos do Norte?

Por consequência, a Academia nomeou (1826) uma comissão composta por Bourdois, Double, Fouquier, Itard, Guéneau de Mussy, Guersant, Leroux, Magendie, Marc, Thillaye e Husson. Esta comissão, no fim de cinco anos (junho de 1831), fez seu relatório pela voz de Husson. Pode-se ali ver que ela aceitou o exame nas condições pedidas como indispensáveis por Foissac, mas que conserva o poder em todas as experiências.

Ela reconhecia que os efeitos são nulos ou insignificantes num certo número de casos; que, em alguns, eles são produzidos pelo aborrecimento, monotonia ou pela imaginação. Ela, porém, faz restrição a diversos fatos que não pode atribuir a nenhuma causa conhecida.

É um dos delegados, Itard, que, magnetizado 18 vezes, sem cair em sono completo, está constantemente acometido de uma dor de cabeça ou, então, um epiléptico em que o magnetismo suspende e retarda os acessos por oito meses.

Sonambulismo constatado. Vários pacientes são adormecidos perfeitamente e num sono bem particular: fazem-lhes cócegas ou beliscam fortemente, introduzem alfinetes em seus corpos, derramam sob seu nariz um frasco cheio de amoníaco ou de ácido hidroclorídrico, durante cinco ou seis inspirações, fazem-se ruídos violentos, nada os desperta nem parece afetá-los.

Foi até averiguado que Jules Cloquet, em 1829, chamado por uma mulher

que tinha um câncer ulcerado no seio, extirpou-lhe esse tumor enquanto estava adormecida, numa operação de 10 a 12 minutos, sem que a doente desse o mais leve sinal de sensibilidade, sem nenhuma alteração do pulso.

No meio do barulho confuso das conversações, o sonâmbulo só ouve a voz de seu magnetizador, lembra-se exatamente do que se passou durante seus precedentes acessos de sono, e não se lembra de nada ao despertar. Os sonâmbulos têm o dom de ler no pensamento de seus magnetizadores e obedecem às suas vontades mentais? Muitas experiências parecem contraditórias e vários pacientes apresentados por magnetizadores como maravilhas no gênero só cometem equívocos.

Afinal, um paciente notável se apresenta. Colocado diante dele e por indicações escritas ou gestos dos delegados, o magnetizador o dirige com precisão: "Dirigiu seu dedo, em primeiro lugar para a coxa esquerda, depois para o cotovelo esquerdo e, afinal, para a cabeça. Essas três partes foram, quase de imediato, tomadas de movimentos convulsivos.

Dupotet dirigiu sua perna esquerda para a do magnetizado e ele se agitou quase a ponto de cair. Em seguida, Dupotet dirigiu seu pé para o cotovelo direito do sonâmbulo e esse cotovelo direito se agitou. Depois, levou seu pé para o cotovelo e a mão esquerda, e movimentos convulsivos bem fortes se manifestaram em todo o membro superior". Apesar dessa prova positiva os delegados confessam que precisam de fatos novos.

Clarividência. Os sonâmbulos podem ler de olhos fechados?

Através de experiências desagradáveis, chega-se a fatos bem curiosos, atestados com a maior força pelo relato: um sonâmbulo, de olhos fechados, se bem que os cílios piscavam, sob a contínua vigilância dos delegados, lê o que lhe apresentam e brinca com uma vivacidade extrema com diversas partes do texto. Ele não lê as cartas fechadas.

Bourdois registra, à parte, na ata, esta declaração:

"É impossível de recusar senão sua crença, pelo menos seu espanto por tudo que se passou nessa sessão"...

Todavia, eis o melhor: em uma sessão, onde se encontravam, além dos delegados, os senhores: de Las Cases, deputado, Rumigny, primeiro ajudante de campo do rei, e Ségalas, membro da Academia, um jovem sonâmbulo, Paul Villagrand, estudante de direito, enquanto suas pálpebras eram mantidas constantemente fechadas pelos senhores Fouquier, Itard, Marc e Husson que, alternadamente, colocam os dedos sobre a totalidade da

fenda do olho, comprimindo de alto até em baixo, apresenta uma prodigiosa clarividência.

Paul advinha cartões, todos novos, lê palavras e linhas. "Apresentam-lhe (tendo as pálpebras fechadas por Ségalas) um volume que o relator trouxera. Ele leu o título: 'Histoire de France'. Não pôde ler as duas linhas intermediárias e leu, sobre a quinta linha, somente o nome *Anquetil*, que estava precedido da preposição *par*.

Abrem o livro, na página 89, e ele lê a primeira linha: *Le nombre de ses*..., passa o termo *troupes* e continua: *Au moment où on le croyait les plus occupé des plaisirs du carnaval*...

Leu, igualmente, o título *Louis*, mas não pôde ler o algarismo romano que o segue.

Apresentam-lhe um papel no qual escrevem as palavras *aglutination* e *magnétisme animal*; ele soletra a primeira e lê as outras duas."

Enfim, dão-lhe a ata dessa sessão. Ele lê, distintamente, a data e algumas palavras mais legíveis que outras.

Em uma outra sessão, Paul tentou, inutilmente, distinguir diferentes cartões que lhe aplicaram sobre o epigastro, ainda leu, com os olhos fechados, num livro aberto ao acaso, e, dessa vez, foi Jules Cloquet quem lhe fechou as pálpebras.

O relator escreveu também, num pedaço de papel, dois nomes próprios: *Maximilien Robespierre*, que ele igualmente leu.

O relator constata, nesse sonâmbulo, como no precedente, que o globo ocular estava em movimento contínuo de rotação e parecia dirigir-se para o objeto submetido à sua visão.

Visão interior, previsão. Instinto dos remédios. Os sonâmbulos têm a intuição das suas doenças e das doenças de outras pessoas, a previsão dos acontecimentos futuros dessas doenças para ele e para os outros? Um estudante de direito (esse mesmo Paul que acabamos de ver, lendo de olhos fechados), acometido por uma paralisia de todo o lado esquerdo do corpo, receita, em sono, os remédios que devem lhe aplicar e anuncia que, seguindo esse tratamento, três dias depois ele andará sem bengala; cumpre-se a previsão.

Um sonâmbulo, Cazot, epilético, predisse com antecedência os ataques desse mal para um dia, hora e determinado minuto e o acesso acontece como previra.

Uma sonâmbula descreve a Marc, um dos delegados, os sintomas da doença que ele experimenta e acerta. Apresentada a uma senhora doente, descreve a alteração de seus intestinos e recomenda-lhe um tratamento; mas o tratamento não foi seguido e a autópsia não foi feita.

Consultada por uma doente escrofulosa, vê essas escrófulas interiores e prescreve um tratamento que resultou bem por algum tempo e foi interrompido.

Os delegados constatam a exatidão das declarações dessa sonâmbula, onde elas puderam ser verificadas e o discernimento que demonstrou na escolha dos remédios.

A Academia ficou um pouco admirada com esse relatório; a discussão, sempre adiada, surgiu em 1837. Uma história onde se falava de um dente arrancado sem dor, numa pessoa adormecida pelo magnetismo, havia aparecido nos jornais. Dava-se a esse fato a garantia de Oudet, da Academia de Medicina, que se achava assim comprometida. Interpelado, Oudet leu a narrativa do magnetizador:

"No momento da extração, a cabeça pareceu fugir um pouco da mão do operador e ouvimos um leve grito. Esses dois sinais de dor tiveram a rapidez de um relâmpago, o pulso da paciente estava calmo, seu rosto não indicava a menor emoção; suas mãos permaneceram imóveis sobre seus joelhos".

A esse propósito, o fato atribuído a Jules Cloquet, e narrado, com prazer, por Husson em seu relatório, a extração de um seio, sem dor, retorna à memória e são discutidos juntos os dois fatos.

Roux atestou que havia feito uma operação cruel numa senhora, mascarada, numa casa que não era a sua e que, durante essa operação, que durou um quarto de hora, a doente não soltou um grito, com medo de trair sua incógnita.

Capuron afirmou ter visto, há 40 anos, uma alemã de quem Dubois retirou o seio e que suportou a operação sem proferir uma só lamentação.

Em 1822, ele vira um homem suportar, mais de um quarto de hora, uma operação das mais rudes, sem pestanejar, conversando e rindo.

Amussat acabara de operar uma religiosa que se mantivera impassível. Todavia, nenhuma dessas pessoas estava magnetizada. Não havia, portanto, necessidade de recorrer ao magnetismo para explicar o fato de Cloquet e o de Oudet. Prosseguiu-se.

Algumas das antigas autoridades, a favor do magnetismo, ficaram abaladas.

"Sabeis, disse Rochoux, o que Rostan escreveu sobre o magnetismo. Certo dia ele me propôs curar minha incredulidade e me fazer ver coisas extraordinárias. Eu o segui; cheguei ao local e nada quiseram fazer diante de mim; aguardo sempre."

Bousquet, por sua vez: "Georget acreditava ter visto bem; isso se torna notório pela maneira como ele fala do magnetismo em seu livro sobre o sistema nervoso. Entretanto, sabe-se hoje que ele foi enganado por miseráveis que disso se vangloriam. Consegui isso de Londe, o colaborador de Georget e testemunha de todas as suas experiências".

Enfim, Ségalas disse que: "tendo ele mesmo colocado as mãos nos olhos do jovem de que fala Husson, e isso para impedi-lo de ver, não garantia que lhe fechara completamente os olhos.

Os olhos estavam agitados por movimentos convulsivos; esse jovem pôde mexer as pálpebras e perceber alguns caracteres, tanto mais que ele lia lentamente, diante de uma grande vidraça e que cometeu erros".

Capítulo 11

Nova pesquisa pedida pelo Dr. Berna à Academia de Medicina. Relato de Dubois, de Amiens (1837). Protesto do Dr. Berna. Réplica ao relatório por Husson

Pouco depois, Berna, um jovem doutor, solicita um novo exame da Academia. A comissão, composta de Roux, Bouillaud, H. Cloquet, Emery, Pelletier, Caventou, Cornac, Oudet, Dubois (de Amiens), nomeou esse último como relator.

O relatório foi lido em agosto de 1837 e tratou duramente o magnetismo.

Sobre o fato do sono magnético, nada se pode afirmar: só se teve como provas as afirmações dos pacientes magnetizados.

As picadas pareceriam uma prova decisiva; mas antes e durante o suposto sono, o paciente das experiências, na sessão de 3 de março, parecia nada sentir. Sua postura e suas respostas foram mais ou menos as mesmas durante a operação magnética. Em geral, como não se podia experimentar a não ser sobre as partes naturalmente descobertas (o pescoço e as mãos) e como não era permitido espetar alfinetes além de certo limite, a insensibilidade dos pacientes não era suficientemente comprovada. Ao demais, estando a face em grande parte coberta por uma venda, não se poderia afiançar, com segurança, as emoções sentidas.

Sobre a questão se o magnetizador, por sua única vontade, podia conseguir em todo ou em parte a sensibilidade para o sonâmbulo, nada se saberia decidir. Para estar certo de que a sensibilidade estava restituída, era preciso estar certo de que ela fora perdida.

Quanto à obediência à ordem mental do magnetizador, a experiência foi

decepcionante: as ações executadas foram sempre em oposição aos comandos.

Sobre o transporte da visão, a propriedade de ver pelo occipital, nada de definitivo; os fatos absolutamente decisivos falharam completamente e os delegados só viram, nos acertos felizes, induções bem habilidosas.

Afinal, para a clarividência através de corpos opacos, houve completo fracasso.

"Que concluir, a propósito do sonâmbulo, da descrição minuciosa de outros objetos além dos que lhe apresentam?

Que dizer de uma sonâmbula que descreve um valete de paus numa carta em branco? Quem, na Academia, vê um relógio de ouro, mostrador azul e letras pretas, e que, se insistissem, teria podido nos dizer a hora que esse relógio marcava?"

O Dr. Berna protestou e o precedente relator, Husson, que se achava indiretamente atingido por essas novas conclusões, numa próxima sessão, atacou rudemente seu colega.

Seria conveniente aceitar, na função de relator, um médico que, em 1833, tinha escrito contra o magnetismo e se declarado, nesse escrito, "em estado de hostilidade contra os magnetizadores"?

Com qual direito apresentava ele essas conclusões gerais contra o magnetismo?

A comissão tinha sido nomeada para examinar dois sonâmbulos propostos por Berna; sua obra devia ser intitulada: "Relatório das Experiências Magnéticas feitas com dois Sonâmbulos".

Aliás, desde quando se permite, em ciência, tirar de dois fatos particulares uma conclusão universal?

As experiências tentadas sobre os dois sonâmbulos fracassaram; a comissão de 1826 havia citado três desse gênero:

"Sabe-se que nada é mais frágil, mais variável que os efeitos magnéticos e é essa mobilidade, essa inconstância que afasta tantas pessoas de se ocuparem e de estudarem o magnetismo.

Quais são, poderíamos perguntar, os fatos em medicina prática, em terapêutica e em fisiologia que sejam sempre fixos e imutáveis"?

Não é estranho também que se tenha silenciado sobre os fatos positivos constatados no precedente relatório?

"Eles vos parecem extraordinários, mas deveis disso concluir que eles não

existiram?

A capacidade da inteligência humana tem, então, a medida da realidade de todos os fatos extraordinários que nos cercam?”

Capítulo 12

Prêmio proposto pelo Dr. Burdin. O Dr. Pigeaire e sua filha. Sucesso nas reuniões particulares. Ele não se entende com a Academia. Fim das relações do magnetismo com a Academia de Medicina

No meio desses debates, Burdin propôs um prêmio de três mil francos para a pessoa que pudesse ler, sem o concurso dos olhos e sem luz, um escrito qualquer, colocado fora do alcance dos olhos e sem o auxílio do toque.

A Academia aceitou, reservando-se fazer vigiar as experiências por uma comissão de sete membros tomados em seu meio e limitando a dois anos o tempo das provas, a menos que o prêmio não tivesse sido merecido mais cedo.

Em 1838, o doutor Pigeaire, de Montpellier, possuía uma sonâmbula que lia de olhos fechados, desde que o objeto fosse iluminado; era sua filha de 10 a 11 anos de idade.

Ele dirigiu-se à Academia, enviando-lhe, com seu memorial, a ata de duas sessões magnéticas, elaborada pelo doutor Lordat. Ali está constatado que, com os olhos vendados por um aparelho de seda escura, previamente examinado e testado com cuidado, a filha de Pigeaire tinha lido a escrita que lhe apresentaram. Tanto havia lido as palavras com o dedo, como as havia lido sob uma lâmina de vidro transparente.

Burdin concordou em modificar seu programa: aceitou, contra sua primeira intenção, que os objetos fossem iluminados e que a sonâmbula passaria seus dedos sobre a lâmina de vidro colocada sobre as linhas a

decifrar, mas se reservou a saber por qual aparelho se impediria a sonâmbula de ver e se rendeu à sagacidade dos delegados.

Pigeaire se dirigiu, pois, a Paris, com sua filha e fez, diante de um grande número de personagens, experiências que os tocaram vivamente. Entre eles, notam-se Adelon, Guéneau de Mussy, Bousquet, Delens, Ribes, Esquirol, Orfila, J. Cloquet, Pelletier, Réveillé-Parise, Arago e Pariset; há mesmo atas favoráveis assinadas por Bousquet, Ribes, Orfila, Réveillé-Parise e Pariset, sem contar os nomes ilustres ou conhecidos, porém, estranhos à Ciência: George Sand, Léon Faucher, etc.

Rostand e Georget já haviam aderido ao magnetismo e afirmavam ter constatado a visão pelo occipital.

Cornac, Gerdy, Bouillaud e Velpeau não ficaram convencidos e o testemunharam. Cornac falou de contorções da jovem no começo da experiência. Velpeau, imitando-os, tinha conseguido, uma vez, afastar a venda o bastante para ler diante de várias pessoas.

Gerdy deixou uma nota a este respeito. O aparelho se compunha de uma venda de algodãozinho, de um pequeno novelo de algodão e, afinal, de uma tira de veludo escuro e opaco cuja borda inferior estava colada à pele vizinha por meio de pequenas tiras de tafetá gomado. Vários sinais lhe tornaram a experiência suspeita. Eram agitações extraordinárias da jovem, a todos os momentos, movimentos para esfregar os olhos e suspender a venda sob pretexto de que a fatigavam. Durante essas operações, as tiras de tafetá se esgarçavam; em seguida a recusa de colocar o livro a ser lido diante dela, à altura dos olhos.

Examinando a venda, encontraram pequenos furos. Acrescente-se que, pouco após sua aplicação, os emplastros de tafetá secam, se enroscam por sua circunferência e geralmente se descolam num grande número de pontos (Gerdy passou, por esses descolamentos, pedaços de cartões de 3 a 4 mm de largura). Enfim, o tafetá, opaco, antes de sua aplicação, torna-se transparente pela dissolução da cola de peixe depositada em sua superfície e ocasionada pelo tecido molhado.

Gerdy refez as experiências em casa: constatou que, através de um buraco extremamente pequeno num cartão e, principalmente, alguns a 1 ou 2 mm uns dos outros, pode-se ver perfeitamente e, aplicando a venda nos olhos de um amigo, segundo a receita precedente, obteve os melhores resultados.

M.C. nos declarou, disse ele, que via muito bem, que a luz lhe vinha de

diferentes lados, do alto e, principalmente, de baixo, pelo ângulo interno do olho; que ela vinha pelos descolamentos do tafetá e, também, através de seu tecido, em volta do pedaço de pele interposto no tafetá; que o menor esforço produzia descolamentos invisíveis por fora, suficientes para se ler.

Com um olho fechado por um participante do magnetismo e o outro coberto com a venda em questão, ele lê, sem erro, os cartões que lhe eram apresentados e depois se diverte, fazendo-se passar por sonâmbulo.

Era preciso apresentar-se diante da Academia. A comissão tinha inventado uma máscara ou capacete de seda escura, que devia ficar a cerca de meia polegada do rosto do sonâmbulo.

Pigeaire recusou-se e manteve sua venda no rosto, deixando-a descoberta acima e por baixo: "Um sonâmbulo", dizia ele, "não é um instrumento de física. Não o podemos manietar ao nosso capricho. Uma máscara nessa situação, feita com o mais diáfano vidro, se oporia à produção do fenômeno, quebrando o relacionamento que parece se estabelecer entre o sonâmbulo e o objeto que ele considera".

Ele propôs à Academia que, se houvesse qualquer dúvida sobre a opacidade completa da venda utilizada, que ela fizesse uma outra, da mesma forma, para não contrariar a pequena sonâmbula que se acostumara com aquela venda. A Academia manteve suas condições e Pigeaire as dele, não se chegando a um entendimento.

O doutor Berna criticou ironicamente a decisão da Academia, propondo, em nome de uma sociedade de crentes, um prêmio de 50.000 francos ao acadêmico que lesse com a venda da jovem Pigeaire.

As coisas pararam aí e este foi o último contato do magnetismo animal com a Academia de Medicina.

O doutor Burdin prorrogou até 1840 o prêmio que devia ser retirado em 1839 e ainda mudou as condições do concurso:

"Apresentem uma pessoa magnetizada ou não magnetizada, adormecida ou acordada, e que essa pessoa leia, com os olhos abertos e à luz do dia, através de um corpo opaco, tal como tecido de algodão ou seda, colocado a seis polegadas do rosto, que ela mesma leia através de uma simples folha de papel e essa pessoa ganhará 3.000 francos".

Nestas condições só apareceram dois concorrentes: uma sonâmbula do doutor Hublier e a do senhor Teste, que fracassaram tristemente.

As coisas ficaram assim entre o magnetismo animal e a Academia de

Medicina.

Segunda Parte

QUESTÕES E DÚVIDAS SOBRE O MAGNETISMO ANIMAL

Capítulo 1

Histórias semelhantes às Histórias do Magnetismo. Possessos de Loudun [10]

Por 1632, duas jovens religiosas ursulinas [11], da cidade de Loudun, a uma dezena de léguas de Poitiers, tendo sido acometidas de violentas convulsões, acompanhadas de sintomas bizarros, pensou-se que estavam possuídas pelo demônio e foram exorcizadas.

O exorcista as interrogou, dirigindo-se, conforme o uso, aos supostos diabos em seus corpos e os diabos responderam que tinham sido enviados por um padre da cidade, chamado Urbain Grandier.

Esse Urbain Grandier, de uma aparência agradável, espírito culto, era o assunto das conversas de Loudun. Atribuíam-lhe diversas aventuras e tinha mesmo, a propósito, sofrido um processo. Condenado por seu bispo, e interditado em suas funções, ele havia apelado ao arcebispo de Bordéus, que havia cassado a primeira sentença, mas a opinião estava sempre contra ele.

Esses rumores tinham penetrado no convento das ursulinas e, na ocasião, o fato teve particular atenção: Grandier se apresentou para ser diretor das religiosas e, por sua má reputação, foi recusado, preferindo-se, para o cargo, o eclesiástico que exorcizou as duas religiosas doentes.

Os exorcismos, inicialmente secretos, foram divulgados pouco a pouco e acabaram por se tornar públicos.

No meio das cenas de que eram testemunhas diariamente, outras religiosas, cerca de 13, foram acometidas, mais ou menos gravemente, do

mesmo mal, sendo seis totalmente possuídas.

Eram as jovens que eram atingidas e os zombadores da época se divertiam dizendo que os diabos davam prova de bom gosto. O contágio ganhou a cidade e, até, de vizinho em vizinho, as cidades próximas, atacando sempre, unicamente, as mulheres e as jovens, de preferência.

Todas as religiosas foram exorcizadas e todas acusaram Grandier.

Richelieu encarregou Laubardemont, o Conselheiro de Estado, de resolver esse problema. Ele escolheu uma comissão de 12 juízes e, sob sua direção, procedeu ao trabalho que durou oito meses, durante os quais as religiosas não cessaram de ser exorcizadas duas vezes por dia.

Urbain Grandier, acusado por unanimidade, foi queimado vivo, em Loudun, cerca de dois anos após a época em que haviam começado a acusá-lo de magia.

Fora da comissão, a opinião estava dividida: os protestantes, dentre outros, afirmavam que os juízes estavam subornados, os religiosos exorcistas eram inimigos de Grandier ou adeptos de Laubardemont; que as religiosas não faziam mais que repetir, em público, uma comédia adrede estudada, e que o objetivo de tudo isso era prejudicar Grandier.

Notamos que, em Louviers, na mesma época, 15 religiosas diziam-se igualmente possuídas por causa de seu confessor. Quando o confessor morreu, queimaram seu cadáver.

Quais eram, então, essas extraordinárias cenas?

As religiosas exorcizadas respondiam em latim, no meio dos acessos, conforme a narrativa conservada na ata de instrução.

“Asmodée, um dos diabos que possuíam a irmã Agnes, tendo aparecido, logo manifestou sua maior ira, sacudindo diversas vezes a irmã, para frente e para trás, fazendo-a bater como um martelo, com tão grande velocidade que seus dentes rangiam. Além dessas agitações, seu rosto tornou-se irreconhecível, seu olhar furioso, sua língua prodigiosamente grossa, comprida, pendendo para fora da boca, lívida e seca a tal ponto que a falta de saliva a fez parecer toda felpuda, sem estar, todavia, de maneira alguma, imprensada pelos dentes e sem que a respiração cessasse de ser sempre igual. Béheret, que é um outro demônio, apresentou uma nova fisionomia, sorridente e agradável, que foi ainda diversamente mudada por dois outros, Acaph e Achaos, que se apresentaram, um após outro.

Dando-se ordem a Asmodée para permanecer firme e aos outros para se

retirarem, a primeira fisionomia retornou."

Exorcismo da irmã Agnès: "Após diversas outras exibições, ela colocou um pé por trás da cabeça, até a fronte, de sorte que os artelhos quase tocavam o nariz".

Exorcismo da irmã Élisabeth: "Esse espírito maligno exerceu, sobre seu corpo, grandes violências e deu provas horríveis de sua ira. Ela a revirou três vezes para trás, em forma de arco, de maneira que ela só tocava o solo com a ponta dos pés e do nariz".

Exorcismo de uma outra religiosa: "O demônio apareceu em seu rosto, conforme a ordem que lhe fez seu exorcista; amoleceu-a e a tornou flexível e manejável como uma lâmina de chumbo. O exorcista, em seguida, lhe dobrou o corpo de diversas formas, para trás e para frente e dos dois lados, de sorte que ela tocava a cabeça quase no chão e o demônio a retinha na postura em que ela havia sido posta até que a mudassem, não tendo, durante esse tempo, que foi bastante longo, nenhuma respiração pela boca, somente um pequeno sopro pelo nariz.

Ela estava quase insensível, visto que o padre lhe pediu o braço e o espetou com um alfinete, sem que saísse sangue ou que a irmã demonstrasse qualquer sensibilidade.

O demônio Sabulon colocou, cinco ou seis vezes, o pé esquerdo da irmã por cima do ombro até o rosto, mantendo, entretanto, a perna para o mesmo lado.

Durante todas essas agitações, seu rosto ficou muito diferente e suado; sua língua, grossa, lívida e pendendo até o queixo, sem pressão dos dentes; a respiração igual, olhos imóveis sempre abertos, sem piscar.

Ele lhe fez, após isso, uma extensão de pernas, tocando o solo. Enquanto ela estava nessa posição, o exorcista fê-la manter o tronco firme e juntou as mãos".

Todos esses fatos tiveram por testemunha Gaston d'Orléans, irmão de Luís XVIII, que os certificou do próprio punho.

Dois dos exorcistas, o padre Lactance e o padre Tranquille, morreram, em pouco tempo, com a ideia de que estavam possessos, e apresentaram os sintomas da possessão.

Um outro, o padre Surin, de uma reputação de honestidade incontestável, e que só exorcizou após a morte de Grandier, passou também por esses acidentes, que ele descreve com uma grande ingenuidade:

“Depois de três meses e meio, jamais estive sem ter um diabo em atividade perto de mim... O diabo passa do corpo da pessoa possessa e, vindo para o meu, me assalta e me derruba, me agita e me dobra visivelmente, possuindo-me por várias horas como um energúmeno.

Não saberia explicar o que se passa em mim, durante esse tempo, e como esse espírito se une com o meu, sem me tirar a consciência ou a liberdade de minha alma, fazendo-se como um outro eu, como se tivesse duas almas, das quais uma está desprovida de seu corpo, do uso de seus órgãos, e que se mantém ao lado, vendo a que está introduzida...

Quando eu quero, pelo movimento de uma das duas almas, fazer o sinal da cruz em minha boca, a outra me desvia a mão com grande velocidade e me prende o dedo com os dentes, para me morder, de raiva...

Quando eu quero falar, prende-me a palavra; na missa, sou estancado, de repente; à mesa, não posso levar a comida à boca. Na confissão, esqueço, rapidamente, de meus pecados e sinto o diabo ir e vir para mim, como em sua casa.

Não é somente um diabo que me perturba; eles são, comumente, dois”.

Passaram-se nessa luta do exorcismo das religiosas alguns fatos que não estão claros.

Os diabos tinham anunciado, por diversas vezes, que coisas cairiam do alto da igreja, ou que eles gravariam um nome na mão de dois ou três possessos, e as predições se verificaram.

Pensava-se que a superiora tinha a faculdade de ficar suspensa no ar e, um dia em que ela estava assim, os entusiastas acreditavam em milagre quando um incrédulo, suspendendo seu vestido, descobriu que ela tocava a terra com a ponta de um dos pés.

O Conde de Lude, tendo ido a Loudun, e querendo saber a que se deviam as maravilhas narradas, quis constatar a autenticidade das relíquias que lhe haviam sido legadas por seus ancestrais, pediu que lhe fosse permitido certificar-se se o diabo lhes sentiria o efeito.

Os exorcistas as apanharam de sua mão e as aplicaram na superiora, que logo soltou gritos horríveis e fez contorções espantosas.

No acesso mais forte, mostraram-lhe o relicário e, num instante, tornou-se tão calma como antes.

Então, o exorcista, voltando-se para o conde, disse-lhe:

“— Não creio, senhor, que agora duvidareis da verdade de vossas

relíquias".

"— Não duvido mais", respondeu ele, "do que da verdade da possessão;" e, no instante em que ele abriu a caixa, nela só se viam, no lugar das relíquias, a pena e ferrugem.

"— Ah! senhor", exclamou o padre, "por que zombou de nós"?

"— E vós, porém, padre", replicou o conde, "por que zombastes de Deus e do mundo?"

É curioso se ver, na distância dos tempos, as atas das sessões desse fato: em vários lugares, ao lado da assinatura de Laubardemont e de grandes personagens, a assinatura de Asmodée e de Satã (Manuscritos da Biblioteca Real).

As características pelas quais se reconhecia, na época, a possessão eram:

1º - o conhecimento dos pensamentos não expressos;

2º - o entendimento das línguas desconhecidas;

3º - a faculdade de falar línguas desconhecidas ou estrangeiras;

4º - o conhecimento dos acontecimentos futuros;

5º - o conhecimento do que se passa em lugares distantes ou situados fora da visão normal;

6º - a exaltação súbita das faculdades intelectuais;

7º - o desenvolvimento das forças físicas, superior à idade ou ao sexo daqueles que as apresentava;

8º - suspensão do corpo no ar, durante um tempo considerável.

Capítulo 2

Histórias semelhantes às Histórias do Magnetismo (continuação): Tremedores das Cévennes

Após a revogação do édito de Nantes, os protestantes, como se sabe, foram perseguidos. Essa perseguição, rude por toda parte, o foi muito mais nas províncias e, principalmente, nos campos, onde o zelo é menos controlado. Eles eram impedidos de se reunir e até lhes tiravam os filhos, para educá-los na religião católica.

Em Cévennes, a exaltação dos protestantes, assim perseguidos, foi extrema e se manifestou por sinais singulares. Eles se reuniam em lugares desertos, longe da autoridade, para, juntos, cantarem salmos. De repente, algum dos assistentes era lançado ao chão, tremia o corpo todo, depois pregava e profetizava.

Depois dele um outro continuava e, algumas vezes, dois ou três pregavam ao mesmo tempo. Os que manifestavam esses sinais obtinham grande ascendência sobre os demais.

Houve milhares deles em pouco tempo. Deram-lhes o nome de *tremedores das Cévennes*.

Dessa vez foi com homens que esses fenômenos extraordinários se passaram: as reuniões distantes e clandestinas eram pouco frequentadas por mulheres.

Viu-se um grande número de crianças cair nesse estado e, por sua vez, profetizar, dizem que até crianças de três ou quatro anos, acostumadas aos *patois* [12], falavam em francês. Alguns tremedores se expressavam em línguas desconhecidas.

Eles tinham a pretensão de detectarem seus perseguidores a uma grande distância e de lerem no pensamento, para desmascarar os traidores.

Um homem chamado Clary confundiu, assim, dois espiões, que o confessaram.

A insensibilidade exterior era levada entre eles a um alto grau. Um jovem, de sentinela numa árvore, caiu de 12 pés [13] de altura sem sentir qualquer mal.

Melhor do que isso, para provar que não tinha contato com os espiões que havia desmascarado, Clary pediu e obteve a prova pelo fogo: colocam em torno dele, à vista da assembleia, uma grande quantidade de galhos secos aos quais puseram fogo e que se reduziram a cinzas, sem que ele parecesse sofrer dores ou sufocações.

O mais célebre profeta foi uma jovem de 16 a 17 anos, conhecida pelo nome de a Pastora de Cret, trazida de muito longe.

Ela possuía a aparência de uma pessoa adormecida, sem nenhum movimento convulsivo. Era de uma insensibilidade completa a qualquer sorte de excitação. Em seu estado normal, conhecia muito imperfeitamente o francês, mas, durante o sono, se exprimia nessa língua com pureza. Não tendo nunca aprendido mais que seu Padre-Nosso e seu Credo, ela fazia, quando adormecida, preces admiráveis e excelentes.

Quando saía de seu sono, não se lembrava de nada que havia dito e sustentava que dormira muito, embora tivesse falado durante quatro ou cinco horas, quase sem repousar. Fazia predições durante seu sono, não saía dele por si mesma, mas pedia que a despertassem.

Enquanto os homens, na maior parte, davam o espetáculo que narramos no meio dos campos ou dos bosques, nas cidades, as mulheres faziam outro tanto.

O Marechal de Villars, que terminou com os *tremedores das Cévennes*, disse: “Vi coisas em que não acreditaria, se não se tivessem passado sob meus olhos; uma cidade inteira onde todas as mulheres e todas as moças, sem exceção, pareciam possuídas pelo diabo. Elas tremiam e profetizavam publicamente, nas ruas”.

Capítulo 3

Histórias semelhantes às Histórias do Magnetismo (continuação): Convulsionários de Saint-Médard

Foi também em uma seita religiosa perseguida que se manifestaram os estranhos fatos que vamos relatar.

Conhecia-se a história do jansenismo: as cinco proposições teológicas apresentadas como extraídas de Jansénius denunciadas a Roma; a luta em torno dessas proposições: de um lado o governo de Luís XIV e os jesuítas, de outro, os solitários de Port-Royal; os Provincianos saindo dessa querela; a questão da ortodoxia abandonada por uma questão de fato: saber se as proposições condenáveis e condenadas em Roma, em 1653 e em 1656, estavam ou não em Jansénius; a assinatura do formulário que era contra as proposições e contra Jansénius; o arrependimento dos que concordaram em assinar e a proscrição dos que se recusaram (1665); Port-Royal arrasada cinco anos depois; as sepulturas violadas e os corpos dispersados em diversos cemitérios; enfim, a parte de ação e de coragem que, nessa luta, retorna às religiosas, tendo à sua frente as mulheres da família de Arnault e de Pascal.

No século 18, a tempestade se formou de novo. O padre Quesnel, do oratório, havia escrito um livro intitulado *Reflexões Morais sobre O Novo Testamento*, onde acreditou reconhecer os princípios de Jansénius. Foi condenado, em 1713, pelo papa, na bula *Unigenitus*. As dificuldades do formulário reapareceram para a bula, e um grande número de jansenistas se recusou a subscrevê-la apelando ao futuro concílio, no qual foram chamados apelantes, e com as oposições, voltaram as perseguições.

Entre os apelantes se distinguiu o diácono Paris, que recusou um curato para evitar aderir à bula, consumiu sua fortuna em obras de caridade, viveu, em seguida, na pobreza e no trabalho, morreu em termos de santidade (1727) e foi enterrado no cemitério de Saint-Médard.

Doentes que visitaram seu túmulo julgaram-se curados; publicaram esse milagre e a multidão veio ao túmulo.

Logo, mulheres entusiastas do jansenismo, desejosas da intercessão de Deus em seu favor, ali caíram em convulsões e outras mulheres, após elas, por contágio; em seguida, curas maravilhosas, curas constatadas com uma tal autoridade que o próprio ódio não pôde, então, refutá-las, suficientemente.

O governo, que favorecia os jesuítas, viu com desprazer esse favor nascente do jansenismo: ordenou o fechamento do cemitério e mandou vigiá-lo.

O arcebispo de Paris proibiu as visitas ao túmulo e vários convulsionários foram presos. Todos conheciam a chacota que então foi feita; na porta do cemitério encontra-se esta inscrição:

"Da parte do rei, proibido por Deus fazer milagre neste local".

Era em 1732; os milagres não aconteceram mais no cemitério porque ele estava vigiado, mas continuaram em vários lugares, com efeitos menos violentos, pela ausência do espetáculo e, em outros, com o caráter primitivo.

Uma testemunha importante, Carré de Montgeron, conselheiro no parlamento de Paris, escreveu o que havia visto em um livro intitulado: *A Verdade dos Milagres de Paris* (1737-1748). Em sua sinceridade, ele apresentou esse livro a Luís XV, que mandou encerrá-lo na Bastilha, depois o enviou para o exílio onde ele morreu.

Fatos bem parecidos são atestados, em 1759, por Doyer de Gastel e por um homem ilustre, La Condamine.

De início encontraram aqui o que acabavam de ver entre os *tremedores das Cévennes*: uma exaltação das faculdades intelectuais, o dom de falar com eloquência das coisas sobre as quais, no estado normal, havia dificuldade de se expressar (entre nossos convulsionários jansenistas o texto comum dos sermões é o pecado original, a necessidade do socorro divino,

todas as verdades condenadas na bula). A descoberta do segredo dos corações. A previsão do futuro (os convulsionários prediziam a conversão dos judeus e a ressurreição do profeta Elias, para repor todas as coisas em ordem, segundo as promessas do Evangelho). Davam, além disso, consultas para os doentes, declarando o estado, o andamento e o fim das doenças. Influência do estado de convulsão sobre a vida normal: um senhor Fontaine, tendo predito que ficaria 40 dias sem comer, ficou 40 dias sem comer. Se alguns, esquecendo-se do que haviam dito em convulsão, queriam comer no intervalo fixado para o jejum, não o podiam, absolutamente; eles não podiam ingerir nenhum alimento. Convidado a fazer representações de diferentes cenas: comumente, ele tratava de figurar a paixão de Jesus Cristo, ou os suplícios que, um dia, os infiéis deviam sofrer após a vinda de Elias.

Sua fisionomia se adaptava, com a mais completa verdade, a todos os sentimentos, todas as sensações que desejavam representar.

Enquanto eles estavam estendidos para representar a crucificação, via-se formar, em muitos deles, vermelhidões ou outras marcas, exatamente nos lugares onde as mãos de Jesus Cristo foram feridas por pregos. Nada, porém, se iguala aos prodígios de insensibilidade exterior e da força orgânica que os convulsionários fizeram aparecer.

Não falamos da prova do fogo, nem dos traços de coragem revoltantes, no gênero daquele que é contado da santa Elizabete de Hungria: são as menores coisas, mas da administração dos socorros.

É, com efeito, por aí que as convulsões são originais.

Uma jovem de 22 a 23 anos, Jeanne Mouler, de pé, com as costas apoiadas contra a parede, recebia no estômago e no ventre 100 golpes de um peso de 29 a 30 libras, que lhe eram arremetidos por um homem dos mais vigorosos.

Essa moça afirmava que só podia ser abalada por golpes bem violentos e Carré de Montgeron, que se dispusera experimentar, deu-lhe 60 golpes com toda a força de que era capaz, a irmã os achou tão insuficientes que ela colocou o bastão nas mãos de um homem mais robusto, que lhe deu os 100 golpes que ela julgava como sendo necessários.

Carré, então, para provar a força dos golpes que não a tinham satisfeito, experimentou-os contra um muro.

"Ao 25º golpe, a pedra contra a qual eu golpeava, que havia sido abalada pelos golpes anteriores, acabou de se partir e tudo que a retinha caiu do

outro lado do muro, fazendo uma abertura de mais de meio pé de largura."

Havia também o exercício da prancha, que se executava estendendo sobre a convulsionária, deitada no chão, uma prancha que a cobria inteiramente. Então, subiam nessa prancha quantos homens ela pudesse conter e a convulsionária sustentava todos eles. Dizem que subiam até 30, "donde se conclui, como observa Carré de Montgeronn que o corpo dessa jovem estava suportando um peso de mais de 3.000 quilos, peso que seria mais do que suficiente para esmagar um boi".

Uma outra, deitada no chão, se deixava pisar nos pés pelos mais robustos homens e não se satisfazia ainda.

Outra mulher, que estava contrariada, "se deixava amarrar ao pescoço com uma forte corda e ligava as duas pontas de duas outras cordas a cada um de seus pés. Ela pedia, em seguida, a dois expectadores para puxarem, com toda a violência possível, as duas cordas que estavam em seus pés. A fim de que pudessem usar mais força, pedia que passassem essas duas cordas em forma de cinto em torno de seus rins e apoiassem os pés contra uma grossa peça de madeira que estava ali de propósito". Por esse meio, seu pescoço se alongava e ela mantinha, em seguida, a cabeça erguida.

Havia também o *biscuit*. Era uma pedra de 22 libras com a qual um auxiliar batia contra o peito da convulsionária. Ela suspendia a pedra o mais alto que podia e batia, o mais forte possível, até 100 vezes, seguidamente. "A cada golpe o quarto estremecia e o assoalho tremia."

Nós passamos fatos horríveis. Ora, todos esses fatos têm por testemunhas os próprios adversários das convulsões, que concordam aqui com os adeptos e não encontram outro recurso senão atribuí-los ao demônio. Esses mesmos, para melhor constatá-los, pediram ao Parlamento uma pesquisa da qual não ousaram participar.

Um fato curioso é que tais milagres, e dos mais espantosos, foram atestados por Armand Arouet, o irmão de Voltaire.

Em 1660, os comissários nomeados pelo rei, para examinarem os pretensos possessos de Auxonne, declararam que tinham visto vários baterem com a cabeça contra o chão ou contra as paredes com uma violência que deveria determinar fratura do crânio ou, ao menos, um derramamento de sangue considerável, sem que disso resultasse ao menos uma nódoa.

La Condamine nos deixou a ata minuciosa da crucificação de duas

mulheres. Elas foram realmente crucificadas; compridos pregos foram enterrados em suas mãos e em seus pés. Após colocada a cruz de pé, deitaram-na um quarto de hora e depois a reergueram.

Para uma delas, a experiência durou três horas e meia. Isso aconteceu, diz a testemunha, sem qualquer marca da mais viva dor.

Capítulo 4

Histórias semelhantes às Histórias do Magnetismo (continuação): Exorcismos de Gassner. Toques de Greatrakes. Ímãs do padre Hell. Tratamentos metálicos de Perkins

Já falamos dos exorcismos de Gassner, no tempo de seu encontro com Mesmer. Ele ordenava ao pulso de um doente para bater mais ou menos rápido e o pulso obedecia.

Sabe-se de uma ata do exorcismo de uma jovem que possuía o dom das representações. Gassner lhe ordenou que ficasse como morta e ela pareceu entrar em agonia.

Greatrakes [14], escreveu o sábio George Bust (deão de Conmor, depois bispo de Dromore, na Irlanda), era um homem simples, amável, piedoso, alheio a qualquer trapaça.

Não tinha nenhuma opinião errônea sobre religião e era muito apegado aos ritos da Igreja Anglicana. Passei três semanas com ele, juntamente com Conwayes, quando tive ocasião de observar seus costumes e vê-lo curar um grande número de doentes.

Com a aplicação de sua mão, fazia cessar a dor e a expulsava pelas extremidades. O efeito era, algumas vezes, muito rápido e vi algumas pessoas curadas como por encanto.

Se a dor não cedia no começo, ele repetia as fricções e assim fazia passar o mal das partes mais nobres para as que o são menos e, enfim, até as extremidades.

Posso afirmar, como testemunha ocular, que ele curou vertigens, males

dos olhos e dos ouvidos bem graves, epilepsias, úlceras crônicas, escrófulas, tumores cancerosos no seio.

Vi-o fazer amadurecer, no espaço de cinco dias, tumores que já existiam há anos.

"Essas curas surpreendentes não me induzem a crer que houvesse alguma coisa de sobrenatural; ele mesmo não o admitia e sua maneira de curar prova que não havia milagre nem influência divina. A cura era, às vezes, lenta; várias doenças só cediam aos toques reiterados e algumas resistiam a todos os cuidados, seja porque fossem muito inveteradas ou por causa da compleição do doente. Parecia que se escapava de seu corpo uma emanação balsâmica e salutar."

"Greatrakes está persuadido de que a faculdade que possui é um dom de Deus e eis por que: há cerca de quatro anos acredita ter uma espécie de inspiração e ouve uma voz lhe dizer que ele havia recebido o dom de curar os escrofulosos.

Importunado vários meses seguidos por essa ideia, contou isso à sua esposa, que julgou ser uma doença da imaginação.

Certo dia, tendo encontrado um escrofuloso, ele o tocou e o curou. Chamou outros doentes e o sucesso que obteve lhe deu confiança.

Uma febre epidêmica se declarou na região, ele se acredita advertido pela mesma voz e, encontrando-se nos lugares onde os doentes estavam reunidos, tocou-os e curou um grande número deles.

Logo imaginou que poderia curar todas as enfermidades e suas esperanças se concretizaram. Entretanto, ele ficava, às vezes, admirado de seu poder e até duvidava se tudo o que acreditava ver não era uma ilusão. Enfim, estando persuadido de que Deus lhe havia concedido um favor especial, dedicou-se unicamente a cuidar dos doentes."

Ao testemunho de um sábio teólogo, juntamos o de dois célebres médicos: Faireclow e Astelius, que examinaram, cuidadosamente, as curas feitas por Greatrakes.

"Tenho sido tocado, disse Faireclow, por sua doçura, sua bondade para com os desgraçados e com os efeitos que sua mão produz. Ele não emprega qualquer cerimônia estranha. Quando cura alguém, não se vangloria e se limita a dizer: 'Que Deus vos conserve a saúde'! Se lhe testemunham o reconhecimento, responde, seriamente, que convém agradecer unicamente a Deus.

Todos os que o conhecem admiram sua piedade e sua modéstia. Dedica-se, principalmente, aos marujos e aos soldados doentes pelos ferimentos recebidos ou pelas fadigas da guerra."

Ouçamos, agora, Astelius:

"Vi Greatrakes, disse ele, afastar, num instante, as mais vivas dores com a aplicação de sua mão. Vi-o fazer descer uma dor do ombro até os pés, de onde ela saiu, afinal, pelos artelhos. Uma coisa notável é que, quando ele estava expulsando o mal e que era obrigado a parar, a dor ficava fixada no lugar onde ele parava e só cessava com novos toques e, então, ele a conduzia até as extremidades.

Quando as dores estavam fixadas na cabeça ou nas vísceras, e que ele as deslocava, elas produziam, algumas vezes, crises terríveis que faziam temer pela vida do doente, mas, pouco a pouco, elas passavam para os membros e ele as retirava, inteiramente.

Vi um garoto de 12 anos tão coberto de tumores escrufulosos que não podia fazer nenhum movimento. Greatrakes curou a maior parte desses tumores com uma só aplicação de sua mão e lancetou os que eram maiores, curou as chagas, tocando-as e molhando-as, algumas vezes, com sua saliva."

Astelius narra ainda várias curas notáveis de que foi testemunha. Afirma que viu um grande número delas, mas não as detalha. Confirma os elogios que Rust e Faireclow fizeram dos costumes e do caráter de Greatrakes e reconhece, como eles, que as curas operadas não eram miraculosas, não eram sempre completas e que até, algumas vezes, não tinham sucesso.

Valentin Greatrakes, cavalheiro de Alfane, nasceu no condado de Waterford, em 1628. Foi em 1662 que se sentiu levado a tocar escrufulosos e, em 1665, tentou tratar toda sorte de doenças.

Em 1666, foi a Londres e a corte o chamou a Whitehall, onde realizou curas, mas lhe aconteceu o que devia suceder a um homem simples e piedoso: vários cortesãos zombaram dele. Ele se retirou para um bairro de Londres, perto de um hospital, onde ia, todos os dias, tocar os doentes.

Já citamos os ímãs do padre Hell; não esqueçamos os "tratores metálicos" de Perkins.

Em 1792, um médico dos Estados Unidos da América, Elisha Perkins, atribuiu aos metais a influência sobre os corpos vivos. Em consequência, mandou construir um instrumento longo, com duas polegadas e meia,

composto de diferentes metais, chamado “trator metálico”.

Diz Deleuze: “Para curar várias afecções locais e, particularmente, as dores inflamatórias, basta passear lentamente a ponta do trator sobre a parte afetada, seguindo a direção dos principais nervos e isso 20 ou 30 minutos em seguida, 2 a 3 vezes por dia. A doença cede, às vezes, com a primeira operação; frequentemente, também, a cura exige várias semanas.

Fez-se, com o maior cuidado, a experiência dos ‘tratores metálicos’ nos hospitais da Filadélfia. Um grande número de homens esclarecidos, entre os quais se encontram físicos, naturalistas e 42 médicos ou cirurgiões dos mais distintos, atestam a utilidade dessa descoberta, que foi aprovada pelo governo”.

Benjamin Perkins, filho do inventor, tendo levado os “tratores” a Londres, em 1798, experimentou-os, publicamente, nos hospitais; ele obteve uma patente que lhe assegurava o privilégio exclusivo de vendê-los e mandou imprimir a relação das curas operadas por seu intermédio sobre os homens e os cavalos.

Capítulo 5

Diversos julgamentos desses fatos. Alguns os negam. Deleuze os explica pelo Magnetismo. O Dr. Bertrand, pelo êxtase. O Dr. Dupau, pelas afecções nervosas

Os fatos que acabamos de apresentar não são muito comuns e existem outros mais extraordinários.

Há pessoas que os negam totalmente e acusam de embuste ou de prevenção os agentes e as testemunhas. Outros os aceitam. Entre estes últimos se encontram Deleuze e os magnetizadores. Segundo eles, o que tem produzido estes fatos, sempre e por toda a parte, é o fluido magnético, conhecido ou desconhecido, dirigido ou não.

Ouçamos Deleuze: "Ajuntai no mesmo lugar diversos doentes e que um homem, convicto de que tem o poder de curá-los, se aproxime deles e faça uso de sua vontade, logo o fluido magnético será posto em ação e, uma vez que isso aconteça, ele se propagará de maneira surpreendente e produzirá todas as crises vistas com a selha de Mesmer.

Os próprios objetos que se encontram nesse lugar poderão impregnar-se totalmente da virtude magnética e tornar-se-ão um fermento próprio para desenvolver nos lugares para onde os transportarem...

No túmulo de Paris, o magnetismo agia da mesma forma que na selha, a única diferença é que hoje em dia os magnetizadores dirigem o agente do qual conhecem a ação e, em Saint-Médard, essa ação era irregular e desordenada".

"Encontram-se ainda, no interior, pessoas que se julgam dotadas da faculdade de curar certas doenças. Elas, geralmente, são bem-sucedidas

porque não as persuadiram de que sua confiança era um preconceito ridículo.

Um sapateiro natural de Auxerre, chamado Dal, faz alguns anos, era conhecido na cidade por curar as dores dos dentes e as distensões. É essencial observar que ele não aceitava pagamento algum e até achava que, se recebesse alguma coisa, não curaria mais.

Quando se dirigiam a ele, sua primeira pergunta era: 'Quer ser curado?' Respondiam: 'Sim'. (Era esta a sua maneira de se relacionar.) Ele os tocava durante alguns minutos e em seguida lhes dizia: 'Ande, sem medo', ou então: 'Sirva-se com sua mão' e se verificava que o mal tinha cessado inteiramente. Obtive este fato de pessoas dignas de fé, que habitavam Auxerre e que várias vezes recorreram a Dal. Este não é o único exemplo que conheço, mas é inútil narrar essas coisas aos que não acreditam no magnetismo."

O Dr. Bertrand, que inicialmente se aproximara da opinião dos magnetizadores, mais tarde teve outras ideias. Deu mais atenção a um fato que lhe explicou os outros: algumas vezes acontecia, a certos indivíduos, cair em um estado bizarro. Opera-se neles uma espécie de divórcio entre a vida física e a vida moral e, nesse divórcio, o corpo e a alma mostram, cada um, virtudes singulares.

Ainda que esse estado se apresente sob as mais diferentes formas, Bertrand o denomina sob o nome genérico de *êxtase*.

Esse estado não é uma doença propriamente dita, ainda que certas enfermidades, como as afecções convulsivas, a ele predisponham eminentemente, ele só sobrevém em determinadas circunstâncias. A mais poderosa dessas circunstâncias é uma exaltação moral elevada a um alto grau.

O êxtase aparece em todos os séculos, é ele que produz o efeito da possessão em Loudun, do magnetismo animal na selha de Mesmer e no sono dos sonâmbulos; os médicos, até aqui, o desconhecem.

Eis os sinais que caracterizam o êxtase: 1º - a insensibilidade exterior; 2º - a inércia moral ou a ausência de retorno sobre si mesmo; 3º - o esquecimento ao despertar; 4º - a apreciação do tempo; 5º - a exaltação da imaginação; 6º - o desenvolvimento da inteligência; 7º - as previsões das crises; 8º - o instinto dos remédios; 9º - a influência particular dos indivíduos sobre sua organização; 10º - a comunicação dos sintomas das

doenças; 11º - a comunicação dos pensamentos; 12º - o transporte dos sentidos; a visão sem o auxílio dos olhos.

A observação do primeiro, do segundo, do quarto e do nono sinal lhe pertencem, disse ele.

Insensibilidade exterior. Uma sonâmbula, por exemplo, conta, sem qualquer alteração de voz, enquanto espetam 40 ou 50 alfinetes em seu corpo. Lembramos as experiências consignadas no relatório de Husson.

Inércia moral. Isto é, a ausência de reflexão, de retorno a si mesmo, para reconhecer o estado em que se encontra e, em consequência, julgá-lo pelas respostas às questões que lhe são feitas, nenhum espanto do sonâmbulo pelo estado em que se acha e da bizarria dos novos estados, por onde o fazem passar. Por continuação, ainda, de sua inércia pessoal, uma disposição entre os sonâmbulos e extáticos é atribuir os conhecimentos que adquirem à revelação de uma inteligência estranha. Como eles não se veem agir, supõem que um outro age neles.

Esquecimento ao despertar. O magnetizado esquece, ao despertar, o que se passou no seu sono, mas lembra muito bem quando torna a adormecer. Se, acordado, ele esquece sua vida durante o sono, ao contrário, quando adormecido, ele lembra, e frequentemente com maior vivacidade, sua vida acordado; ele tem, por assim dizer, duas existências divididas. Em seu relatório, Deleuze fala algumas vezes do ser despertado e do ser adormecido como de dois seres diferentes.

Apreciação do tempo. Se perguntamos a um sonâmbulo adormecido quanto tempo é necessário deixá-lo no estado em que se encontra ou em que momento será preciso lhe dar tal ou qual medicamento, e que indique um tempo determinado, ele próprio adverte sobre esse momento, com uma precisão impressionante.

Exaltação da imaginação. Entende-se por exaltação da imaginação a faculdade de receber, dos objetos ausentes, a mesma impressão como se estivessem presentes. Sonha-se no êxtase como no sonho comum e sob o império de uma completa ilusão, variando o espetáculo somente segundo as disposições físicas e morais dos sonâmbulos.

Desenvolvimento da inteligência. Esse desenvolvimento é, de ordinário, muito menor no sonambulismo magnético do que nas outras modificações do êxtase. A memória, particularmente, é mais desenvolvida, e até circunstâncias insignificantes da infância se apresentam bem vivamente.

Daí a faculdade de falar línguas das quais só se tinha um conhecimento imperfeito ou que estavam esquecidas há muito tempo.

Deleuze viu uma jovem de 16 anos ditar, a seu convite, notáveis tratados de medicina.

Previsão. Compreende-se por previsão, nos doentes, a faculdade de anunciar, por antecipação, as modificações orgânicas que neles devem acontecer e indicar, com a maior precisão, o momento da chegada dessas mudanças ou crises, sua duração e os principais sintomas que elas devem apresentar. O autor viu até 60 acessos, dos mais graves, preditos por uma sonâmbula com a precisão de minutos para o começo e o fim e, também, um delírio de 42 horas que aconteceu exatamente como o descrito.

Instinto de remédios. Ele duvida muito da pretensa adivinhação existente nesse gênero de sonâmbulos. Ele viu, ordinariamente, os sonâmbulos receitarem, por si próprios, prescrições incontestavelmente menos insensatas que aquelas provindas de pessoas absolutamente estranhas à arte de curar.

Influência particular dos sonâmbulos sobre sua organização. Inicialmente, a influência da imaginação sobre o estado do corpo, influência já considerável entre os homens no estado comum, é muito poderosa e constante entre os sonâmbulos. Depois, influências ainda mais ocultas: acidentes preditos no sono acontecendo no estado de vigília, talvez porque foram preditos, e essas representações exteriores por marcas sensíveis sobre o corpo, de afecções que eles pensam sofrer.

Comunicação dos sintomas das doenças. O dom de sentir, por meio de um simples contato, as dores dos doentes com os quais se entra em relação. Esta era uma das formas pelas quais, outrora, ainda em 1699, reconheciam-se os feiticeiros, e que aparece no processo de uma infeliz, acusada de ter sofrido em si o mal de uma outra mulher a quem ela havia assim levantado; esta era ainda uma virtude dos convulsionários.

O doutor Bertrand assegura ter constatado essa propriedade de maneira a não conservar nenhuma dúvida.

Comunicação dos pensamentos. Permissão de ler no espírito dos outros: antigo sintoma de possessão. O autor só afirma isso com reserva. Ele cita, inicialmente, vários testemunhos antigos: o do padre Surin, exorcista, mais tarde possesso, no relatório de Loudun. A se crer nisso, as religiosas “liam os pensamentos mais secretos”.

Bertrand cita ainda: Gastón d'Orléans, que atesta de próprio punho "que uma religiosa havia obedecido a uma ordem que ele lhe dera mentalmente, sem proferir nenhuma palavra e sem fazer qualquer sinal"; Jean Cavalier, narrando que dois jovens adivinharam nos menores detalhes o que ele guardava interiormente; os escritos de vários autores amigos e inimigos, atribuindo aos convulsionários a faculdade de descobrir os corações, o interior das consciências; a senhora Guyon, narrando, na história de sua vida, que, muitas vezes, lia no pensamento do padre Lacombe, seu confessor, como este lia no seu: "Compreendi, disse ela, que os homens podiam, desde esta vida, entender a linguagem dos anjos; pouco a pouco, fiquei reduzida a só lhe falar em silêncio"; o senhor Puységur, já citado anteriormente.

Enfim, Bertrand narra suas aventuras com sonâmbulas; uma que ameaçava despertar, porém com uma vontade contrária, dizendo-lhe: "Como você me disse para despertar e não quer que eu desperte!"; outra, inteiramente ignorante, explicando-lhe o sentido da palavra *encéfalo*, que ele lhe propusera, com uma perfeita justeza, "se não se quiser ver nesse fenômeno, disse ele, um acaso muito difícil talvez que a suposta faculdade não possa ser explicada senão reconhecendo-se que essa mulher lia em meu pensamento o significado da palavra sobre a qual eu a havia interrogado".

Vista sem auxílio dos olhos. O autor viu uma sonâmbula indicar, com precisão, o lugar onde se achava um anel que ele havia tirado do dedo dela para dá-lo a uma senhora; ele ainda ignorava que o marido dessa senhora tivesse apanhado o anel para colocá-lo em seu bolso.

Ele cita as "Observações de Pététin sobre Sete Catalépticas". Uma, reconhecia as cartas escondidas em sua cama e colocadas sobre seu estômago, diversos objetos na mão de uma pessoa ou numa caixa; sob a roupa de seu médico, ela indicou uma bolsa ali escondida por um incrédulo e dizendo o seu conteúdo; nos bolsos de todos os espectadores, descreve o que eles encerram de mais curioso; através de um biombo, Pététin apanhando, por engano, o casaco de seu marido pelo seu e o adverte de seu erro. Uma outra descobre, no bolso de um espectador um Luís, que ela declara não sentir o peso, e leu uma ordem encerrada em um papel lacrado.

Numa cidade da Alemanha, três médicos atestam fatos semelhantes: por exemplo, uma sonâmbula lendo um escrito encerrado em uma escrivaninha.

Deleuze certifica que uma jovem sonâmbula, após ter lido, de olhos

vendados, sete ou oito linhas corretamente, ao lhe apresentarem uma caixa de papelão, fechada, onde estavam escritas as palavras: *amizade, saúde, felicidade*, leu a primeira palavra e admitiu que as duas outras eram *bondade, doçura*.

Rostan fala de uma sonâmbula que lia exatamente, e por várias vezes, a hora marcada por um relógio atrás de sua cabeça.

Geroget viu numa sonâmbula "fenômenos admiráveis de previsão e de clarividência, de tal modo, disse ele, que em nenhuma obra de magnetismo, nem na de Pététin, encontrei algo mais extraordinário, nem mesmo em todos os fenômenos que observei".

Afinal, o matemático Francoeur, não o garantindo e nem crendo, publica, em 1829, uma narração de fatos maravilhosos desse gênero, constatados durante vários meses por diferentes médicos das estações de água de Aix, principalmente pelo doutor Despine, médico geral do estabelecimento. É uma doente que vê, ouve e sente cheiro pelos dedos e pelos artelhos; uma outra lia, com o dedo, 10 páginas inteiras com uma extrema vivacidade e escolheu, num pacote com mais de 30 cartas, uma dentre as que lhe haviam indicado, escreve, corrige e a recopia palavra por palavra, lendo pelo cotovelo esquerdo, enquanto escrevia com a mão direita. Tudo isso através de um anteparo de cartão grosso que lhe ocultava inteiramente os objetos. Os mesmos fatos aconteciam sobre o epigástrio, na planta dos pés e em diversas partes do corpo. Ela transportava sempre a visão para o olho, o olfato para as narinas, aspirando o ar pelo nariz, enquanto sentia pela ponta dos dedos, e quando lia pela palma da mão, esfregava os olhos para ver mais claro.

Encontram-se fatos semelhantes de sentidos transportados nas histórias dos possessos, dos feiticeiros e dos convulsionários. O exorcista Surin, falando das religiosas de Loudun, disse que pode "jurar perante Deus e sua Igreja", que mais de 200 vezes elas lhe descobriram coisas bem ocultas em seu pensamento e no de sua pessoa.

A propósito de uma pobre feiticeira de 1699, Marie Bucaille, lê-se no documento redigido em seu favor: "O senhor cura de Golleville relata que, estando a dita Bucaille em um dos seus êxtases, ele colocou uma carta em sua mão, a propósito da mulher de um de seus amigos que estava doente, e que, imediatamente, sem ter aberto a carta nem ouvido o que se queria, ela pôs-se a oferecer a Deus preces para essa pessoa, que ela nomeou.

O mesmo cura relata que durante um outro êxtase, tendo colocado um bilhete, dobrado e lacrado, em suas mãos, no qual um homem pedia esclarecimento sobre várias coisas, ela respondeu exatamente às perguntas que lhe eram feitas, sem abrir o bilhete".

Entre os convulsionários há os mesmos fenômenos:

"Um fato indubitável, atestado por uma multidão de pessoas de mérito e muito dignas de fé, que o viram e examinaram com todo o cuidado e atenção possíveis, é o de um convulsionário que reconhece e distingue pelo olfato, a ponto de ler o que lhe apresentam, embora lhe cubram completamente os olhos com uma venda bem grossa que impede, inteiramente, a passagem da luz." (Vista geral sobre as convulsões.)

Quanto à faculdade, entre os extáticos, de ver o que se passa em seu próprio corpo, o doutor Bertrand não acredita nisso: no meio de uma multidão de fatos absolutamente contrários, só encontrou dois ou três que fossem um pouco satisfatórios.

Como se vê, o doutor Bertrand acolhe, e até de boa vontade, um grande número de fatos maravilhosos, e os explica como um estado particular que ele denomina *êxtase*.

O doutor Dupau, mais radical, nega um certo número de fatos, os mais extraordinários, e atribui os outros, simplesmente, às afecções nervosas já conhecidas.

Capítulo 6

Condições para acreditar nos fatos. Fatos certificados, incríveis

Nós não temos a pretensão de decidir quem tem razão nas disputas sobre o magnetismo; declaramos somente o que seria preciso para convencer decididamente o público.

De início, antes de explicar os fatos, é necessário constatá-los. Evita-se assim, disse Fontenelle, o ridículo de ter encontrado a causa do que não existe. Essa desgraça aconteceu outrora com alguns sábios da Alemanha, no relatório do dente de ouro, que certo autor espirituosamente narrou.

"Em 1593, correu o boato de que os dentes de um garoto da Silésia, com a idade de sete anos, estavam caindo e em lugar de um deles lhe nascera um de ouro. Horstius, professor de Medicina na Universidade de Helmstadt, escreveu, em 1595, a história desse dente e afirmou que ele era em parte natural, em parte milagroso e que havia sido enviado por Deus a esse garoto para consolar os cristãos atacados pelos turcos. Imaginem qual a consolação e qual o benefício desse dente para os cristãos e para os turcos.

No mesmo ano, a fim de que esse dente não faltasse nos historiadores, Bullandus também escreveu a história.

Dois anos depois, Ingelsteterus, outro sábio, escreve contra a opinião que Bullandus tinha do dente de ouro e Bullandus logo fez uma bela e douta réplica. Um outro grande homem, chamado Lebavius, reúne tudo o que havia sido dito sobre o dente e lhe acrescenta sua opinião particular.

Não faltava outra coisa em tantas belas obras, a não ser que fosse verdade que o dente era de ouro.

Quando um joalheiro o examinou, achou que era uma lâmina de ouro

aplicada no dente com muita habilidade, mas começou-se por escrever livros e só depois se consultou o joalheiro."

Portanto, vamos logo ao fato. Em quais condições ele está certo? Em duas condições: a primeira, que não haja fraude; a segunda, que não haja ilusão.

Quanto à fraude, não se duvida que ela tenha acontecido no magnetismo, como também em qualquer parte, e seria curioso encontrar um crente no magnetismo que acreditasse na boa-fé de todos os magnetizadores e de todos os magnetizados que apareceram.

Não há nenhuma sonâmbula que tenha fingido dormir, fingindo ficar insensível, fingido adivinhar o que já sabia perfeitamente ou que já conhecia por si mesma, ou o que possuía das informações de algum parceiro instruído pelas conversas da antecâmara?

Conta-se que, num salão, uma mulher espirituosa, prestando-se às experiências do magnetismo, simulou um semblante de adormecida e se aproveitou disso para dizer a cada um dos presentes as mais cruéis verdades. Ninguém na sociedade acreditou que ela estivesse sonâmbula e lúcida; não se acredita nunca que uma pessoa que vê tais coisas veja claramente, mas, se ofendendo a alguns, ela tivesse feito elogios a outros, e escolhido os segredos da comédia para divulgá-los, aqueles que os interessados escolhessem por si mesmos, fora de dúvida ela iria adquirir a reputação de uma excelente sonâmbula magnética.

Se houve um único caso de fraude, pode ter havido cem mil e é importante se manter reservas.

Além da mentira dos agentes, há a mentira das testemunhas. É preciso ver: 1º - se há testemunhas; 2º - se elas merecem crédito; 3º - se elas dizem as coisas como lhe são apresentadas; 4º - se elas as disseram como as ouviram.

"Eu não sei, diz Lebrun, de onde veio essa fábula, que se insinuou tão bem nos espíritos, a de que o túmulo de Maomé está num quarto cujas paredes estão todas cobertas por um ímã que o atraem de todos os lados. Isto não é assim e nunca foi, e quando falei disso aos turcos, eles riram bastante. Consta que o túmulo de Maomé não é de ferro, nem suspenso no ar por meio do ímã, mas que ele é de pedras talhadas, colocado no chão, de onde nunca foi removido (*Histórias das Superstições*)."

"O público teria sido levado a acreditar que uma mulher estava grávida de vários coelhos, por diversas vezes, já que o fato havia sido colocado em

vários jornais, com certificado do cirurgião obstetra, e com a autoridade do anatomista do rei que dele havia publicado uma narração como de um fato constante, mas o rei da Inglaterra tomou tantas cautelas que se descobriu a impostura e o próprio anatomista do rei retratou-se publicamente."

"Fernel, primeiro médico de Henrique II, compunha um tratado sobre as causas ocultas das coisas, onde, entre várias coisas curiosas, ele se lembra, para se divertir, de escrever em bom latim, as propriedades da chama de um carvão aceso como se fosse uma pedra luminosa e incandescente, vinda das Índias.

Mizand, ávido de raridades, ficou contente ao saber disso. Longe de crer que se brincava, acreditou e comunicou ao senhor Thou, que não vacilou em inserir a narração desse fato na sua história que se acabava de imprimir.

Enquanto se faziam todos esses raciocínios sobre a pretensa maravilha, Thou compreendeu que Mizand havia sido trapaceado. Ele ficou zangado por ter sido tão crédulo e por ter-se apressado em incluir esse fato inconveniente em suas histórias. Obteve dos livreiros da França a promessa de que não o colocariam mais nas edições posteriores, porém, não conseguiu a mesma condescendência nos editores da Alemanha que resolveram não suprimir essa história curiosa, não deixando de colocá-la em suas edições, de modo que muitos se enganaram e ainda se enganarão."

Lia-se em uma carta enviada ao "Mercure" de 1725:

"Há uma jovem senhora, em Lisboa, que possui verdadeiros olhos de lince; isto não é exagero: ela tem uma vista tão penetrante que descobre a água na terra, em qualquer profundidade que esteja".

Um religioso se encarregou de comunicar aos autores da carta que esse fato não era tão novo como eles pensavam:

"Supondo sempre o talento bem comprovado de nossa portuguesa, direi que não é a única pessoa provida da rara vantagem de uma vida tão penetrante: já se viu, em Anvers, um prisioneiro, cuja vista era tão penetrante e tão viva que ele descobria, sem nenhum auxílio de instrumento, e com facilidade, tudo o que estava escondido e coberto debaixo de qualquer tipo de tecido ou roupas com exceção somente de tecidos tingidos de vermelho.

A pessoa que me garante esse fato tão singular é Huygens, célebre matemático muito conhecido no mundo sábio, que o relatou ao reverendo padre Mersenne".

Ora, é curioso recorrer à carta de Huygens, apresentada como autoridade: trata-se do *post-scriptum*.

"Como recompensa pela viagem ao paraíso que me comunicou, o senhor saberá de fato bastante estranho, embora antigo: pessoas sérias, de idade e de condição, declaram ter visto, prisioneiro em Anvers, durante nossas primeiras guerras, um homem que tinha a faculdade de ver através das roupas, desde que não tivessem cor vermelha; que indo visitá-lo a mulher de seu carcereiro, acompanhada de outras mulheres, para consolá-lo em sua prisão, ficaram muito espantadas de vê-lo rir e, forçando-o a dizer a causa, ele respondeu friamente: *porque há, no meio de vocês, uma que não usa combinação*, o que foi confessado."

Lembramos uma mistificação que não data de muito tempo, a bela notícia do grande astrônomo Herschell, que, com sua longa luneta, tinha visto o que se passa na Lua e havia descrito exatamente a configuração, as produções, os habitantes e os costumes desses habitantes. Esse pequeno livro foi comprado em profusão; só se falava dos habitantes da Lua e apenas alguns espíritos fortes ousavam emitir uma leve dúvida, mas eram esmagados pela autoridade de Herschell. Afinal de contas, concluiu-se que, nessa narrativa, tudo era mentira, exceto o proveito do mentiroso.

Outra causa do erro: a ilusão. Comumente não se presta muita atenção, mas, de fato, ela responde pela maior parte dos erros desse mundo. É estranho como, quando temos alguma prevenção, ela nos torna surdos e cegos.

Coloquem homens de perfeita boa-fé, porém diversamente apaixonados, diante da mesma cena; interrogados, eles farão narrativas bem diferentes: uns viram e ouviram o que outros não viram nem ouviram; outros viram e ouviram o contrário do que os outros viram e ouviram. Isso acontece todos os dias.

La Mothe Le Vayer nos narra dois exemplos tirados de historiadores do século 16: "A vitória do Imperador Carlos V sobre o Duque de Saxe, na passagem de Elba, foi publicada por toda a Europa, como se o sol tivesse, visivelmente, atrasado o seu curso, muito tempo, em favor dos imperiais. Isto passou por tão verdadeiro que Henrique II quis se informar com o Duque de Albe quando este veio buscá-lo para o casamento de Elisabeth de França com Felipe II.

A resposta de Albe foi digna dele e daquele que o interrogava: que em

verdade todo mundo contava essa maravilha, porém que ele confessava à sua majestade que o cuidado pelas coisas que se passavam então sobre a Terra o havia impedido de observar o que se fazia no céu, e acompanhando suas palavras com um sorriso que demonstrava o que se devia acreditar de tudo isso.

Tomarei o segundo exemplo do que escreveu Jean-Baptiste Legrain, a quem muito estimo, no tempo de Luís, o Justo.

Ele afirmou, no sexto livro, que ele próprio viu, em Paris, no ano de 1615, por volta das 20 horas de 26 de outubro, homens de fogo, no céu, que combatiam com lanças e eu, com esse espetáculo terrível, prognosticava o furor das guerras que se seguiram.

Entretanto eu estava, assim como ele, na mesma cidade, e garanto ter contemplado continuamente, até pelas 23 horas, o fenômeno de que ele fala e que não vi nada do que ele conta".

A história relatada por Walter Scott, sobre a fé de um honesto cronista, que um bom número de homens ainda vivos testemunhava, é desse gênero, porém, muito melhor.

Na Escócia, numa aldeia sobre Clyde, os habitantes tinham sido advertidos que eram vistos, ao longo do rio, homens de armas que combatiam: uns caíam ao solo e desapareciam, outros surgiam em seu lugar. Foram ao local indicado: 200 pessoas viram, 100, não viram.

"Eu não vi nada, continua o cronista, mas o espanto e o medo dos que viam impressionavam bastante todos os outros."

Quantas vezes se facilita ingenuamente o embuste e se confessa em seu lugar a coisa que se quer perguntar! A cena de "O Avarento" se repete perpetuamente e Molière não corrigiu o mundo inteiro.

Harpagon: Esta caixinha, de que é feita? Vou ver se é a minha.

Maître Jacques: De que é feita?

Harpagon: Sim.

Maître Jacques: Ela é feita como uma caixinha.

Le Commissaire: Isto se sabe, mas se esforce um pouco para verificar.

Maître Jacques: É uma grande caixinha...

Harpagon: A que me roubaram era pequena...

Maître Jacques: Sim, ela é pequena, como dizem, porém eu a considero grande pelo que ela contém.

Le Comissaire: E de que cor é ela?

Maître Jacques: De que cor?

Le Comissaire: Sim.

Maître Jacques: Ela é de cor..., de uma certa cor... poderia me ajudar?

Harpagon: Como?

Maître Jacques: Ela não é vermelha?

Harpagon: Não, cinza.

Maître Jacques: Sim, cinza, vermelha, é o que eu queria dizer.

Harpagon: Não há dúvida, é exatamente ela.

Maître Jacques: Eu não lhe disse que eu iria descobrir tudo.

Existem várias histórias assombrosas que foram exatamente atestadas que não podem ser acreditadas.

Descontem a mentira do autor ou a hipótese da história por um estranho; descontem a ilusão da testemunha e o engano do acaso; quando tiverem descontado tudo isso, e já não é pouco, restará dentro de nós uma repugnância invencível para admitir a verdade dos fatos.

Esse ancião bem que dizia: "Quando me convenceres, não me convencerás".

Escolheremos algumas dessas histórias prodigiosas entre as mais célebres; seu número é infinito.

A anedota seguinte é contada por Marguerite de Navarre em suas *Memoires*:

"A rainha minha mãe estava em Metz, perigosamente acometida de febre. Delirava e era assistida, em volta do leito, pelo Rei Carlos (meu irmão), por minha irmã e meu irmão de Lorraine, por vários senhores do Conselho e muitas senhoras e princesas que, considerando-a fora de esperança, não a abandonavam de maneira alguma, quando exclamou, continuando seus delírios, como se tivesse visto a batalha de Jarnac:

'— Vejam como eles fogem; meu filho está vitorioso! Meu Deus! Levantem meu filho, ele está no chão! Vocês veem nessa fila o Príncipe de Condé morto'?

Todos os que estavam lá acreditavam que ela delirava, porém, na noite seguinte, Losses me trouxe a notícia:

'— Bem que eu sabia', disse ela, 'eu anteontem já não tinha visto isso'?

Então se reconheceu que o ocorrido não fora delírio da febre, porém, advertência que Deus dá às pessoas ilustres".

Lemos, nas *Memórias* do abade Choisy, narrações bem surpreendentes

desse tipo. Todavia é preciso notar que elas não se encontram no manuscrito de Argenson e que foram, mais tarde, publicadas pelo entusiasmo do autor.

Pela primeira vez, o abade de Choisy acha ter encontrado algo extraordinário. O padre de Roissy conseguia fazê-lo ver, num copo d'água, coisas maravilhosas, porém, o feiticeiro ficou intimidado e anunciou que não faria nada em sua presença. Foi embora e no dia seguinte afirmaram que tinham visto o diabo ou alguma coisa semelhante.

Segue-se uma curiosa história acontecida na casa da Condessa de Soissons, sobrinha do cardeal Mazarin. Seu marido estava doente em Champagne; ela estava em dúvida se deveria ir buscá-lo, quando um velho servidor de sua casa lhe ofereceu para relatar, por um espírito, se seu marido morreria dessa doença.

Mandou entrar uma garotinha de cinco anos e lhe colocou à mão um copo d'água. Disse, baixinho, que pediria ao espírito para fazer aparecer um cavalo branco, caso o Conde devesse morrer. Cinco vezes seguidas o cavalo branco apareceu.

A senhora de Bouillon estava presente com o senhor de Vendôme e o Duque, atual marechal de Villeroy. "As três pessoas presentes contam o fato para quem quer ouvi-lo."

Mas a maior história desse gênero é a que Saint-Simon narra em suas *Memórias* (capítulo 161).

"Eis aqui uma coisa que o Duque de Orléans me narrou no salão de Marly, num canto onde conversávamos frente a frente, num dia às vésperas de sua partida para a Itália, que aconteceria de Paris, cuja singularidade, verificada por acontecimentos que não se podiam prever, então, me obriga a não omiti-la.

Ele tinha muita curiosidade sobre todas as espécies de artes e ciências, e, com muita presença de espírito, tinha tido em toda a sua vida a fraqueza tão comum na corte dos filhos de Henrique II, que Catarina de Médicis havia, dentre outros males, trazido da Itália.

Ele queria ver o diabo, mas não conseguiu, conforme me disse frequentemente, e ver coisas extraordinárias e conhecer o futuro.

La Sery tinha uma menina de oito ou nove anos em sua casa, ali nascida, que jamais saíra de casa e tinha a ignorância e a simplicidade dessa idade e dessa educação.

Entre outros ladrões de curiosidades ocultas que o Duque de Orléans

havia encontrado em sua vida, apresentaram-lhe um, na casa de sua ama, que admitiu fazer ver, num vaso cheio d'água, tudo quanto se quisesse saber.

Ele pediu alguma coisa de inocente para a jovem olhar e a menina se mostrou apta.

Eles se divertiram, então, em querer saber o que se passava em lugares distantes e a garota via e dizia o que estava vendo. Esse homem pronunciava baixinho alguma coisa sobre esse vaso cheio d'água e logo se conseguia sucesso.

As farsas que o Duque de Orléans havia presenciado levaram-no a uma prova que o pudesse tranquilizar.

Ordenou, baixinho, no ouvido de um de seus serviçais, para ir, imediatamente, a quatro passos dali, à casa da senhora de Nancré, para examinar bem o que ali havia e se fazia, a posição e a mobília do quarto, tudo o que ali se passava e, sem perder um momento, nem falar com ninguém, vir e lhe falar ao ouvido.

Num instante a tarefa foi executada, sem que ninguém percebesse o que se passava, e a garotinha permaneceu sempre no quarto.

Assim que o Duque de Orléans recebeu o recado, disse à garotinha pra olhar no vaso quem estava com a senhora de Nancré e o que ali se passava. Logo ela narrou, palavra por palavra, o que tinha visto, conforme o Duque de Orléans já sabia.

A descrição do rosto, das figuras, das roupas das pessoas que lá estavam, sua situação no quarto, as pessoas que jogavam em duas mesas diferentes, as que olhavam ou conversavam sentadas ou de pé, a posição dos móveis, numa palavra, tudo.

Naquele instante o Duque de Orléans para lá enviou Nancré, que narrou ter encontrado tudo como a menina havia falado e como o empregado, que lá havia ido inicialmente, contara ao ouvido do Duque de Orléans."

"Ele não me falava quase nada daquelas coisas porque eu tomava a liberdade de humilhá-lo. Eu o injuriei por essa narrativa, e lhe disse o que acreditei que poderia desviá-lo de aumentar sua convicção e de se divertir com esses prestígios, principalmente numa ocasião em que ele devia ocupar-se com coisas mais importantes.

— Isso não é tudo, me disse ele, e eu só lhe contei para chegar ao resto. E, logo em seguida, disse-me que, encorajado pela exatidão do que a garota

tinha visto no quarto de Nancré, desejou ver alguma coisa mais importante e o que aconteceria na morte do rei, mas sem indagar a época que não podia se ver nesse vaso. Ele, então, o solicita à garota, que jamais tinha ouvido falar de Versailles nem visto ninguém da corte, a não ser ele.

Ela olhou e lhe explicou, longamente, tudo o que via; fez, com exatidão, a descrição do quarto do rei em Versailles e da mobília que, com efeito, ali se achou por ocasião de sua morte. Ela o descreveu perfeitamente em seu leito e o que estava de pé em torno do leito ou no quarto; uma criança vinda com a ordem da senhora Ventadour, que ela reconheceu porque a havia visto na casa da senhorita Sery.

Reconheceu a senhora Maintenon, a figura singular de Fagon, a Duquesa de Orléans, a Princesa de Conti. Admirou-se com o Duque de Orléans; em uma palavra, ela reconheceu o que via lá de príncipes, de senhores, de serviçais.

Quando disse tudo isso, o Duque de Orléans, surpreso, porque ela não demonstrou reconhecer o Duque de Bourgogne, a Duquesa de Bourgogne nem o Duque de Berry, perguntou-lhe se não via figuras de tal ou tal espécie. Ela respondeu constantemente que não e repetiu as que via. É isto que o Duque de Orléans não podia compreender e porque se espantou muito comigo, buscando inutilmente a razão. O acontecimento é explicável. Estava-se, então, em 1706. Todos os quatro estavam então cheios de vida e de saúde, mas todos os quatro estariam mortos antes do rei.

Aconteceu a mesma coisa com o Príncipe e o Duque, o Príncipe de Conti (que ela não viu, enquanto via os filhos dos dois últimos), o senhor de Maine e o Conde de Toulouse. Porém, até que os fatos ocorressem, aquilo ficou na obscuridade.

Após esta curiosidade atendida, o Duque de Orléans quis saber o que aconteceria. Então não consultou mais o vaso. O homem que ali estava se prontificou em lhe mostrar, como uma pintura sobre a parede do quarto, desde que ele não tivesse medo de ali se ver. No fim de um quarto de hora, de alguns estremecimentos diante de todos eles, a figura do Duque de Orléans, como era então, e no seu tamanho natural, apareceu de repente na parede, como numa pintura, com uma coroa na cabeça. Ela não era da França, da Espanha, da Inglaterra, nem imperial. O Duque de Orléans a observou atentamente e não conseguiu reconhecê-la; jamais vira uma semelhante: só possuía quatro círculos e nenhum ápice. Essa coroa lhe

cobria a cabeça.”

“Da obscuridade precedente, e desta última, tive ocasião de adverti-lo sobre a inconsistência dessas espécies de curiosidades, os enganos do diabo, que Deus permite para punir as curiosidades que ela oculta; o nada e as trevas que daí resultam, no lugar da luz e da satisfação que se procura. Ele estava seguramente, então, muito distante de ser regente do reino e de imaginá-lo. Era esse acontecimento, talvez, o que essa coroa singular lhe anunciava.

Tudo isto se passara em Paris, na casa de sua ama, na presença dos mais íntimos, na véspera do dia em que ele me contou o ocorrido e eu o achei tão extraordinário que o coloquei aqui, não para aprová-lo, porém, para apresentá-lo.”

Hoje, nós não sabemos mais o que é a varinha adivinhatória: outrora ela teve um grande crédito em toda a Europa. Ela girava entre as mãos daquele que a carregava, quando passava sobre um lugar onde se encontrava uma fonte. Le Brun narra suas maravilhas com um homem que pensa andar nas terras do diabo.

“Várias pessoas, disse ele, encontram água por esse meio. Faz-se a mesma coisa com relação a metais, minerais e coisas de uso singular, como o vidro, o cristal, o talco, o jaspe, o mármore, e outras coisas semelhantes, e com pedras que servem de limites para separação de terras. Essa varinha os indica por seu movimento.

Se os limites estão no mesmo lugar onde os haviam colocado os possuidores das terras, a varinha não se volta apenas para os limites, ela gira também sobre o espaço que há entre os dois e faz, assim, passar aquele que a segura, pela linha de separação.

Se o limite não está mais em seu primitivo lugar, a varinha gira somente sobre esse limite e não gira, de maneira alguma, quando se distancia dele. Percorre-se então o campo, até que a varinha, por um movimento, indica o lugar de onde o tiraram maliciosamente.”

“Antes da defesa do cardeal Le Camus, o uso dela era muito comum em Dauphiné. [15] Muita gente do campo, homens, rapazes e moças, viviam da pequena renda de sua varinha e uma infinidade de desavenças, referente a limites, terminavam por esse processo; obtinha-se, facilmente, recursos com esses juízes que tinham em suas mãos a justiça e todas as leis de seu

tribunal. A sentença era prontamente expedida e suas custas eram módicas: cinco ‘sols’ [16] eram o preço fixo pelas descobertas, como pela verificação de um limite.

Para descobrir as coisas mais ocultas de perto e de longe, consultava-se a varinha sobre o passado, o presente e o futuro. Ela abaixava para responder sim e se elevava com a negativa; era indiferente fazer a pergunta de viva voz ou mentalmente.”

“O reverendo padre Ménétrier, jesuíta, escreve que, após as célebres experiências feitas em Aymar, apareceram enxames de procuradores de fontes por meio da varinha, que seguia as pistas dos ladrões, descobria o ouro ou dinheiro escondidos...

A quantos efeitos, prossegue ele, se estende hoje esse talento? Não há limites. Serve-se dele para julgar a qualidade dos tecidos e a diferença de seu preço, para livrar os inocentes dos culpados por um tal crime. Todos os dias essa virtude realiza novas descobertas, desconhecidas até hoje.”

Aí estão as práticas e as afirmações, porém temos um fato atestado pelo historiador das *Superstitions*. “Um presidente do parlamento de Grenoble, tão respeitável por sua probidade, por seu espírito e sua erudição, como por seus cargos e por suas qualidades, permitiu que lhe segurassem as mãos, quando, estando em Grenelle e ouvindo falar das experiências da varinha, eu não podia acreditar no fato. Eu lhe segurei a mão direita, com as duas mãos, e uma outra pessoa lhe segurou a esquerda, em uma alameda de jardim, sob a qual havia um cano de chumbo que conduzia água a uma banheira. Num instante a varinha bifurcada que ele tinha nas mãos, com a ponta virada para a terra, elevou-se e se torceu com tanta força que o presidente pediu ajuda porque lhe feria os dedos.”

Essa maravilha, já bem satisfatória, não é nada comparada com a que segue. Vamos narrá-la integralmente, vale a pena:

> História da descoberta do assassinato de Lyon, sobre a relação do intendente, do procurador real, do abade de La Garde, de Panthot, decano dos médicos de Lyon e do célebre advogado Aubert.

“Em 5 de julho de 1692, um vendedor de vinho e sua mulher foram mortos, a golpes de foice, numa adega; seu dinheiro foi roubado de uma loja que lhes servia de quarto. Não se pôde suspeitar nem descobrir os autores do crime e um vizinho do casal mandou vir a Lyon um camponês de

Dauphiné, chamado Jacques Aymar, que, fazia alguns anos, tinha a fama de seguir a pista de ladrões, de assassinos e das coisas roubadas, guiado por uma varinha, de qualquer espécie de madeira, que gira em suas mãos, sobre a água, sobre os metais, sobre os limites dos campos e sobre diversas outras coisas ocultas.

Aymar chega e promete ao procurador real ir nos passos dos culpados, desde que comece por descer à adega onde se verificou o assassinato.

O delegado criminal e o procurador do rei para lá o conduziram e lhe deram uma varinha da primeira madeira que encontraram.

Ele percorreu a adega e sua varinha não fez nenhum movimento, a não ser sobre o lugar onde houvera o assassinato. Nesse local, Aymar ficou mudo, seu pulso se acelerou como numa grande febre; a varinha, que ele mantinha entre as mãos, girou rapidamente e todas essas emoções redobraram no local onde havia sido encontrado o cadáver da mulher.

Depois, guiado pela varinha, ou por um sentimento interior, ele foi à loja onde o roubo havia sido feito e de lá, seguindo pelas ruas a pista dos assassinos, entrou no pátio do arcebispado, saiu da cidade pela ponte do Rhône e tomou o lado direito, ao longo desse rio.

Três pessoas que o escoltavam foram testemunhas de que ele, algumas vezes, percebia três cúmplices e outras, só contava dois. Ele foi esclarecido quanto ao número ao chegar à casa do jardineiro onde ele sustentou, obstinadamente, que eles tinham rodeado uma mesa para qual a varinha apontava e que, de três garrafas que havia no quarto, eles haviam tocado em uma, sobre a qual a varinha também girava.

Quiseram saber do jardineiro se ele ou alguns dos seus tinha falado aos assassinos, mas nada se conseguiu. Chamaram os empregados e a varinha não os conheceu.

Afinal, dois garotos de quase 10 anos aparecem e a varinha gira; foram interrogados e confessaram que, num domingo, pela manhã, viram três homens que tinham aparecido na casa e bebido o vinho da garrafa que o homem indicava com a varinha.

Essa descoberta fez acreditar que Aymar não impunha nada, porém, antes de enviá-lo mais longe, acreditou-se que era bom fazer uma experiência mais particular sobre seu segredo. Como se havia encontrado a foice de que os assassinos se serviram, colocaram diversas outras foices, do mesmo tamanho, no jardim do senhor Mongivrol, onde foram enterradas sem que

ninguém as visse. Fizeram-no passar sobre o local onde estavam todas as foices e a varinha girou somente sobre aquela utilizada para o assassinato.

O intendente então vendou os olhos de Aymar e, a seguir, escondeu essas mesmas foices na relva e o conduziu ao lugar onde elas estavam. A varinha apontou sempre para a mesma foice, sem considerar as outras.

Após essa experiência, deram-lhe um empregado do arquivo e arqueiros para irem perseguir os assassinos. Foram à margem do Rhône, até meia légua abaixo da ponte, e as marcas impressas na areia da praia mostraram claramente que eles haviam embarcado. Foram seguindo pela água e o camponês conduziu seu barco por rotas e sob um arco da ponte de Viena, onde nunca se passava, o que os fez presumir que os assassinos não tinham barqueiro, pois se afastavam do bom caminho no rio.

Nessa viagem, o camponês chegou a todos os portos onde os assassinos tinham estado e foi direto ao albergue onde reconheceu, com grande espanto dos hóspedes e dos espectadores, as camas onde eles haviam dormido, as mesas onde haviam comido, os vasos e os corpos que eles tinham tocado.

Chegaram ao campo de Sablon, o camponês se sente mudo, está persuadido de que vê os assassinos, mas não ousa utilizar sua varinha para se convencer, porque teme os soldados e, cheio de medo, retorna a Lyon.

Novamente é enviado ao campo de Sablon num barco e com cartas de recomendação. Os criminosos haviam partido antes do seu retorno; ele os persegue até Beaucaire e, pelo caminho, visita os albergues onde eles se hospedaram, marcando sempre as mesas e as camas que ocuparam, os vasos e os copos que usaram para beber.

Quando ele foi a Beaucaire, reconheceu, por sua varinha, que os assassinos se separaram assim que ali entraram. Ele se limitou a perseguir aqueles cujos vestígios provocavam mais o movimento de sua varinha. Parou diante da porta de uma prisão e disse categoricamente que, lá dentro, havia um deles. Abriram a porta, apresentaram-lhe 12 ou 15 prisioneiros entre os quais um corcunda, ali preso, fazia uma hora, por um pequeno latrocínio, e foi esse que a varinha designou como um dos cúmplices.

Procuraram os outros e Aymar descobriu que eles tinham tomado um caminho para Nîmes e o corcunda foi levado para Lyon.

No começo, ele negava ter o mínimo conhecimento desse fato ou dos culpados, e afirmava nunca ter estado em Lyon. Todavia, conduziram-no

pela estrada onde ele havia passado quando desceu para Beaucaire, e ele foi reconhecido em todas as casas onde havia parado, confessando que tinha comido e bebido com os cúmplices, em todos os lugares que a varinha tinha indicado. Interrogado em Lyon, declarou que tinha estado presente ao assassinato e ao roubo e que os dois cúmplices que ele denunciou eram os assassinos; um matou o marido, o outro, a mulher.

Dois dias depois, com a mesma escolta, Aymar voltou ao lugar de onde se falou, para retomar a pista dos outros cúmplices e sua varinha o conduziu para Beaucaire, na porta da mesma prisão, onde o primeiro dos cúmplices havia sido encontrado. Ele assegurava que ainda havia um outro lá dentro, e só se convenceu de seu erro quando o carcereiro que lhe disse que um homem, tal como era descrito como um dos dois celerados, ali tinha vindo pedir notícias do corcunda.

Acompanharam, em seguida, os vestígios: foram até Toulon, em um hotel onde os assassinos tinham jantado no dia anterior; perseguiram-nos pelo mar onde haviam embarcado e verificaram que eles desembarcavam, de tempos em tempos, nas margens, e que haviam dormido debaixo das oliveiras. Apesar das tempestades, a varinha os seguiu inutilmente sobre as ondas, dia a dia, até os últimos limites do reino.

Entretanto, o processo do corcunda prosseguia com uma singular exatidão e quando o camponês voltou, esse criminoso, que tinha 19 anos, foi condenado, em 30 de agosto, a ser estraçalhado vivo sobre os *terreaux*.” [17]

Sabemos todos qual foi a reputação incontestada da célebre cartomante senhorita Lenormand.

De todas essas histórias, certificadas e incríveis, que pretendemos concluir? Nada, nem a favor, nem contra o magnetismo animal; porém, isto unicamente: todas as vezes que se quer admitir um fato difícil de ser admitido, é preciso apresentar as mais numerosas e mais fortes provas; o supérfluo pouco adianta. Nós acrescentamos à habilidade dos magnetizadores: já que eles têm seus fatos maravilhosos, devem estar munidos de provas tão claras quanto o dia. Infelizmente, eles não gostam de operar diante dos curiosos, dos incrédulos e dos zombeteiros.

Deleuze o confessa e, já no seu tempo, Mesmer recusava para seus juízes, os médicos e os sábios dos quais ele temia a vaidade. Lembramos das

instruções que Deleuze dá aos que desejam provar a verdade do magnetismo. Ele lhes diz: *acreditem*. A Ciência diz: *duvidem*. Seria bom que se entendessem. Eu quero magnetizar e acham que se eu não tenho fé e vontade eu não magnetizarei porque o fluido será rebelde? Seja, e passemos adiante. Todavia, se é você quem magnetiza, simples testemunha que eu sou, eu deverei acreditar, antes de entrar na sala onde você magnetiza, porque se eu não acreditasse paralisaria a ação do magnetizador e neutralizaria seu fluido? Realmente isso é duro, e aí está um estranho processo e juízes estranhos.

Quando se pensa assim, é preciso praticar o magnetismo para si e não pretender converter o mundo ou, se ainda se sonha com isso, pedir a Mesmer para que ele ilumine os infiéis e faça descer sobre eles a graça magnética.

Os magnetizadores sentiram bem a impossibilidade dessa condição e apelaram por mais de uma vez para o exame da Academia de Medicina, sem exigir a crença.

Não pretendemos dar razão a ninguém, mas existe aqui somente uma dificuldade. Trata-se de constatar que uma sonâmbula lê com os olhos vendados e o magnetizador faz suas condições: será uma venda de tal ou qual tecido, de tal ou qual forma. Sem isso o fluido não funcionava. Admitamos que ele tenha razão, a Academia também terá razão de recusar o exame porque, se os magnetizadores têm o direito de fixar as condições com as quais a prova se produzirá, os sábios também têm o direito de fixar as condições para as quais a prova seja decisiva. A Ciência francesa tem uma fraqueza: quer ver tudo claro. Esse estado de coisas é desagradável para o magnetismo, no caso que ele seja verdadeiro, porque sobre esses fenômenos extraordinários cada um só crê no que viu e ainda não é sempre que acredita.

Os testemunhos isolados de homens sérios e inteligentes abalam os incrédulos, sem os convencer. O julgamento favorável de um grupo de sábios, competente para um tal exame e interessado em não comprometer sua autoridade, cada membro fiscalizando os outros, arrebataria tudo.

Questões sobre os fatos. Fora de qualquer fraude e de qualquer ilusão produzida pela prevenção moral ou pelas coincidências fortuitas, está invariavelmente provado:

1º - Que uma sonâmbula lê no pensamento de seu magnetizador? 2º - Que

ela vê, com os olhos fechados ou vendados, um objeto descoberto? 3º - Que ela vê o interior dos corpos, lê uma carta fechada, adivinha o que está numa caixa, vê, sem instrumento, o estado dos órgãos interiores de uma outra pessoa? 4º - Que, ao tocar numa mecha de cabelos, por exemplo, ela reconhece a quem pertence e descreve exatamente quem é essa pessoa: o físico, o moral e a vida? 5º - Que ela vê o que se passa nos lugares distantes, desconhecidos até daquele que a interroga? 6º - Que ela prediz o futuro, em que está desinteressada; por exemplo, que tal pessoa, tal dia fraturará tal membro ou se afogará, ou se queimará? E que ela realiza essas experiências não uma vez nem duas, porque há felizes coincidências e habilidades maravilhosas, porém muitas vezes, e experiências bem variadas, para que não haja dúvida possível?

Capítulo 7

Explicação dos fatos. A existência do fluido magnético está demonstrada?

Após a constatação dos fatos, a explicação. Lembremo-nos das palavras de Laplace:

"Estamos tão distantes de conhecer todos os agentes da natureza e seus diversos modos de ação, que seria pouco filosófico negar a existência de fenômenos só porque eles são inexplicáveis, no estado atual de nossos conhecimentos. Apenas devemos examiná-los com uma atenção tanto mais escrupulosa que pareça mais difícil de admiti-los: e é aqui que a análise das probabilidades se torna indispensável para determinar até que ponto é necessário multiplicar as observações ou as experiências a fim de se obter, em favor dos agentes que elas parecem indicar, uma probabilidade superior às razões que possam existir para lhe rejeitar a existência."

Nós pedimos que se aplique ao magnetismo estas regras que ele faz lembrar tão facilmente.

O agente universal ao qual ele recorre para tudo explicar é o fluido magnético. Ora, se temos de fazer-lhe reconhecida a existência, será necessário prová-la: somente as afirmativas não bastam.

Os movimentos que Deleuze lhe atribui ao redor do túmulo de Pâris parecerão facilmente gratuitos e bizarros. Isso lembra a ingenuidade de Deslon, quando os comissários acadêmicos lhe perguntam porque na sala das crises se toca a harmônica. "O som, responde ele, conduz o fluido." Todavia, Deleuze assegura que ele se mostra e que os sonâmbulos o enxergam, eles o veem envolvendo o seu magnetizador, principalmente a

cabeça, e escoando pelas extremidades das mãos. Por azar, enquanto sonâmbulos, nos tempos de fé no fluido, veem um fluido, em outros tempos, de fé nos espíritos, eles sentem espíritos em si e sempre levam, em seu sono, as preocupações dominantes da véspera. Do mesmo modo não é necessário estar adormecido para ter semelhantes impressões.

A sincera senhora Guyon, bem acordada, sentia a graça divina descer em seu corpo e envolvê-lo a ponto de o romper, se não a despertassem; e, em torno dela, mulheres despertas, mulheres da mais alta sociedade, recebiam em silêncio os eflúvios do fluido celeste. Acrescentamos a isto uma ilusão natural que a sensibilidade nos faz; Cabanis observa que ela se comporta como um fluido que se lança tanto de um lado como de outro. Afinal, o contágio dos acidentes nervosos de que falaremos mais tarde parece uma verdadeira transmissão de um fluido. Seria, portanto, prudente adiar o fluido magnético até que se pudesse provar.

O fluido magnético é muito complacente e muito discreto: os magnetizadores dizem dele o que querem e ele nunca foi desmentido por ninguém. Por azar, se os incrédulos dizem que ele não existe, ele não os desmente.

Existe aqui uma curiosa observação a se notar. Como os casos de doenças e de curas maravilhosas são antigos, como também sempre se buscou uma causa para eles, constantemente lhes atribuem a causa que, naquele momento, estava em evidência.

Quando se acreditava na influência dos planetas, a causa era a influência dos planetas. Quando se deu atenção à propriedade singular do ímã, só se via o ímã e se pensou até que duas bússolas imantadas, munidas cada uma de seu alfabeto, seriam facilmente ouvidas a algumas centenas de léguas. Quando, sob o império das preocupações religiosas, via-se por toda a parte um poder celeste ou infernal, a causa desses acidentes bizarros foi então um poder celeste ou infernal.

Afinal, nosso tempo, que viu nascer a eletricidade, buscando em tudo causas físicas, aceitou-as com esse modelo.

Nós nos mostramos tão rigorosos quanto os historiadores crentes dos possessos de Loudun: no lugar dos exorcistas colocamos um magnetizador e, no lugar do diabo, um fluido. Aparece uma outra descoberta que destrona a descoberta da eletricidade e pode-se pensar que o eterno agente das maravilhas se transformará mais uma vez. As gerações se seguem e se

assemelham: têm a mesma loucura e cada uma se veste ao seu modo.

Apressamo-nos em dizer: que o fluido magnético existe ou não, não toca os fatos que se quis explicar. Resta saber se eles não se explicam por uma causa conhecida e muito natural.

Capítulo 8

Poder das causas naturais: temperamento, exercício, doenças, agentes físicos, sono, estado moral e imaginação

Posto de lado o fluido magnético, ficariam ainda as virtudes próprias e extraordinárias do sono sonambúlico e restaria investigar se estas são consequências de virtudes que não lhe pertencem.

Antes de atribuir fatos a uma causa nova é preciso, parece, verificar bem a energia das causas já descobertas e, antes de declarar que elas não podem fazer uma coisa, deve-se conhecer tudo o que elas podem fazer nesse gênero.

Ora, quando se examinam os efeitos do magnetismo animal sobre o espírito e sobre o corpo, de ordinário se considera, de um lado, a maravilha física ou moral e, por outro lado, o hábito de todos os dias. Como existe uma grande distância entre eles, conclui-se que, para vencê-la, também é preciso uma virtude maravilhosa.

Propomo-nos a suprir, pelo menos, uma parte do intervalo, com a ajuda de fatos semelhantes. Tiraremos dos observadores o que fazem de surpreendente as causas naturais conhecidas. Após isso, se restar prodígio, afirmamos em sã consciência, é preciso, então, resignar-se.

Não imitemos os camponeses de Gonesse que, vendo no ar o primeiro balão lançado de Paris, tomaram-no por um monstro e quiseram estraçalhá-lo.

Não imitemos jamais esses indianos que, vendo os europeus comunicaram-se por cartas, imaginavam que esses quadrados de papel estavam enfeitiçados.

Não façamos como, há séculos, George Agricola e outros metalúrgicos, descrevendo e figurando perigosamente em suas obras, os demônios, os gnomos, que se encontravam nas entranhas da terra e que escapavam de algumas aberturas do inferno, para abafar os mineiros com vapores pestilentos, apagar suas lâmpadas ou causar explosões espantosas.

Capítulo 9

Estados extraordinários do corpo: 1º - Insensibilidade, força extraordinária, resistência à destruição; 2º - Doenças, curas arbitrárias; 3º - Comunicação dos sintomas das doenças; 4º - Sutileza dos sentidos

1º - Insensibilidade, força extraordinária e resistência à destruição.

Todo mundo sabe que há indivíduos que enterram alfinetes na panturrilha, sem sentir dor. Ninguém duvida que, entre aqueles que sofrem essas picadas, o hábito não diminui muito o sofrimento.

Certas afecções nervosas, a catalepsia, por exemplo, destroem momentaneamente a sensibilidade. Algumas vezes elas a alteram ao ponto de, o que provoca, comumente, as mais vivas dores, não produzir mais que sensações agradáveis ou voluptuosas. Várias pessoas lembram ter provado grandes prazeres na síncope ou na asfixia. Locke fala de um cavaleiro irlandês que jamais pôde ver, sem tremer, aquele cavaleiro que o havia arrancado das delícias que ele experimentava, retirando-o da água onde ele se afogava.

Sabe-se que a eterização nos torna insensíveis nas mais cruéis operações.

Em certos acessos de afecções nervosas, moças se tornavam capazes de escalar muros, subir em árvores altas, em telhados, e de fazer mil coisas que parecem necessitar de uma grande força muscular. Bertrand viu jovens nesse estado pedirem, como socorro, que lhe amarrassem fortemente diversas regiões de seu corpo.

O sono, entre certas pessoas, é tão pesado que é preciso maltratá-las rudemente para despertá-las; algumas foram vistas suportando golpes

violentos e até fortes queimaduras.

A distração chega até a suprimir o sofrimento: soldados em ação algumas vezes são cruelmente feridos sem disso se aperceberem. Zimmermann conta que o matemático Viete, absorvido em seus cálculos, ficou três dias sem beber, nem comer, nem dormir. Os alienados, cujo espírito está possuído de outras ideias, suportam jejuns que não poderiam suportar no estado normal. Alguns foram vistos ficar sem tomar alimento durante um mês inteiro.

Algumas vezes a vontade opera uma insensibilidade artificial. Santo Agostinho nos legou, em seu livro *Cidade de Deus*, uma história onde se nota uma singular ação da vontade sobre o corpo: "Houve um padre da igreja de Calame, chamado Restitutus, que, quando queria, a pedido dos curiosos de uma tal maravilha, desde que imitassem gemidos, perdia os sentidos e, todo estendido como um morto, espetavam-no, beliscavam-no, até o queimavam e ele não sentia nada, exceto, ao despertar, a dor do ferimento. Ele não sentia realmente nada do que se passava em seu corpo; via-se que sua respiração era nula, como num morto, todavia, quando falavam um pouco alto ele ouvia as vozes como de longe".

Cardan atribui a si mesmo uma virtude semelhante. "Também, muitas vezes, quando eu quero, caio insensível como em êxtase. Quando nesse estado, sinto no coração como se a minha alma partisse e, em todo o corpo, como se ela abrisse passagem. Começa pela cabeça, principalmente pelo cérebro, segue toda a espinha dorsal e só para com grande sacrifício. Sinto somente que saio fora de mim e, à custa de grandes esforços, eu retorno, pouco a pouco."

Quanto pode o moral nesse gênero? A força moral e a imaginação ajudam, sem dúvida, a sofrer a dor, mas, verdadeiramente, elas a suprimem, algumas vezes, no todo ou em parte.

Com coragem e uma imaginação muito elevada, sofre-se melhor e sofre-se menos. Cita-se um ladrão italiano que, apertado no interrogatório para confessar seus crimes, resistiu aos mais violentos tormentos, repetindo: *Ti vedo*.

Tendo escapado da forca por essa constância, perguntaram-lhe o significado das palavras *Eu te vejo*. "Era a potência, disse ele; vendo-a, tinha coragem de negar."

Conhece-se o fato de um almirante que, com os quatro membros cortados pelas balas dos canhões, pediu que o colocassem sobre um tambor e ainda

comandou.

Passem para uma criatura frágil, para uma mulher, uma forte paixão (por exemplo, a vontade de salvar seu filho moribundo) e verão que prodígios de energia física ela apresentará para desconsertar e vencer os mais robustos homens.

E os fanáticos da Índia: "Vi em vários lugares, disse Bernier, faquires que mantinham um braço e, às vezes, os dois, suspensos e estendidos perpetuamente para o alto, atrás de suas cabeças. Os nervos estavam contraídos e as juntas secas. Outros, por uma promessa particular, se mantinham sete ou oito dias de pé, sobre suas pernas, que se tornavam inchadas e grossas, como suas coxas, sem se sentarem, sem dormirem, nem repousarem, a não ser se inclinando e se apoiando algumas horas da noite sobre uma corda estendida diante deles. Outros que se mantinham horas inteiras sobre suas mãos, sem tremerem, com a cabeça para baixo e os pés para o alto, e não sei quantas outras posições".

Sabe-se que eles enfiam pregos em suas carnes, carregam correntes de pesos enormes e queimam diversas partes do corpo.

Todo mundo conhece a antiga lenda do anacoreta do século 5º, Siméon Stylite, que viveu 26 anos em cima de uma coluna.

Como o corpo se torna insensível por causas naturais, também por causas naturais ele é capaz de resistir a causas físicas de desorganização. Duhamel e Dutillet viram filhas de camponeses ficarem 10 minutos num forno de 140 graus centígrados. Físicos provaram que podiam suportar bastante tempo a permanência em um quarto com a temperatura de 124 graus.

Cabanis reconhece que uns fanáticos receberam insensivelmente fortes ferimentos que, no seu estado natural, teriam sido mortais ou muito perigosos; e Montègre afirma ter tido conhecimento de um jovem que, num acesso de delírio frenético, se jogou por uma janela de um quarto andar, caiu no chão e só teve um ferimento pequeno na perna.

2º - Doenças, curas arbitrárias.

Quem não provou mil vezes por si mesmo os efeitos da contenção do espírito, das paixões ou da imaginação sobre o corpo? Sob a influência dessas causas morais, vemos algumas vezes o corpo se abater e se levantar, morrer e viver.

Recolhemos de um observador sério, Tissot ("Tratado dos Nervos"), uma

série de fatos vistos ou admitidos por ele, que mostram essa prodigiosa influência:

Contenção do espírito. Pechlin fala de uma mulher que, por algumas horas de uma leitura atenta, entrava em convulsões, e de uma outra pessoa que também experimentava convulsões pensando numa coisa desagradável.

Galien conservou a história de um gramático que tinha um acesso de epilepsia todas as vezes em que meditava profundamente ou ensinava com entusiasmo.

Mead cita o fato de uma jovem de 20 anos que uma sucessão de diferentes doenças de langor tinha lançado numa hidropisia, [18] acompanhada do mais decidido marasmo. Todos os remédios eram inúteis e estava declarada absolutamente incurável, quando de repente ficou louca; então seu corpo retomou forças, seu ventre diminuiu e pôde tomar os remédios que agiram favoravelmente. No fim de alguns meses, recobrou a saúde e a razão.

Baker relata outro fato que não prova menos a influência da alma sobre o corpo: um homem, da mais bela inteligência e célebre por seus talentos, pela eloquência e pela poesia, contrariado por não gozar de um favor que acreditava merecer, irritado contra seus inimigos, contra seus amigos e contra si mesmo, caiu inicialmente na mais completa depressão e em seguida numa total loucura. Desde que ficou louco, recomeçou a se alimentar, recuperou sua saúde e engordou. É aqui que se deve colocar a história do retor [19] Gallus Vibius que, usando todas as forças de sua alma para compreender as causas da loucura, ele próprio se tornou louco.

Não é como ato muito forte da alma, sem qualquer mistura de medo, que se deve lembrar o exemplo recente da jovem que, familiarizada por seu pai com a ideia de suicídio e achando em sua mão uma pistola que ela supunha carregada, mas não estava, coloca-a em sua fronte e atira, gritando: “Estou morta! Felizmente estou morta”! Essa imagem da morte, profundamente impressa para poder se apagar, lançou-a num delírio e ela morreu, frenética, no dia seguinte.

A espera de um grande acontecimento pode suspender a morte. Pechlin viu, durante a invasão dos franceses na Holanda, em 1672, uma senhora idosa e bem doente que, maltratada, enxotada e totalmente despojada por soldados, foi conduzida, toda nua, por seus filhos, sobre um trenó, a algumas léguas dali. O delírio, a gangrena, a extrema debilidade, um pulso

apenas sensível e irregular, anunciavam uma morte próxima. Ela só fala de tempos em tempos, mas é com calor, para pedir notícias de sua filha, e dá a entender, por palavras entrecortadas, por gestos, que não pode morrer sem vê-la. Percebe-se que sua existência só se mantém pela inquietude com a sorte dessa filha querida, que só apareceu no 8º dia. Já fazia perto de três dias, que a mãe estava fria, sem pulso, e não dava mais sinal de vida. Sua filha fala, ela ouve, e, voltando-se para ela, abraça-a com alegria e morre, abraçando-a.

Imaginação. Spinello, após ter pintado o diabo, ficou tão espantado com os traços terríveis que lhe tinha dado que, por toda a vida, acreditou vê-lo a seu lado, censurando-o por tê-lo feito tão feio.

Para tomar exemplos mais simples: é assim que a lembrança de um prato desejado faz vir a água à boca; que a de um prato desagradável faz vomitar tudo quanto se veja e que um pedaço de cera apresentado como uma aranha a uma pessoa que a temia, lhe ocasionou, disse Zimmermann, espasmos e um tétano.

É pelo mesmo princípio que um pode ser a causa das mortes que acontecem no momento predito. A alma apavorada produziu a fraqueza, que é o efeito natural do medo, e, à medida que o tempo marcado se aproximava, a fraqueza e a desorganização aumentavam em maior proporção. O sentimento dessa fraqueza, junto da certeza da predição, aumentavam ainda mais e os últimos dias se tornaram mortais.

Vi ainda, em 1762, disse Tissot, um homem fortemente persuadido de que passava frequentemente a noite na Espanha, em um lugar, que ele me descrevia com muitos pormenores.

Alegria. Pechlin viu um homem idoso e atacado de forte icterícia, com uma febre lenta, rebelde a todos os remédios, que o prazer do nascimento de um filho curou rapidamente.

O prazer que uma carta do presidente Thou proporcionou a Peiresc o curou de uma paralisia, de que estava atacado fazia algum tempo, e que afetava, principalmente, a língua, da qual recobrou o perfeito uso, no mesmo instante, podendo cantar um hino agradável, que Thou havia colocado em sua carta.

Boerhaave relata a história de uma moça cuja família estava na miséria e que, chamada para as Índias por um irmão que ali estava, rico, morreu de alegria vendo a grande herança que ele lhe destinava.

A herdeira de Leibnitz morreu de alegria, abrindo um velho cofre que se achava cheio de dinheiro.

Acrescentemos em seguida o fato lembrado por Georget: Daubenton foi tomado por um ataque de apoplexia, do qual não sobreviveu quando soube que tinha sido nomeado presidente do senado.

Amor. O objeto de uma paixão favorita pode reavivar o sentimento extinto por um outro objeto. O cataléptico de Tulp retornou a si, quando lhe disseram que ele esposaria sua amada.

Lagni, que não falava mais e que parecia nada mais ouvir, respondeu ainda qual é o quadrado de 12, quando lhe perguntaram. Um de meus colegas, continua Tissot, não podendo obter nenhum sentimento de uma mulher muito avarenta, que havia caído em letargia, lembrou-se de lhe colocar na mão alguns escudos e ela começou a recuperar a consciência, apertando-os; e Morand viu um jogador que não saiu da mais completa insensibilidade, a não ser quando lhe gritaram em alta voz: "*quinte*, *quatorze et le point*". [20]

Cólera. Seriam precisos vários grossos volumes para recolher todas as observações sobre doenças produzidas pela cólera.

Tristeza. Staahl viu uma mãe que, tendo sabido por uma carta da morte de seu filho, caiu logo num desfalecimento que degenerou em apoplexia e a matou rapidamente. A História nos conservou um belo exemplo dos funestos efeitos do amor filial entristecido: Louis de Bourbon, cujo pai, o Conde Montpensier, estava enterrado em Pouzzoles, alguns anos após o seu falecimento mandou abrir seu túmulo para ter a triste satisfação de vê-lo, mas aquele espetáculo causou-lhe uma impressão tão viva e tão forte que ele morreu imediatamente.

Um amigo de Gaubius, tendo sabido em Leyde que seu irmão acabava de morrer em La Haye, toma imediatamente uma condução para lá. Ele chega, contempla o irmão morto, a tristeza o domina; ele se enfraquece, senta-se e cai morto. Foram enterrados juntos.

Valentine de Milan morreu de dor por não lhe vingarem a morte de seu marido, o Duque de Orléans; a delfina Margarida, da Escócia, pelo que haviam desconfiado de sua virtude, e Fernel, pela tristeza de ter perdido sua esposa.

Tissot viu uma afetuosa mãe a quem a morte de uma filha querida lançou

numa febre lenta, que a conduziu a um enfraquecimento, do qual ninguém pode impedir a marcha.

Remorso. Ele viu o remorso matar um homem, muito forte, em 5 semanas.

Pavor. Zimmermann nos narrou a história de um camponês, dos mais robustos, de 35 a 40 anos, que, tendo sido preso por causa de roubo, ficou tão apavorado que perdeu todas as suas forças, a ponto de parecer um homem morto. Ficou nesse estado durante 24 horas; depois começou a tomar algum remédio e, no fim de 30 horas, abriu os olhos; 6 horas depois, articulou alguns sons e, no fim de mais 6 horas, ficou inteiramente curado.

O pavor pode matar de repente; já viram um criminoso morrer ao ouvir pronunciar sua sentença de morte; Herring narra que um homem ao qual se havia anunciado a morte para um dia certo, apavorando-se todos os dias, morreu, enfim, no dia fatal.

Sabe-se que Carlos V, apavorado pela cerimônia de seu enterro, que ele tinha querido executar, passou mal ao terminá-la e morreu no final de poucos dias.

Petit viu um homem ferido na mão que morreu subitamente, vendo seus tendões descobertos; e Haller viu, mais de uma vez, os cães destinados às suas experiências morrerem de pavor, depois de serem amarrados, antes mesmo que fosse aproximado o escalpelo.

Não é ainda ao medo do perigo passado que é preciso atribuir a morte de um doente do doutor Hollings, a quem se ocultou que estava com a varíola, que ele temia bastante, e que morreu subitamente quando lhe anunciaram que já estava curado?

Pétrone cita o exemplo de um empregado que, tendo atravessado, a cavalo, o rio Pó, congelado, sem saber que o atravessara, morreu quando chegou ao lugar do seu destino e soube o que fizera.

Pouco importa que o objeto do medo seja quimérico: afirma um jovem de Hoffmann que, atravessando uma praça, de noite, acreditou ter visto um espectro e retornou para casa quase morto, com um abatimento, um desgosto e uma fraqueza que duraram 15 dias; de outra vez, acreditou que o espectro o segurava pelo pé, que se tornou vermelho, inflamou e supurou. Logo ele foi atacado de convulsões atrozes com delírio, perda da palavra, algumas vezes furor, e todos os acidentes das doenças convulsivas. Ele sempre previa o acesso por um frio que subia das extremidades inferiores, como acontece na maior parte das doenças dessa espécie.

Em 1720, viram, em Berlim, um jovem num estado desesperador e cuja morte era aguardada de um momento para outro, e ao qual a explosão de uma casa de pólvora fez recuperar a consciência. Imediatamente recobrou as forças, levantou-se e foi curado no fim de alguns dias.

É muito comum procurar curar o soluço pelo medo, o que alguns conseguem.

Todo mundo sabe, por experiência, que a aproximação do dentista e a visão dos instrumentos curam, pelo menos por alguns momentos, a dor de dentes.

Acrescentamos um fato estranho citado por Georget: dois irmãos foram mordidos ao mesmo tempo, o ferimento curou e eles se separaram. Ao fim de 10 anos, um soube que o outro morreu de raiva e, pouco tempo depois, ele morreu com a mesma doença.

Voltemos aos efeitos físicos da imaginação para confirmar as afirmações de Tissot; vale a pena falar disso. Inicialmente, não se poderia negar que a atenção dada a fatos que se passam conosco não os faça se acentuarem mais e até mesmo que a preocupação extrema não os invente.

Pensem fortemente numa leve dor que se produz em alguma parte de seu corpo e ela aumenta com sua preocupação e se torna quase intolerável. Uma leve comichão, por exemplo, se for imaginada que é produzida por algum inseto, acabará por se tornar uma comichão geral.

Se estivermos persuadidos de envenenamento podemos apostar numa cólica.

Os doentes absorvidos pelo pensamento de sua doença, atentos aos menores fenômenos que acontecem em seu corpo, a mil movimentos normalmente desapercebidos, conseguem assim exagerar pequenos males e gerar dores reais.

A preocupação em digerir impede a digestão.

Uma crise esperada tem grandes chances de chegar, mas se a pessoa se distrai, se a esquece, tem grandes chances de não acontecer. Existe uma observação bem repetida, a de que a leitura dos livros de Medicina faz a imaginação produzir muitas doenças e que, após ler a descrição minuciosa dos sintomas das doenças e com a nossa imaginação envolvida, passamos a senti-las em nós, julgando assim ter todas as doenças que nos são descritas. Eis alguns fatos colhidos entre médicos: uma mulher pensa de repente num homem paralítico e sente seu braço adormecer, e depois todo um lado do

corpo. Logo, redobrando o pavor, cai numa paralisia total e fica, enfim, paralisada da metade do corpo.

Uns engraçados, colocados nas ruas onde passava um indivíduo sobre o qual se queria fazer uma experiência, o abordam, sucessivamente, como por acaso, o olham com ar de inquietação, pedem-lhe notícias de sua saúde, dizendo que ele parece pálido, desfeito, doente. Ele entra em pavor e, retornando à casa, olha-se no espelho, acredita estar se vendo pálido (ele estava, com efeito, apavorado), põe-se ao leito com um começo de febre nervosa, e, se não tivessem vindo dissuadi-lo, essa má brincadeira podia ter consequências bem perigosas, porque, acrescenta Virey, o pavor da morte faz muita gente morrer.

Tendo o célebre teólogo Hemming citado em suas lições dois versos bárbaros, como próprios para curar a febre, um de seus ouvintes os experimentou num criado e o curou; em seguida, declarando Hemming que havia afirmado a virtude desses versos por brincadeira, seu encanto foi destruído ao mesmo tempo que a confiança.

Os médicos conhecem todas as propriedades maravilhosas das pílulas de miolo de pão, receitadas sob um nome sábio, e como, em muitos casos, elas produzem, exatamente, os efeitos que lhe atribuem.

Há coisa melhor do que isso: Helwig narra que um médico deu a um camponês, por escrito, a receita de um purgante, dizendo-lhe “tome isto”. O ingênuo camponês volta para a sua casa, põe-se na cama, engole o papel, o purgante faz efeito e ele volta para dizer ao médico que foi curado pelo seu remédio.

Todos nós sabemos por experiência pessoal que apenas a vinda do médico, quando nele temos confiança, acalma nossos males. Por sua influência, os médicos fazem o que os remédios não têm feito e os mais hábeis são aqueles que tratam, ao mesmo tempo, a doença e o doente. Eles podem fazer maravilhas, se não as fazem mais frequentemente é porque não querem.

Desde que haja confiança, todos os remédios imagináveis, em todas as épocas, têm curado.

Em Homero, Ulisses, ferido, foi curado por palavras. Catão, o censor, curava as luxações das pernas com palavras secretas.

Segundo um médico latino, a ciática, os males dos rins, se curam mais frequentemente pela música ou pelo canto. Segundo um médico grego, as

mordidas de serpentes se curam com canções.

Apolônio de Tiana expulsava os demônios, ora por toques, ora por palavras. Os termos misteriosos com os quais os gregos expulsavam os males foram conservados. Contra as febres terçãs, além de *Abracadabra: Sator, Arebo, Tenet, Obera, Rotas, Khiriori, Gibel*, etc. Se alguém é mordido por um cão raivoso são necessárias palavras mais infernais, como *Pax, Max, Adimax*. Se tem algum braço fraturado ou pé torcido: *Araries, Dardaries, Donatas, Matas* e o resto. Também lemos no *Tesouro dos Alquimistas*: "Não é nas escolas e academias que o médico deve aprender e conhecer tudo aquilo que pode e deve saber; que ele vá buscar as velhas feiticeiras, os ciganos, os necromantes, os charlatães, os velhos camponeses e que aprenda com eles. Todos lhes mostrarão como se combater os males pelos encantamentos, melhor que nossos sábios da academia.

Eu, que lhes falo, recebi cartas de Galien, datadas dos infernos e discuti sobre a quintessência com Avicenne, na antecâmara de Plutão".

Existe uma propriedade bem antiga, entre os reis, de curar certas doenças. Salomão compunha versos para os encantar; Pirro, na narração de Plutarco e de Plínio, curava as afecções do baço, comprimindo docemente o flanco esquerdo de seu pé direito. Foram conservadas histórias de cegos e hidrópicos, curados por Adriano e Vespasiano.

Os imperadores da Áustria, da casa de Hapsbourg, curavam as feridas dando de beber aos doentes, de sua própria mão, um copo de vinho.

Eduardo III, da Inglaterra, e nossos reis de França, outrora, como se sabe, curavam os doentes tocando-os com a mão.

Segundo Paracelso, Maxwell e Santanelli, pode-se agir a grandes distâncias, na ausência das pessoas: por exemplo, por meio dos cabelos e do sangue de um ferimento, porque as emanações dessas substâncias retornam para o corpo de onde vêm. Se fizerem algumas operações sobre essas matérias, elas podem se transmitir ao corpo.

Digby colocava seu pó de simpatia (que era sulfato de ferro em pó) sobre a camisa ensanguentada de um homem ferido, que mesmo estando a 150 léguas de distância, logo devia ver suas chagas se fecharem com esse remédio. É verdade que era necessário ter uma fé muito forte.

Gerbi, professor em Piza, descrevia, em 1794, sob o nome de *Curculio odontalgicus*, um inseto ao qual se atribui uma propriedade bem singular. Dizem que amassando-se uma dúzia desses insetos entre o polegar e o

indicador, até que tenham perdido sua umidade, esse dedo conserva, durante um ano, a faculdade de curar a dor dos dentes, proveniente de cárie. Basta para isso tocar a cavidade do dente afetado.

Em 629 pessoas, 401 tiveram resultado. Vários sábios reconheceram a mesma propriedade em outros insetos coleópteros e um dos sábios pensa que o melhor é tocar o dente logo após ter tocado o inseto.

Há singulares transmissões de doenças por imaginação. Pausanias narra que as filhas de Pretus se acreditaram transformadas em vacas. Plutarco narra que, num instante, todas as filhas de Mileto se enforcaram. Os magistrados contiveram esses suicídios, ordenando que todas as moças que se enforcassem fossem expostas em público, nuas e com a corda no pescoço.

Um médico de Valais observou, em 1813, uma semelhante epidemia no departamento de Simplon. Dessa vez foi o padre do lugar que a conteve com suas exortações.

Dois médicos narram que, em Lyon, durante um tempo, as moças tinham a mania de se afogar.

Por causa do contágio (à vista de um epiléptico contagiava outras pessoas de epilepsia) essa doença tinha, em Roma, um nome característico, chamava-se doença dos comícios (*morbus comitiorum*).

As epidemias de feiticeiros e de possessos foram também comuns. No começo do século 17, na região de Labourd, compreendida atualmente no Departamento de Basses-Pyrénées, um grande número de infelizes foi queimado como feiticeiro. Pierre de Lancre, conselheiro do Departamento de Bourdeaux, após tê-los condenado, lhes narrou a história. Um grande número dentre eles se acreditavam lobisomens. Contavam que, nesse estado, haviam devorado crianças e moças, não omitindo nenhuma circunstância e fornecendo, com uma exatidão deplorável, todos os pretextos para se fazerem queimar vivos.

Uma multidão declara, diante de seus juízes, que eles voavam pelos ares no *sabbat*, [21] montados num bode ou qualquer outra montaria diabólica.

Entre várias epidemias de possessão, uma das mais célebres, chamada de *nonnais*, se expandiu, no século 15, em todos os conventos de mulheres da Alemanha, particularmente nos Estados de Saxe e de Brandebourg e chegou até a Holanda.

Segundo Simon Goulard, “elas prediziam, pulavam, subiam pelas paredes, falavam línguas estrangeiras, berravam como ovelhas e, algumas vezes, mordiam-se umas às outras, como enraivecidas”.

O médico Hecquet, que pretendeu vincular as maravilhas das convulsões às causas naturais, narra vários fatos curiosos desse tipo. Em Nouvelle-France, uma moça entrou no Hotel Dieu com um soluço contínuo e violento no qual ela imitava perfeitamente o ganido de um cachorro. Havia, na sala onde a colocaram, outras jovens acometidas de diversas doenças; três dias depois, elas ganiram com convulsões e letargia no final. A primeira ficou curada no quinto dia e isso durou uma semana. Resolveram, então, colocar cada doente num quarto separado, onde não se pudessem ver nem ouvir e as ameaçaram com castigo se continuassem. O remédio deu resultado.

Em um outro lugar, havia uma comunidade muito numerosa de moças que todos os dias, na mesma hora, ficavam acometidas da mesma doença: ouvia-se um miar geral por toda a casa que durava várias horas, com grande escândalo na vizinhança. Foram avisadas, por ordem dos magistrados, de que uma companhia de soldados ficaria na porta do convento e, ao primeiro miado, entrariam e chicotearam quem estivesse miando. O barulho cessou.

Todo mundo conhece o episódio de Boerhaave, em um hospital de Harlem: mulheres caíam em convulsão, imitando umas às outras. Esquentaram um ferro em brasa e ameaçaram queimar o braço da primeira que se manifestasse. Ninguém se manifestou.

O doutor Pezzi, numa obra publicada em italiano, narra que seu sobrinho, durante a leitura repetida da história do sonambulismo de Castelli, ele próprio foi acometido dessa afecção e apresentou fenômenos absolutamente iguais aos que são referidos nessa história. O que há de mais notável é que, tendo o doutor encarregado um jovem criado de acompanhar e cuidar de seu sobrinho durante os acessos, desse criado também ficou logo acometido de sonambulismo e deu assim uma nova prova da influência da imitação na produção desse estado.

Bailly conservou este fato: “No dia da cerimônia da primeira comunhão feita na paróquia de Saint-Roch, há alguns anos (1780), depois da missa da tarde, realizou-se, como era de costume, a procissão externa. Logo que as crianças entraram na igreja e tomaram seus lugares, uma moça se sentiu mal e teve convulsões. Essa afecção se propagou com uma tal rapidez que, no

espaço de meia hora, 50 ou 60 moças, de 12 a 19 anos, caíram nas mesmas convulsões, isto é, constrição da garganta, inchação do estômago, abafamento, soluço e convulsões mais ou menos fortes.

Os fenômenos reapareceram em algumas moças no decorrer da semana; porém, no domingo seguinte, estando reunidas com as damas de Saint-Anne, cuja instituição é de ensino para moças, 12 recaíram nas mesmas convulsões e outras cairiam se não se tivesse tomado a precaução de enviá-las para casa de seus pais. Foram obrigados a multiplicar as escolas. Separando assim as crianças e só as reunindo em pequeno número, três semanas bastaram para dissipar essa afecção convulsiva epidêmica".

"Eu vi, disse Bertrand, uma sonâmbula que anunciou de antemão que, numa época que ela fixou, seria forçada, durante oito dias inteiros, a 'repassar por sua infância'. Com efeito, na época predita, ela pareceu experimentar uma segunda vez, durante este intervalo, tudo o que a havia impressionado mais vivamente no decorrer dos primeiros anos de sua vida.

Algumas pessoas que a conheciam desde sua infância estavam espantadas de vê-la repetir mil circunstâncias já desaparecidas de sua lembrança. De resto, durante todo este tempo, a sonâmbula experimentou em seu rosto, em sua maneira de se exprimir, em seus gostos, em suas tendências, todas as modificações que convinham à idade referida; divertia-se como uma criança e brincava de boneca embora fosse uma mulher de 32 anos e epiléptica desde sua infância. Ela atribuía sua doença a uma forte impressão que lhe tinham feito sofrer, na idade de 5 ou 6 anos.

Nessa época existia o absurdo de se ameaçar com o diabo e, certo dia, fizeram-na dormir, repetindo que o diabo a carregaria. Fizeram mais: enquanto a pobre criança ficava entregue a seus terrores, no meio da escuridão, tiveram a crueldade de passar, debaixo de suas cobertas, uma das mãos revestida por uma luva de pele com seu pelo.

Só se conseguiu produzir nela uma funesta ilusão e ela teve, de imediato, um ataque de epilepsia. A doença, desde aquele tempo, resistiu a todos os remédios. Quando a sonâmbula chegou à época de sua infância, onde se passou essa terrível cena, reproduziu todas as circunstâncias com a maior exatidão, nada faltando, nem mesmo o ataque de epilepsia, no momento do grande pavor. Vários acontecimentos que se referiam mais ou menos à mesma época da vida da doente eram reproduzidos por ela com uma tal veracidade que causavam a mais forte impressão aos espectadores, pois as

pessoas que a tinham educado haviam mantido para com ela uma conduta rigorosa. É interessante destacar que essa sonâmbula tinha, como todas as pessoas epilépticas, desde sua infância, apresentado uma grande alteração em suas faculdades intelectuais; ela estava quase idiota e, certamente, incapaz de fazer, em seu estado normal, algo que se assemelhasse ao que fazia em êxtase." (*Magnetismo Animal*).

Apresentamos aqui o fato de sonâmbulos que, após terem anunciado, durante o sono, que fariam tal ou qual ação, não falharam; por exemplo, se anunciassem que não comeriam durante um certo tempo, durante esse tempo não podiam comer.

O estado de vigília nos fornece indicações: na vigília nos acontece propor fazer alguma coisa e esquecê-la, entretanto, temos uma vaga ideia de que esquecemos alguma coisa e, no meio de nossas outras ocupações, ela nos persegue. Algumas vezes nos sentimos tristes sem saber porque, depois, refletindo, encontramos a causa de nossa tristeza, ocorrendo o mesmo com o contentamento.

Nossas impressões do sono prosseguem frequentemente durante a vigília: um sonho esquecido deixa seu efeito na nossa alma e altera nossos sentimentos do dia.

É difícil para nós não querer bem a uma pessoa que se apresentou em nossos sonhos agradáveis, se, pelo contrário, o sonho é desagradável, não obstante a injustiça que pareça, nós temos de lutar para não deixar diminuir nossa benevolência.

Enfim, as impressões da vigília se prolongam no sono para manter nossos sonhos agradáveis e, da mesma forma, persistem nossas vontades. Queremos despertar no fim de um certo tempo e despertamos. Queremos despertar, se um pesadelo sobrevém, e, com perseverança, nós o conseguimos.

Esses estados de sono e de vigília não são, portanto, tão independentes, tão isolados como parecem; eles se penetram e influem um sobre o outro. Por que, então, uma forte ideia durante o sonambulismo não agiria energicamente durante a vigília? E não é necessário que esteja diante dos olhos, bastando estar no fundo do espírito e ter produzido uma impressão.

Muitas de nossas disposições, benevolentes ou más, com respeito a certas coisas, nascem de prevenções distantes, das quais não nos damos conta. A maioria dos homens não descobre nunca essas prevenções, porém, outras

mais penetrantes neles se fixam e os colocam, muitas vezes, em circunstâncias fortuitas de sua juventude.

Existe no espírito outra coisa além da plena luz que a reflexão faz nascer; há, em suas profundidades, obscuridades onde dormitam uma multidão de ideias e de sentimentos inexplorados, todo um mundo novo para aquele que o carrega.

Questão. Se é verdade que sonâmbulos anunciam, exatamente, tal ou qual crise para o estado de vigília; que eles farão tal ou qual ação ou que não a farão; que tomarão remédio a tal hora, ou que não comerão em tal espaço de tempo, em quais casos não é um pressentimento natural? Em qual caso não é o acontecimento que se acomoda à profecia? O fato foi predito porque deve acontecer ou acontece porque foi predito?

3º - Comunicação dos sintomas das doenças.

É possível que os sintomas das doenças se comuniquem? Eis uma anedota de Virey: "Uma empregada vê o cirurgião lancetando um abscesso no braço de sua patroa e sente, no mesmo instante, uma viva sensação, no mesmo lugar, que se torna todo vermelho".

Não encontramos um grande número de observações semelhantes, mas há fatos sugestivos.

Somos naturalmente levados a imitar os movimentos, a adquirir as paixões daqueles dos quais nos aproximamos. As crianças deixam, ingenuamente, transparecer essas impressões e nós aprendemos, mais tarde, a dominá-las. Todavia, todas as vezes que nos esquecemos, essa imitação retorna. Os exemplos desses contágios são numerosos.

Ora, até que ponto pode ir esse sentimento em consequência do sofrimento dos outros se supomos, naquele que o expõe, uma sensibilidade nervosa muito excitada? É difícil de determiná-lo.

Madame de Sévigné escrevia à sua filha em uma amável linguagem: "Sofro com a sua dor". Resta saber o que, fisicamente, pode existir de verdadeiro, em certas ocasiões, de semelhantes palavras.

4º - Sutileza dos sentidos

Qual deve ser exatamente a sutileza dos sentidos no estado normal? Isso é difícil de apreciar. Nossos sentidos se ajudam uns aos outros e repousam uns sobre os outros, com o cuidado de informar o espírito. Não há quase

ocorrências onde não utilizamos, ao mesmo tempo, a vista, o ouvido e o tato. Acontece daí que nenhum desses órgãos faz tudo quanto pode e nem o demonstra. Entretanto, reduza-se um sentido a ele mesmo, e um homem a um sentido, e ver-se-á que capacidade ele adquirirá e quantos recursos incríveis desenvolverá.

O fato que Bayle narra do cego que, a um toque, distinguia as diferentes cores, mesmo misturadas, é um fato extremo; mas, enfim, quem de nós, clarividentes, se encarregaria de, com os olhos fechados, achar seu caminho pelas ruas de Paris, como cegos de longa data o fazem todos os dias, e como o célebre cego Quinze-Vingt que, uma vez, guiava um estrangeiro?

Nesse caso, o ouvido, o tato e a memória suprem, por uma habilidade nova, o sentido extinto. Como também, no mundo, esses cegos reconhecem as pessoas e seu lugar pelo timbre da voz, pelo tom da palavra, pela força do som e por sua direção. Suprimam o ouvido e ficarão maravilhados com a delicadeza da vista: ela lerá seu pensamento, adivinhará suas palavras em sua fisionomia, no movimento de seus lábios. Acredita-se que após a imprensa, a memória em geral não perdeu sua força? A multidão retém poemas inteiros, como na Antiguidade os versos de Homero, como entre os indianos, as epopeias de 102 mil versos?

Mesmo sem supor enfermidades físicas e deixando o homem com todas as suas faculdades, não se viu o que pode fazer sobre elas o exercício e a educação... Nós, civilizados, temos a vista penetrante ou o fino ouvido dos selvagens que adivinham, a distâncias enormes, seu inimigo ou sua presa...

A percepção possível dos sentidos no estado sadio é, pois, bem maior do que ordinariamente o supomos. Imaginem agora uma afecção nervosa, cada um de nós não lhe viu ou sentiu efeitos estranhos: um órgão distinguindo rapidamente, com uma delicadeza espantosa, o menor ruído, o menor odor, o menor sabor e o menor contato? E se admitirmos uma perturbação profunda do sistema nervoso, alguma doença grave, como a catalepsia, por exemplo, nessa espécie de morte dos sentidos, se restar somente um sentido funcionando, pensam que toda a sensibilidade retirada do resto e nele aplicada não o fará produzir maravilhas?

“Na histeria, disse Georget, os sentidos são, algumas vezes, bem irritáveis: a vista não pode suportar a luz; o ouvido, o som mais leve; o olfato, o odor mais penetrante; a chuva, o frio ou o calor, as variações da temperatura; o ar carregado de eletricidade incomoda sempre muitos

doentes.”

Na hipocondria, sintomas semelhantes: uma irritação extrema da orelha, da vista, do olfato, uma semelhante sensibilidade às variações da temperatura e da eletricidade do ar.

Um médico hipocondríaco, citado por Villermay, lembra que lhe parecia ouvir pelo corpo todo.

No sonambulismo natural, não é o tato que, adquirindo uma sagacidade maravilhosa, dirige os sonâmbulos pelos telhados e ao longo dos rios?

Quanto ao sonambulismo magnético e à nova virtude do olfato que ele talvez desenvolva, Deleuze, constatando-a, parece explicá-la por causas naturais e nela vê, simplesmente, uma excitação dos sentidos.

Fala mais ou menos como Cabanis que, sabe-se, não é amigo do maravilhoso. “Ele é qual substância odorante que conserva e expande seu odor durante séculos, sem diminuir sensivelmente de peso. Um grão de âmbar colocado num apartamento o perfuma durante vários anos.

Vemos cães apanhar no fundo d’água uma pedra que seu dono ali lançou. Basta que a pedra tenha sido tocada para que conserve ainda, debaixo d’água, as emanações sensíveis ao olfato do animal.

Ora, o sonâmbulo tem uma delicadeza de sentidos bem superior à do olfato do cão, e, continua Cabanis seguindo sua teoria, o fluido que age sobre ele é bem mais sutil do que todas as emanações odoríferas.”

Questão. Está demonstrado, sem qualquer suposição de engodo, que um sonâmbulo viu, com os olhos fechados, objetos desconhecidos dele e do magnetizador?

Está demonstrado que nenhum homem, de qualquer constituição, ou qualquer estado nervoso, pode acompanhar com o dedo os traços dos caracteres ou seguir pelo odor um objeto conhecido?

Capítulo 10

Estados extraordinários da alma; exaltação das faculdades intelectuais: imaginação, memória...

Exaltação das faculdades intelectuais: imaginação.

Certas bebidas excitam o espírito. Sabe-se qual efeito produz sobre os orientais seu ópio misturado com folhas de uma espécie de cânhamo.

Koempfer, que tomou, na Pérsia, uma taça desses preparados, acreditou-se, durante alguns instantes, transportado até as nuvens, no meio de um arco-íris, e só saiu de seu delírio extático após um sono de algumas horas.

O "Velho da Montanha", com bebidas semelhantes, excitava a imaginação dos jovens e lhes prometia o gozo desses momentos pela eternidade, se executassem suas ordens.

O jejum também excitava a imaginação. Sabe-se que quando se dorme em jejum, o espírito fica agitado com sonhos, porque se tem, segundo a expressão comum, o "cérebro vazio".

As antigas sibilas tinham o espírito exaltado pelos vapores do antro onde elas faziam as predições.

Entre os mexicanos, os Padres do Sol se atordoavam esfregando um unguento mágico de um odor horrível.

Enfim, se quiserem a receita para ir ao *sabbat*, ei-la; e, realmente, iria-se por menos.

É preciso preparar com gordura de porco e certas ervas mágicas, um unguento com o qual se esfreguem as têmporas e os punhos. Essas plantas são, principalmente, a mandrágora, a beladona, a maçã espinhosa (*datura stramonium*), o meimendro, o joio, a papoula ou ópio, todas as ervas de

cheiro e de propriedades atordoantes, ou estupefacientes e narcóticas, como se sabe; mas seria bem melhor juntar gordura de criança ou, pelo menos, a de um enforcado. (Percebe-se qual efeito deve produzir sobre a imaginação esse comércio com os cadáveres.)

Enfim, para rematar o segredo, ao cozinhar esse unguento é necessário proferir certas palavras de consagração, tiradas do hebreu ou do caldeu. Isto não é tudo: é preciso se preparar, com um ou dois dias de antecedência, pelo jejum; depois da tarde de sexta-feira, quando se pretende ir ao *sabbat*, come-se um bolo de milho preto, sem sal, ou queijo feito com ervas como *le coq*, [22] a menta, e, enfim, após esfregar bem o unguento, em frente a um braseiro vivo, deve-se deitar do lado esquerdo. (Virey)

Arétée viu indivíduos acometidos de nevroses tornarem-se engenhosos e singularmente hábeis, e até conhecerem astronomia, filosofia e arte poética, sem mestres, sem que ninguém lhes tivesse ensinado, e que parecem ser informados pela inspiração das musas.

Afirma ainda que seus sentidos adquiriram uma finura, uma delicadeza maravilhosa e, seus espíritos, uma grande vivacidade. Eles viam imagens voejar diante deles.

Na meningite, ou inflamação do cérebro, a razão está, segundo ele, algumas vezes plena e completa, o julgamento muito nítido e bem próprio para profetizar. O doente anuncia aos assistentes quando deve morrer, e o acontecimento que o justifica lhes causa admiração.

Bertrand viu um jovem, que ele estimava, dar, um pouco antes de sua morte, o espetáculo de um espírito, singularmente luminoso.

Alguns histéricos ficam, no meio de seus acidentes convulsivos, em um estado bem notável: não enxergam nem ouvem e, entretanto, mantêm propósitos sensatos e fazem observações finas e judiciosas. Todavia, logo se desequilibram, veem fantasmas, desconhecem e algumas vezes reconhecem seus parentes ou seus amigos.

O sono, concentrando a vida interior, fornece algumas vezes, às outras faculdades, um poder bem maior.

O célebre Tartini, [23] cheio de ideias musicais, adormece. O diabo lhe aparece, tocando uma sonata ao violino e lhe dizendo: “Tartini, você toca como eu”? O músico, encantado com aquela deliciosa harmonia, desperta, põe-se ao piano e compõe sua mais bela sonata: a “Sonata do Diabo”.

A imaginação ou o poder de representar os objetos não é igual em todos os homens e, para julgar o que o sonambulismo magnético apresenta, é preciso ver aí onde ele é maior.

Um pintor vê, uma vez, uma paisagem, uma pessoa, e guarda tudo dentro de si e torna tudo vivo na tela.

Um jogador de xadrez, de olhos fechados, vê, ao mesmo tempo, três ou quatro tabuleiros, segue os movimentos das peças e as combina. Um calculador rápido vê, em sua cabeça, uma série de operações, como se as estivesse vendo num quadro.

Um músico ouve, interiormente, trechos complicados de música: Beethoven, surdo, compunha e repetia mentalmente enormes sinfonias.

Não é preciso, portanto, tomar como medida do poder de imaginar as coisas, a medida comum, a débil e terna imaginação da maioria dos homens, porém, o grande desenvolvimento que ela consegue atingir em indivíduos despertos e sadios.

Acordados, nossa imaginação ainda pode subir muito além de seu tom ordinário, quando está excitada por alguma paixão. Quem não conhece, nesse gênero, os efeitos do medo na escuridão, na solidão, no cemitério ou numa floresta? E os efeitos das narrações extraordinárias que nos fizeram ou que fazemos a nós mesmos?

Hoffmann, o contista fantástico, se levantava de noite acreditando ver o diabo.

Lemos uma passagem curiosa de Augustin Thierry onde o autor narra que, sentado diante dos livros de uma biblioteca, ele via aparecerem e se movimentarem diante dele os personagens que seu espírito havia animado.

De noite, nas trevas, antes de adormecer, ficamos admirados pelas imagens que passam diante de nossos olhos e, frequentemente, com uma vivacidade fatigante.

Existem bebidas que provocam visões, e conhecemos as alucinações, esses espetáculos imaginários que um homem vê com os olhos abertos, sem poder impedi-lo, mesmo que os julgue imaginários: são cenas, discursos, odores, sabores quiméricos que nossos sentidos nos oferecem.

Quanto aos sonhos, todo mundo os conhece, a nitidez de suas representações e a completa ilusão que produzem. Cada um só tem de se recordar de suas próprias lembranças.

O sonambulismo é mais raro e mais curioso: ele mostra uma singular força da imaginação que representa os lugares habituais e permite ao sonâmbulo ali se movimentar como se os visse, sem contar o que a invenção lhe acrescenta.

Citemos alguns exemplos deles, segundo a *Grande Enciclopédia* e vários médicos. Eis aqui o fato citado pelo autor do verbete "sonambulismo" da *Enciclopédia*:

"O arcebispo de Bordeaux me contou que, estando num seminário, encontrou um jovem eclesiástico sonâmbulo. Curioso em conhecer a natureza dessa doença, ia, todas as noites, ao seu quarto, assim que ele estava adormecido. Viu, entre outras coisas, que esse eclesiástico se levantava, apanhava o papel, compunha e escrevia sermões. Quando acabava uma página, ele a relia em voz alta, de uma ponta a outra (se podemos chamar ler a essa ação feita sem o concurso dos olhos). Então, se alguma coisa lhe desagradava, ele a eliminava e escrevia por cima as correções com muita clareza.

Vi o começo de um desses sermões que ele havia escrito dormindo e me pareceu benfeito e corretamente escrito. Entretanto, havia uma correção surpreendente: tendo colocado em um lugar *ce divin enfant* (essa divina criança) ele acreditou, ao reler, dever substituir por *adorable* e, para isso, viu que o *ce* (este), bem colocado diante de *divin*, não podia combinar com *adorable* e acrescentou, bem forte, um "t" ao lado das letras precedentes, de maneira que se lia *cet adorable enfant* (essa adorável criança).

A mesma pessoa, testemunha ocular desses fatos, para se certificar se ele fazia uso de seus olhos, colocou um cartão debaixo de seu queixo, de forma a impedir a visão do papel que estava sobre a mesa, e ele continuou a escrever, sem se perceber disso.

Querendo, em seguida, saber como ele distinguia a presença dos objetos que estavam sob seus olhos, ele lhe retirou a papel sobre o qual escrevia e o substituiu por vários outros em diferentes oportunidades, porém, ele sempre se apercebeu disso porque eles eram de um tamanho diferente, mas quando encontrou um papel exatamente igual, ele o confundiu com o seu e fez as correções nos lugares correspondentes aos do papel que lhe havia sido retirado.

Foi por esse estratagema engenhoso que se conseguiu obter alguns de seus escritos noturnos que o arcebispo de Bordeaux teve a bondade de me dar a

conhecer.

O que eu vi de mais espantoso foi a música feita com bastante exatidão: com uma bengala, que lhe servia de régua; ele traçava, em igual distância, as cinco linhas da pauta musical, colocando em seu lugar a clave, os bemóis, os sustenidos. Em seguida marcava as notas que, inicialmente, ele fazia todas brancas; quando terminava, refazia aquelas que deviam ser pretas. As palavras eram escritas mais abaixo e lhe aconteceu, uma ocasião, escrevê-las em grossos caracteres, mas de maneira que elas não ficaram colocadas diretamente sob suas notas correspondentes. Ele não tardou em perceber seu erro e, para repará-lo, apagou o que acabara de fazer, passando a mão por cima, e refez, mais abaixo, a linha da pauta com toda a precisão possível.

"Ele se imaginou, numa noite, no meio do inverno, passeando à margem de um rio e viu cair um garoto que se afogava. O rigor do frio não impediu de ir socorrê-lo. Jogou-se, em seguida, na cama, na posição de um homem que nada, imitando todos os movimentos. Após se ter cansado algum tempo com esse exercício, ele descobre, no canto de sua cama, um embrulho de coberta: acredita que é a criança, toma-o com uma das mãos e se serve da outra para retornar, nadando à margem do pretenso rio. Ali coloca o embrulho e sai esfregando-se e batendo os dentes como se tivesse efetivamente saído de um rio gelado.

Diz aos assistentes que está congelando, que vai morrer de frio e que todo o seu sangue está gelado. Pede um copo de aguardente para se aquecer e lhe dão água que se encontrava no quarto. Ele a prova, reconhece o engano e pede, ainda mais vivamente, a aguardente, expondo a extensão do perigo que corria. Trazem-lhe um cálice de licor, ele o bebe com prazer e diz sentir-se muito aliviado. Entretanto, ele não desperta, deita-se e continua a dormir mais tranquilamente.

Notem que quando ele compunha seus sermões olhava bem seu papel, sua tinta, sua pena e sabia distinguir se ela escrevia ou não. Ele não pegava jamais o *poudrier* [24] em vez do tinteiro, e, de resto, não desconfiava que houvesse alguém no quarto, não vendo nem ouvindo ninguém, a não ser que o interrogassem; ele chegava, algumas vezes, a pedir confeitos aos que se encontravam ao seu lado e os achava muito bons quando lhes eram entregues, se, em alguma ocasião, os pusessem em sua boca, sem que sua

imaginação o pedisse, ele não achava nenhum sabor e os rejeitava.”

Bertrand relata os fatos seguintes: Gassendi tinha a seu serviço um jovem que se levantava todas as noites, descia à adega e bebia vinho de um tonel. Muitas vezes saía de casa e andava pelas ruas, no meio da noite, algumas vezes até pelo campo, e usava pernas de pau para atravessar uma torrente que circundava a cidade. Quando saía de seu sono, depois de tê-la atravessado, não ousava nunca fazer a mesma coisa acordado, para retornar à casa.

Gassendi acrescenta que, quando lhe acontecia despertar no meio de suas andanças, no momento em que ele abria os olhos achava-se, de repente, mergulhado em trevas; porém, como possuía a faculdade particular de se recordar (quando despertava) de tudo o que se havia passado durante seu sono, retornava a seu leito, tateando, de sorte que a obscuridade, que se opunha ao exercício de sua visão no estado de vigília, no estado sonambúlico não era mais um obstáculo para ele.

O novo modo de visão de que ele gozava era independente da luz? Um fato registrado na mesma observação poderia fazer supor o contrário. É narrado que, muitas vezes, achando que ele não enxergava bem, chegavam a lhe acender uma vela para se alumiar; porém, disso não seria preciso para se concluir que era realmente a luz que lhe fazia perceber, mais distintamente, os objetos; e quando se refletir no grande poder que a imaginação exerce sobre as impressões dos sonâmbulos, se perceberá que bastava que ele fosse persuadido de que, acendendo a vela, tiraria o obstáculo que se opunha a que ele visse para que, com efeito, ele enxergasse melhor. (“Do Sonambulismo”)

O sonâmbulo Negretti achando, certa noite, que não enxergava bastante claro, apanhou uma garrafa que encontrou na chaminé e, crendo ter em sua mão um castiçal com uma vela acesa, não deixou de se aclarar com essa luz imaginária.

Uma noite, o sonâmbulo Castelli foi surpreendido no momento em que se ocupava em traduzir do italiano para o francês; ele procurava suas palavras em um dicionário, como se estivesse desperto, parecendo se servir de uma luz colocada junto dele. Os que o observavam apagaram a luz e logo ele pareceu se achar na obscuridade, procurou, pelo tato, sua vela sobre a mesa e foi acendê-la na cozinha. Ora, no momento em que se imaginava na

escuridão, ele estava realmente num quarto iluminado, porém iluminado por velas diferentes daquela que ele havia acendido, e que não lhe serviam de nada porque ele não percebia que elas estavam lá.

Negretti levava, um dia, uma prancha carregada de várias garrafas e subiu uma escada com dois corrimãos; quando ele estava na parte mais estreita da escada, ele se virou cuidadosamente e passou a prancha, em seu comprimento, sem nada derrubar.

Em outra ocasião, querendo tirar de uma sala as teias de aranhas que lhe haviam pedido para retirar, foi apanhar uma vassoura na qual colocou um longo cabo que ele amarrou solidamente com uma corda.

Subindo a escada, ele achou que o cabo não podia passar por causa de seu comprimento. Que fez então o sonâmbulo? Abriu uma janela que dava claridade para a escada, tirou do cabo o pedaço que era preciso para poder subir a escada, depois veio fechar a janela e não esqueceu nada do que lhe haviam ordenado.

Uma noite ele imaginou que devia iluminar a carruagem de seu patrão; apanhou uma tocha apagada e saiu sozinho para a rua, persuadido de que a carruagem o seguia. Em cada encruzilhada parava alguns instantes, para dar à carruagem tempo de se aproximar, e quando acreditava ter ouvido a ordem de seguir uma certa direção, ele a seguia logo.

Nem todos os sonâmbulos têm necessidade de luz para ver durante seu sono.

“Eu observei”, disse Bertrand, “uma jovem, de 18 a 20 anos, atingida por sonambulismo natural, mas do qual um magnetizador se aproveitava, fazendo repetir os acessos durante o dia, por meio de seus métodos. Essa jovem, bem-educada e de uma família honesta, gostava de dar consultas aos doentes e ela mesma escrevia suas receitas em estado sonambúlico, mas só possuía a faculdade de escrever durante seus acessos noturnos. Ela, então, se levantava e escrevia sem iluminação.

O que é notável é que ela só podia distinguir os objetos enquanto se achava na mais completa escuridão. A menor luz, a da lua, penetrando através das janelas, a de um tição mal-apagado na chaminé, bastava para criar um obstáculo para sua visão. Ela dizia que esse sol a prejudicava e a impedia de ver.

Seus pais me mostraram várias consultas que ela escrevera assim, no meio da mais profunda noite. Estavam corretamente escritas e seu conteúdo

parecia bastante relacionado com as doenças das pessoas às quais ela receitava.

Eu a vi, em seu sonambulismo artificial, andar de olhos fechados num cômodo que ela não conhecia, evitar os móveis e as cadeiras que se achavam em seu caminho, muito mais facilmente do que uma pessoa acordada, servindo-se dos olhos.”

Diversos médicos relatam o que se segue: certa noite, um homem se levanta adormecido, veste-se, calça seus sapatos e suas esporas, depois monta em sua janela e ali, acreditando-se a cavalo, esporeia com os dois pés. Quando desperta, fica muito assustado pelo perigo que havia corrido.

Um garoto, ocupado diariamente em tocar os sinos de uma igreja, acreditando-se, à noite, no meio de seus colegas, lhes propõe subir ao campanário, sai de seu quarto, depois ali retorna e imita os movimentos de um tocador de sinos.

Um operário marceneiro, por causa de um patrão violento, tornou-se sonâmbulo. Em seus acessos ficava furioso e precisavam de quatro pessoas vigorosas para contê-lo; ele supunha que se batia contra seu patrão. Mais calmo, cantava ou se ocupava com suas obrigações com toda sagacidade de um homem acordado.

Tissot nos transmite o fato de um estudante de Medicina que se levantava todas as noites para trabalhar e depois se recolhia sem se despertar.

Um jovem militar, muito brincalhão, diverte-se uma noite com seus camaradas, simulando um combate, e depois janta copiosamente. Após um primeiro sono, levanta-se ainda adormecido, simula com seus braços uma defesa vigorosa, abre uma porta e retorna suado. Os olhos estavam abertos, porém ele não via e, no dia seguinte, não conservava nenhuma lembrança de sua experiência. De outra vez, ele toma a janela pela porta e se precipita na rua.

Conta-se a história de um outro acidente da mesma espécie. Alguns sonâmbulos foram acordados no começo de seus acessos porque haviam colocado debaixo de sua cama uma banheira para onde eles desciam quando queriam se levantar.

Bertrand conservou uma história de sonambulismo onde a representação dos objetivos habituais e de objetos imaginários está singularmente misturada:

“Vi uma jovem sonâmbula espontânea, mas a quem se provocavam

acessos por meio dos métodos magnéticos, oferecer vários exemplos desses enganos da imaginação. Para ela as visões não eram contínuas; vinham, muitas vezes, se misturar ao mais perfeito estado de calma... Certo dia ela estava adormecida no meio de um salão, no qual se encontrava um grande número de pessoas com as quais ela falava tranquilamente de coisas as menos próprias para espantar.

Embora tivesse os olhos fechados e não conhecesse o cômodo onde se achava, andava tranquilamente, evitando os móveis e as cadeiras que se encontravam em seu caminho.

De repente parou de responder, estacou, e sua fisionomia tomou uma expressão de terror; seu corpo todo tremia, seus braços estavam estendidos como para afastar um fantasma e exclamou com acento da mais viva emoção: 'Ei-lo! Ei-lo! Eis ali também o pobre M'.

O magnetizador fazia o possível para acalmá-la e, finalmente, o conseguiu, embora com bastante sacrifício, garantindo-lhe que não havia no cômodo nada daquilo que ela acreditava ver. A sonâmbula ficou muito tempo emocionada com a visão dos espectros porque as duas pessoas que ela vira estavam mortas há muito tempo".

Memória

Moreau de La Sarthe narra no artigo "Medicina Mental", da *Enciclopédia Metódica*, que tratou de um garoto de 12 anos que nunca tivera conhecimento algum de elementos da língua latina, e que, durante os acessos de uma febre maligna, se pôs a falar essa língua com uma pureza e uma elegância que só se poderia encontrar nos que estivessem bem versados em sua prática. Todas as faculdades intelectuais dessa criança estavam, na narração do observador, notadamente aumentadas, porque ele ficava irreconhecível durante o tempo em que se tornava capaz de exprimir, com força e eloquência, os sentimentos de gratidão que demonstrava para aqueles que lhe davam atenção.

"Uma sonâmbula", disse Bertrand, "receitou um remédio no qual deviam entrar várias plantas pouco conhecidas, e todos se admiravam com a maravilhosa faculdade que ela possuía de achar palavras que, certamente, ela jamais ouvira pronunciar. Ela própria, quando foi espertada e indagada sobre este assunto, declarou nada entender da receita que acabara de ditar.

Os espectadores estavam cada vez mais admirados, quando entrou uma

senhora afirmando que se lembrava muito bem de que, em sua infância, essa sonâmbula, filha de uma mulher que exercia a profissão de erborista nos campos, várias vezes havia procurado, juntamente com sua mãe, as plantas referidas e acrescentou que ela mesma as acompanhara em suas buscas, todavia, tudo isso remontava a uma época tão distante que a sonâmbula podia muito bem ter perdido a lembrança no estado de vigília."

Instinto dos remédios

O instinto dos remédios é assim definido por Bertrand: "Pretendemos designar por isso uma extensão da faculdade que todos possuímos, mesmo no estado normal de saúde, a um grau mais ou menos perfeito, de ter gostos e tendências em relação com nossas necessidades e de onde todos os médicos observaram um aperfeiçoamento sensível em vários estados patológicos".

Cabanis, principalmente, assinalou a existência do instinto dos remédios como um fato incontestável e do qual havia sido testemunha:

"Vi, disse ele, doentes cujo gosto tinha adquirido uma fineza particular, que desejavam e sabiam escolher os alimentos e até os remédios que lhes pareciam ser verdadeiramente úteis, com uma sagacidade que só se observa nos animais.

Vimos casos de previsão de paroxismos ou de certas crises que se avizinham e cujo término prova a justeza de suas sensações ou de outras modificações atestadas pelo pulso ou, ainda, por certos sinais".

E aqui encontramos, ainda, um velho observador, Aristóteles. "Durante a vigília, as impressões que recebemos de fora, sendo muito fortes, absorvem nossa atenção e nos impedem de sentir os movimentos leves que se passam dentro de nós. Durante o sono, pelo contrário, esses movimentos interiores se tornam sensíveis. Ora, as doenças, como todos os acontecimentos, se antecipam com pequenas causas; o desarranjo pelo qual se anuncia uma doença que deve desenvolver-se em seguida é mais facilmente percebido durante o sono do que durante a vigília.

Quanto ao dom de falar línguas desconhecidas é bom nos entendermos: se é uma língua que não existe, isso não é difícil, se é uma língua pouco usada, retornamos ao que nos diz a memória."

O Marechal de Villars nos contou uma anedota bastante curiosa: "Uma profetisa, de 27 a 28 anos, foi presa, há cerca de 18 meses, e conduzida

diante do juiz Alais. Ele a interrogou em presença de vários eclesiásticos. Essa criatura, após o ter escutado, lhe responde com ar modesto e o exorta a não atormentar mais os verdadeiros filhos de Deus e depois lhe fala, durante uma hora seguida, numa língua estranha, da qual ele não compreendeu uma palavra, como vimos o Duque de La Ferté, outrora, quando tinha bebido, falar inglês. Vi-o dizer: Eu entendo bem que ele fala inglês, mas não compreendo nem uma palavra do que ele diz. Isso foi difícil também de compreender porque jamais ele soubera uma palavra de inglês. Essa profetisa falava grego ou hebraico do mesmo modo".

Capítulo 11

Resumo

Num resumo de todos esses fatos, há, no corpo humano, um órgão infinitamente móvel, delicado, caprichoso, poderoso: os nervos; há, na alma, uma faculdade também infinitamente móvel, delicada, caprichosa, poderosa: a imaginação.

Essas duas potências agem perpetuamente uma sobre a outra, se exaltam uma e outra e se elevam a um singular grau.

Uma das coisas que influem mais energicamente sobre a imaginação é a ação decidida de uma vontade estranha, acompanhada de circunstâncias estranhas e da crença em seu poder, uma espécie de fascinação. O mistério faz os prodígios, e os prodígios fazem os prodígios.

Questão. Se é verdadeiro que a quase totalidade dos sonâmbulos e dos indivíduos que manifestaram qualidades semelhantes sejam ou de mulheres de naturezas nervosas, apaixonadas, impressionáveis, ou de crianças débeis e de nervos delicados; se é verdadeiro que os homens que caíram nesse estado, como os camponeses de Busancy ou tremedores das Cévennes, tenham sido ou homens simples, fáceis de impressionar por consequência, ou exaltados; se é verdade também, pela confissão dos magnetizadores, que o magnetismo age sobretudo sobre as doenças nervosas e que as disposições morais têm um grande poder sobre os nervos: onde para o poder dos nervos e da imaginação nos efeitos atribuídos ao magnetismo?

Capítulo 12

Conclusão

O magnetismo animal é um erro ou uma verdade?

Nós apresentamos, prós e contras, um certo número de fatos curiosos que fazem refletir. Não pregamos, de maneira alguma, convencidos que cada um, lendo este livro, daí tirará unicamente o que vai servir como opinião. Mesmo que os fatos favoráveis sejam realmente mais fortes, eles encontram sempre contra si as prevenções da crítica científica, que não admite facilmente o extraordinário, e o amor-próprio que impede aos adversários declarados de uma doutrina se retratarem.

Que os fatos desfavoráveis o envolvam; nós não somos bastante ingênuos para acreditar que iremos corrigir alguém.

É uma história engenhosa, a de um pregador que falava contra a loteria: "Porque quando se sonha, dizia ele, com três números (e os dizia), se priva a família do necessário e os pobres de sua parte para aplicar na loteria".

Ao sair do sermão, uma boa mulher se aproxima dele e lhe diz: "Meu pai, ouvi os dois primeiros números, mas qual é o terceiro"...

Em acréscimo, é exatamente o que aconteceu com Thiers a propósito de seu *Tratado das Superstições*. Ele tinha, na primeira edição, retirado os remédios supersticiosos dos quais combatia certas designações essenciais. Na edição seguinte ele dizia: "Essa precaução não impediu que, na primeira vez em que esse tratado foi publicado, me acusassem de ter feito mais superstições e de ter divulgado, para muitas pessoas, superstições que elas não conheciam, e que eu não podia, agora, impedi-las de colocá-las em uso depois das lições que eu lhes dera".

O espírito humano deve desconfiar de si mesmo, de suas ambições e de suas impaciências. Ele deseja, naturalmente, suprimir o que o importuna, o espaço, o tempo e os obstáculos de toda espécie; conhecer o que acontecerá no futuro, conhecer o que se passa, num momento, fora do alcance de sua vista, por todo o globo, penetrar os corpos que lhe escondem o que eles encerram, essas carnes que cobrem os órgãos, essa terra que oculta as fontes e os metais; suprimir nas doenças e nos julgamentos, o tempo e as incertezas dos remédios e das informações.

Esse desejo é legítimo, porque o homem não é feito para pequenas coisas.

A cada dia, a Ciência e a Indústria completam em algum lugar seus programas. O vapor, a eletricidade, as máquinas diminuem todos os dias, um pouco mais do tempo, do espaço e do esforço.

A Medicina reconhece, por sinais exteriores, o estado dos órgãos interiores e fornece uma espécie de clarividência; ela não cura todas as doenças, mas cura ou atenua um grande número delas e faz, sem dúvida, progressos.

A observação da fisionomia e da linguagem desvenda os pensamentos. O bom senso e a penetração, aplicados aos processos, descobrem, na comparação das circunstâncias, os índices dos fatos essenciais.

A Geologia ensina a constituição interna do solo e, secundada por observações locais, indica, com segurança, o encontro de fontes ocultas. Enfim, a razão calcula, numa multidão de circunstâncias, as possibilidades dos acontecimentos futuros e muitas vezes prevê com uma precisão admirável.

Eis o que a Ciência confessa: ela é modesta, mesmo em seus dias de grandes esperanças, porque sabe de onde partiu, quanto trabalhou para abrir caminho e quanto lhe resta ainda de caminho a percorrer. Ela sabe mesmo, sabe muito bem que jamais conseguirá suprimir todos os obstáculos: que, se na indústria ela reduz o tempo, sempre ficará um pouco de tempo; se ela reduz o espaço, sempre restará um pouco de espaço; que, se nas informações do passado e nos cálculos do futuro, ela reduz as chances de erro, sempre restará alguma chance de erro.

Enquanto a Ciência dos sábios trabalha assim, há, em todas as épocas, uma Ciência oculta que a despreza e visa mais alto: ela tem piedade da razão que se arrasta; ela quer voar. Ela pretende que todos os obstáculos caiam por encantamento! Ela vê, num piscar de olhos, o passado, o presente

e o futuro, a superfície e as entranhas dos corpos vivos e da terra, e os pensamentos do fundo do espírito. Vê os crimes, as doenças e os remédios e isso não é por clarões, como faz a mais clara ciência humana, mas em plena luz, à maneira de Deus.

Será que ela é o que diz? Nós o desejamos de todo o coração. Temos de saber, de poder, e não temos, no mundo, senão que trabalhar.

Gostamos mais de saber infinitamente e poder infinitamente, com infinitamente pouco sacrifício, do que fazer esforço para saber e poder tão pouco.

Todavia, se isso que nos dão não era mais que ilusão; se não era, esta fortuna, como as belas moedas de ouro que, segundo a lenda da idade média, o diabo dava a seus favoritos e que, em suas mãos, se transformavam em folhas secas; assim como uma esmola de cobre valeria mais que aquele ouro, assim também valeria mais para o espírito humano sua pobre fortuna ao sol do que todos os tesouros dos sonhos.

Sepultura de Mesmer, no cemitério em Meersburg, Alemanha.

Produção Gráfica: Departamento Editorial do
CENTRO ESPÍRITA LÉON DENIS
Rua João Vicente, 1.445, Bento Ribeiro
Rio de Janeiro, RJ. CEP 21610-210
Telefax (21) 2452-7700
Site: www.edicoesleondenis.com.br
E-mail: editorial@leondenis.com.br

[1] **Jean-Gaspar Lavater:** filósofo, poeta e teólogo protestante. Nasceu em Zurich, Suíça, em 1746, e morreu em 1801. Foi o inventor da Fisiognomonia ou a arte de conhecer o caráter pelos traços fisionômicos. Escreveu cartas com ideias espíritas que constam da obra *O Porquê da Vida*, de Léon Denis. (**Nota da Editora.**)

[2] ***Baquet*:** o mesmo que selha: vaso redondo, de madeira e com bordas baixas; a selha era usada para se lavarem os frascos nos laboratórios das boticas. (**Nota da Editora.**)

[3] ***Escargot*:** nome comum de moluscos gastrópedes terrestres, dos quais algumas espécies são comestíveis, e que andam muito lentamente; caracol. (**Nota da Editora.**)

[4] **Basilisco:** réptil fantástico de oito pernas, segundo alguns em forma de serpente, capaz de matar pelo bafo, pelo contato ou apenas pelo olhar; segundo outros, em forma de serpente ápode com um só olho na fronte. (**Nota da Editora.**)

[5] **Febre quartã**: Febre intermitente que se repete de quatro em quatro dias. (**Nota da Editora.**)

[6] **Pandora:** personagem mitológico; é a Eva dos gregos, a primeira mulher formada por ordem de Zeus que lhe fez presente de uma caixa onde estavam encerrados todos os males. Pandora veio habitar a Terra e casou-se com Epimeteu, que abriu a caixa e todos os males se espalharam pelo mundo. (**Nota da Editora.**)

[7] **Épidaure:** cidade da antiga Grécia, no litoral do Mar Egeu; o seu templo de Esculápio era frequentado por doentes de todo o país que vinham consultar o oráculo. (**Nota da Editora.**)

[8] Emprego aqui a palavra passe, que é conhecida por todos os magnetizadores. Ele compreende todos os movimentos que são feitos com a mão, passando pelo corpo, seja tocando-o levemente, seja a distância.

[9] **Polegada:** antiga medida de unidade de comprimento, equivalente à 2,75cm; medida aproximada à da segunda falange do dedo polegar. (**Nota da Editora.**)

[10] *Du Magnétisme Animal*, Bertrand, para esse capítulo e os dois seguintes.

[11] Religiosas da Ordem de Santa Úrsula, fundada em 1537 por Santa Ângela de Mérici, de Brescia, Itália. (**Nota da Editora.**)

[12] ***Patois*:** dialeto; linguagem popular própria de uma cidade, de uma região. (**Nota da Editora.**)

[13] **Pé:** unidade de medida de comprimento equivalente a 33cm. (**Nota da Editora.**)

[14] Ver Deleuze, *Histoire Critique du Magnétisme Animal*, 2º volume.

[15] **Dauphiné:** antiga província francesa, anexada à coroa em 1349, na época de Philippe VI, tendo Grenoble como capital. (**Nota da Editora.**)

[16] ***Sols*:** assim escrito no original francês; trata-se de "sou", uma antiga moeda francesa equivalente a 5 cêntimos, isto é, a vigésima parte de 1 franco. (**Nota da Editora.**)

[17] ***Terreaux*:** humo (forma popular: húmus), produto da decomposição de substâncias animais e vegetais e que serve para adubar o solo empobrecido. (**Nota da Editora.**)

[18] **Hidropisia:** acumulação anormal de líquido seroso em tecidos ou em cavidade do corpo, notadamente no abdome. (**Nota da Editora.**)

[19] **Retor:** especialista em retórica. (**Nota da Editora.**)

[20] Termos utilizados no *piquet*, jogo de cartas com 2, 3 ou 4 jogadores e no qual são utilizadas 32 cartas; *quinte*: série de 5 cartas seguidas; *quatorze*: os quatro azes, reis, damas, valetes e dez; *le point*:

dizer os pontos, o valor de cada carta. (**Nota da Editora.**)

[21] ***Sabbat*:** repouso sagrado que, segundo a lei de Moisés, os judeus devem observar no sétimo dia da semana, consagrado a Deus. De acordo com a superstição popular, assembleia de "bruxas e feiticeiras", realizada num dia de sábado, à meia-noite, sob "a presidência de satã". (**Nota da Editora.**)

[22] ***Le coq*:** Planta corimbífera de um odor agradável e que é empregada em Medicina. Corimbífera: que tem flores em corimbo, isto é, tipo de inflorescência em que as flores partem de alturas diferentes e alcançam o mesmo nível, na porção superior. *In:* Novo Dicionário Aurélio. (**Nota da Editora.**)

[23] **Giuseppe Tartini:** célebre violinista e teórico musical italiano; nasceu em Pirano, em 1692, e morreu em 1770. (**Nota da Editora.**)

[24] ***Poudrier*:** caixinha onde se colocava o pó que se espalhava sobre a escrita, feita à tinta, para secá-la. (**Nota da Editora.**)